

As *Geórgicas* são um dos textos mais lidos de sempre e uma obra-prima da cultura ocidental. Livro de escola da Antiguidade ao Renascimento, o poema foi publicado em 29 a.C., quando a sociedade se recompunha depois de longos anos de convulsões sociais e guerras civis. Utilizando a agricultura como pretexto, Vergílio cria um mundo entre o real e o mitológico, numa tentativa de contribuir para a renovação moral e social de Roma sob a égide de Octaviano, futuro Augusto. Nele sobressai uma exaltação da simplicidade, da vida do campo, em contraponto com a ambição cega que leva as sociedades à guerra. No final, encontramos uma das histórias de amor mais belas de sempre, Orfeu e Eúdice, símbolo da impotência humana perante a morte, a qual nem o amor pode vencer.

Paulo Farmhouse Alberto

Gabriel A. F. Silva é investigador no Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Licenciado em Estudos Clássicos e doutorado em Literatura Latina, tem dedicado a sua investigação ao estudo da magia na Antiguidade, nomeadamente em Vergílio, Horácio e nos poetas elegíacos.

Vergílio

Geórgicas



Vergílio
Geórgicas

Introdução

O autor

Públio Vergílio Marão nasceu nos idos de Outubro (dia 15) do ano 70 a.C., em Andes, localidade próxima de Mântua. Pouco se sabe sobre a sua infância e os dados de que dispomos, muitos deles fornecidos pelos seus biógrafos, estão, não poucas vezes, envoltos em lendas. Parece, porém, que era proveniente de uma família humilde. O seu pai era camponês e casado com a filha de um funcionário público, mas com dinheiro suficiente para permitir que o filho estudasse fora da sua terra natal. Vergílio partiu primeiro provavelmente para Cremona (a 60 quilómetros de Mântua), depois para Milão, no ano 55 a.C., e, por fim, para Roma. Para Donato, um dos seus mais importantes biógrafos (de meados do século IV), Vergílio terá iniciado a sua carreira poética compondo os poemas que integram a chamada *Appendix Vergiliana* (Donato, *Vita Vergiliana*, 17).¹ Depois de abandonar os estudos de oratória em Roma, com cerca de 20 ou 25 anos, se fizermos fé no poema *Catalepton* 5, dedicou-se ao estudo da filosofia em Nápoles.

Após o assassinio de Júlio César, em 44 a.C., dá-se a perseguição dos conjurados pelas tropas de Marco António e Octaviano. A vitó-

¹ Actualmente, poucos são os académicos que acreditam e sustentam a autoria vergiliana, colocando-a em causa por motivos literários, métricos e estilísticos.

ria final foi na batalha de Filipos, em 42 a.C. Terminado o conflito, os triúmviros confiscaram terras no norte de Itália para as atribuírem aos veteranos dos seus exércitos, fazendo com que, ao que tudo indica, a família de Vergílio tenha perdido as suas propriedades. Este é um tema explorado em dois poemas das *Bucólicas* (1 e 9), publicadas provavelmente no ano 39 a.C.

Nas *Bucólicas* (ou *Éclogas*), dez composições poéticas quase sempre protagonizadas por pastóres, Vergílio procede não somente à imitação de modelos (sobretudo do grego Teócrito de Siracusa, séc. III a.C.), mas também à realização de poemas de teor encomiástico, dedicados a figuras contemporâneas.

O surgimento das *Bucólicas* no panorama literário e cultural de Roma granjeou a Vergílio um êxito espantoso e terá sido por essa mesma altura que Asínio Polião, cônsul no ano 40 a.C., o apresentou a Mecenas, influente patrono das artes e das letras, próximo do círculo pessoal de Octaviano, o sobrinho-neto de César, e seu filho adoptivo, que viria a ganhar mais tarde o título de Augusto. Em 36 a.C., Vergílio começou a compor as *Geórgicas*, dedicando-as a Mecenas (*G.* 1.2). Constituindo um poema de grande erudição e de profundo amor à natureza e à sua terra, a composição do trabalho durou cerca de sete anos, tendo sido terminada em 29 a.C., dois anos após a batalha de Áccio.

Sentia-se, porém, naquela altura, a ausência de um poema que louvasse em tons épicos a era de abundância, paz e prosperidade que se vivia desde que Octaviano assumira definitivamente o controlo sobre o império, depois de vencer os exércitos de Marco António e Cleópatra em Áccio. Todos os grandes poetas da época, como Horácio e Propércio, testemunham ter havido alguma pressão para levar a cabo esta tarefa, mas nunca a aceitam. Não podemos, contudo, interpretar à letra as palavras dos poetas, uma vez que esta recusa (*recusatio*) é um tópico literário. Acaba por ser Vergílio a

encetar a escrita daquele que viria a ser o poema épico do regime augustano. É durante dez anos (29-19 a.C.) que o escreve laboriosamente, atrevendo-se a entrar no terreno da épica, cuja primazia pertencia a Homero. O interesse que despertou entre a elite intelectual romana terá sido imediato. É provável que Vergílio lesse, em contexto privado, alguns excertos da obra a outros membros do seu círculo íntimo de amigos e poetas, e Propércio (2.34.61-66) não esconde o entusiasmo que sentiu ao ouvir os primeiros versos da *Eneida*:

Que a Vergílio agrade poder cantar os litorais de Áccio
guardados por Febo, e a poderosa armada de César,
ele que agora faz reviver as armas do Troiano Encias
e as muralhas erguidas nas praias de Lavínio.

Cedei o passo, ó escritores de Roma, cedei o passo, ó Gregos!
Está a nascer qualquer coisa maior do que a *Ilíada*.²

No ano 19 a.C., quando este *opus magnum* estava já muito perto de ser terminado, Vergílio iniciou uma viagem à Grécia para poder confirmar várias informações presentes na *Eneida* e para ver com os seus próprios olhos muitos dos locais descritos na sua epopeia. Relata Donato que, antes de partir, Vergílio terá feito um último pedido a Vário, poeta e amigo: que queimasse a *Eneida*, caso algo lhe acontecesse (Donato, *Vita Vergiliana*, 39) no período em que estivesse ausente (tema que inspirou o excelente *Der Tod des Vergil* de Hermann Broch). Durante a viagem, ao chegar a Atenas, encontrou-se com Augusto, que voltava do Oriente, e acabou por regressar a Roma na sua comitiva. Vergílio, porém, adoeceu ao visitar a cidade de Mégara e, já em Brundísio, recentemente chegado a Itália, o seu estado de saúde piorou substancialmente. Morreu no

² Tradução portuguesa de PIMENTEL, M. C. (2002), in NASCIMENTO, A. (ed.), *Propércio. Elegias*, Assis-Lisboa, p. 147.

dia 21 de Setembro de 19 a.C., com honras fúnebres prestadas em Nápoles.

O período Augustano

Quando Júlio César foi assassinado, o seu filho adoptivo, agora chamado Gaio Júlio César Octaviano, ensaiou várias estratégias para surgir em Roma como herdeiro legítimo do *dictator*. Uma dessas estratégias foi afirmar que havia um testamento em que ficava clara a intenção de Júlio César em adoptar Octaviano.³

Os conturbados tempos que se sucederam, desde a batalha de Filipos até ao desfecho de Áccio, foram de grande florescimento artístico e cultural na cidade de Roma, aliado a um longo período de paz, tradicionalmente denominado *Pax Romana*. Imagens e mitologia, apoiadas em forte propaganda, contribuíam para esta ideia de paz.

Para a arquitectura, este é um tempo riquíssimo em que se procedeu à edificação de vários monumentos. Da miríade de edifícios, uns totalmente novos, outros renovados sob a égide de Octaviano, salienta-se a *Ara Pacis* (Altar da Paz). Ainda que inaugurado perto da morte do *princeps*, este altar representa todos os valores e ideais fomentados sob a paz do regime augustano. Erguido no Campo de Marte, local tradicionalmente associado à guerra e à preparação bélica, fora dos limites sagrados da urbe, o altar celebrava a paz que fora conquistada para o império e transmitia uma imagem pública apropriada do principado a qualquer romano ou visitante. Nos seus baixos-relevos descobrem-se imagens, alusões

³ Para um maior desenvolvimento destes aspectos, cf. ALBERTO, P. F. (2004), "O simbólico na construção da imagem e do programa ideológico de Augusto: os mitos de fundação da Cidade", *Ágora* 6, pp. 27-50.

e motivos frequentemente encontrados nos versos dos poetas que celebram e cantam o seu tempo. Um destes poetas, Públio Ovídio Nasão (43 a.C.–17 ou 18 d.C.), dá-nos, nos *Fasti* (1.709-719), calendário poético sobre as festividades romanas, um testemunho relativo ao dia da inauguração do altar, exortando o tempo florescente que então se vivia:

O próprio poema conduziu-nos até ao altar da Paz.

O dia é o segundo a contar do final do mês.

Vem, Paz, de cabelos atados com as ramagens de Áccio,

Deixa-te ficar gentil na terra inteira.

E embora falem inimigos e falem motivos para os triunfos,

Tu serás glória maior que a guerra para os nossos generais.

Que o soldado traga armas apenas para conter as inimigas armas,

Que a feroz tuba jamais cante a não ser nos solenes cortejos.

Que o mundo, o mais perto e o longínquo, viva em terror dos filhos de Eneias,

E se alguma terra houver que não tema Roma, que a aje.

Trazei incenso, sacerdotes, para as chamas do altar da Paz,

Que uma alva vítima caia, a frente golpeada.

E implorai aos deuses, que são favoráveis aos piedosos votos,

Que a casa que garante a paz em paz para sempre viva.⁴

A mensagem de paz que o principado pretende constantemente mostrar, em paralelo ao fomento artístico, encontra-se também expressa em outros actos de carácter absolutamente simbólico, tal como foi o fecho das portas do templo de Jano.⁵ Não é, por isso, mero acaso que Octaviano/Augusto, nas *Res Gestae Divi Augusti* (*Os feitos do Divino Augusto*), a que se poderia chamar

⁴ Tradução portuguesa de ALBERTO, P. F. (2004), p. 48.

⁵ De acordo com uma narrativa mitológica, quando os Sabinos, em guerra com os Romanos, se preparavam para invadir o Capitólio, o deus Jano terá acudido aos habitantes de Roma fazendo brotar uma nascente de água quente que afastou os Sabinos. Após este acontecimento, decidiram os Romanos deixar sempre, em tempo de guerra, abertas as portas do templo de Jano para que o deus pudesse acudir em caso de necessidade. Estando a cidade em paz, eram fechadas as portas.

notas para as suas memórias, refere que fechou as portas deste templo:

A porta de Jano Quirino, que os nossos maiores quiseram que estivesse fechada, quando por todo o império do Povo Romano as vitórias tivessem espalhado a paz, em terra e no mar, e que, antes do meu nascimento, desde a fundação da Urbe, só havia memória de ter estado fechada duas vezes ao todo, entendeu o Senado encerrá-la três vezes no meu principado.⁶

A importância deste gesto para o simbolismo em torno da *Pax Romana* é tal que chega a ser referido no início da *Eneida* (1.293-296), na profecia em que Júpiter vaticina a Vénus a supremacia do povo troiano, dando assim sinal dos tempos de prosperidade que o descendente de Eneias, Augusto, haveria de trazer ao próprio império.

*

A esta época remontam também, por excelência, os círculos literários em que poetas se organizam em torno de eminentes figuras, patronos da arte e das letras. De alguns nomes que sabemos terem exercido estas funções salientam-se os de Gaio Mecenas, Messala Corvino e Asínio Polião.

Pouco se sabe acerca da influência de Asínio enquanto patrono, embora esteja associado ao fomento da prática literária por meio da criação da primeira biblioteca pública em Roma e por ter criado as recitationes, leituras públicas de textos, que tinham lugar muitas vezes no contexto dos próprios círculos íntimos de poetas.

Messala Corvino combateu ao lado de Octaviano na batalha de Áccio e em seu redor gravitaram poetas como Tibulo, Ovídio e Sulpícia, o chamado “Círculo de Messala”. A existência de dois

panegíricos dedicados a Messala deixa-nos também entrever a estima e admiração que poderiam nutrir por si os poetas do seu círculo.

Nenhum outro nome ficou, no entanto, tão conhecido para a posteridade quanto o de Mecenas (68 a.C.–8 a.C.), tanto assim que é o seu nome que actualmente designa o acto do mecenato. Homem de grande poder e cultura, merecedor da maior confiança de Augusto, aparece na cena política de Roma na segunda metade do século I a.C., essencialmente enquanto conselheiro e diplomata. À sua *entourage* pertenceram alguns dos nomes maiores da poesia daquele tempo: Vergílio, Horácio e Propércio, para referir apenas os mais importantes, e excluindo aqueles de quem, por crueldade dos tempos e da transmissão textual, apenas conhecemos o nome ou meros fragmentos.

Patrocinar os trabalhos destes poetas consistiria em oferecer-lhes meios suficientes para que pudessem subsistir sem terem quaisquer cuidados materiais, dedicando-se apenas à sua arte. E vários são os elogios que os poetas endereçam a Mecenas, sobretudo Horácio, que, tal como a Vergílio, lhe chama “metade da minha alma” (*Odes* 2.17.5) e refere que ninguém é mais generoso do que Mecenas (*Sátiras* 1.6.2).

Não se sabe ao certo, porém, que influência teriam Mecenas e Augusto no desenvolvimento dos trabalhos dos poetas. A acreditar nas palavras de Vergílio, Horácio e Propércio, Mecenas pressionava-os para darem seguimento às carreiras poéticas: Propércio conta que Mecenas o impeliu a escrever poesia épica (poema 3.9), e Vergílio terá escrito as *Geórgicas*, conforme relata no próemio do terceiro livro dessa obra, a mando do seu protector. É preciso ter em conta que estas afirmações são extremamente controversas, não se sabendo até que ponto correspondem à verdade ou constituem um artifício literário.

⁶ Tradução portuguesa de PEREIRA, M. H. R. (2005⁵), in *Romana. Antologia da Cultura Latina*, Porto, p. 112.

As *Geórgicas*

1. Principais aspectos

As *Geórgicas*, compostas entre os anos 36 e 29 a.C., situam-se a meio da carreira poética de Vergílio (se excluirmos os poemas da *Appendix Vergiliana*). O seu nome, em latim, tradicionalmente apresentado como *Georgicon* (*Georgicon libri* – *Livros de Agricultura*), deriva da palavra grega “agricultor” (*georgos*), deixando assim adivinhar o seu conteúdo, ou parte dele. Um sumário dos quatro livros é apresentado ao leitor nos versos iniciais, mesmo antes da extensa invocação a um conjunto de divindades campestres e agrícolas:

O que torna as searas férteis, em que altura do ano convém,
ó Mecenas, lavrar a terra e atar as videiras aos ulmeiros,
qual o cuidado a ter com os bois, qual a atenção a dar
ao rebanho, a competência para criar as parcas abelhas,
agora começarei a cantá-lo.

Os quatro livros criam uma estrutura interna coerente: o pessimismo do final do livro 1, com a morte de Júlio César e a premonição do início das guerras civis, ligar-se-á ao final do livro 3, que narra a peste que assolou Itália e provocou a morte de inúmeros animais. Por outro lado, os livros 2 e 4 encontram-se unidos por um tom menos sombrio, por vezes de louvor.

O teor didáctico das *Geórgicas* não se verifica nos moldes reconhecíveis noutros textos do mesmo género. Ao contrário do que acontece em Hesíodo e Lucrécio, por exemplo, que identificam, ou pelo menos nomeiam, o destinatário dos ensinamentos, Vergílio não identifica um receptor em particular, antes dirige o texto a todos os seus leitores.

Sucedem, porém, que este texto não é um manual tradicional de agricultura. Mais do que ensinar os labores, técnicas e cuidados do campo, Vergílio pretende veicular um conjunto de ideias e mensagens, muitas vezes políticas e filosóficas, endereçadas também a um público culto e erudito. A par deste intento, pretende contribuir para um plano de renovação de aspectos — mais do que económicos — sociais, morais e ideológicos de Itália, que, àquela época, se encontrava extremamente marcada pelas recentes guerras civis que deixaram cicatrizes profundas na sua sociedade. Estes motivos não diminuem o conhecimento que Vergílio tinha do cultivo dos campos e outros temas agrícolas, e o estudo que deles fez, como se verifica pelo extenso leque de autores de literatura técnica de onde bebeu informações e influências, nomeadamente Teofrasto e Varrão.

Talvez o melhor exemplo de mensagem subliminar das *Geórgicas* seja o epílio (literalmente, “épica pequena”) de Orfeu e Eurídice, que ocupa praticamente toda a segunda metade do quarto livro. Estes versos constituem aparentemente apenas um bonito relato dos amores desafortunados de Orfeu e Eurídice.⁷ Contudo, é preciso ter noção de que não é uma história utilizada com total inocência. A fúria das Ninfas corresponde a uma quebra da harmonia entre o mundo dos deuses e o mundo terreno.⁸ Deve, por isso, o leitor ter em mente que a *pax nympharum* (paz das ninfas) estabelece um paralelo directo com a *pax deorum* (paz dos deuses), tão importante

⁷ Após dialogar com Proteu, o jovem Aristeu sabe que foi ele que, por acidente, causou a morte de Eurídice enquanto a perseguia, provocando a fúria das Ninfas, companheiras da jovem. Narra de seguida a tentativa frustrada de Orfeu recolher Eurídice do mundo subterrâneo. Orfeu, desamparado e, sobretudo, sozinho, vagueia até aos confins do mundo conhecido e acaba por ser ele próprio vítima de um sacrifício, morrendo despedaçado às mãos das mulheres da Trácia. Após a narrativa e de regresso à gruta, Aristeu recebe de Cirene ensinamentos para fazer um sacrifício ritual (*bugonia*) por forma a adquirir um novo enxame.

⁸ Nappa (2005), p. 211.

para a religião romana. Quando o ritual se encontra concluído e Aristeu recebe um novo enxame, a harmonia entre os dois mundos fica restabelecida e não há mais que temer.

A história de Aristeu constitui mais do que uma simples explicação para o ritual. Vergílio, ao utilizar um mito conhecido de todos, desafia o leitor a olhar para o quotidiano. Cria uma teia de relações entre mito e realidade circundante, num jogo de sentidos ocultos, disponíveis apenas para os olhos e mentes mais sagazes, que reconheceriam a paz restabelecida e a importância da comunidade como dois dos pontos centrais do principado augustano, aqui alegoricamente retratados.

2. Fontes e modelos

Ao compor as *Geórgicas*, Vergílio tomou como modelos diversos autores, gregos e romanos. No contexto grego recordem-se os poemas homéricos, *Ilíada* e *Odisseia*, e sobretudo o poema de Hesíodo (século VIII a.C.?), *Os Trabalhos e os Dias*, igualmente um texto didáctico sobre agricultura. Ainda num registo de literatura técnica deve referir-se a figura de Teofrasto (século IV a.C.), autor de uma vasta obra com tratados sobre plantas, que terão contribuído para o segundo livro das *Geórgicas*; os *Fenómenos* de Arato (activo no século III a.C.), pouco mais de mil versos sobre os astros e sinais atmosféricos; Nicandro (século II a.C.), autor também de umas *Geórgicas* agora perdidas e de outros trabalhos sobre animais venenosos e tratamento das suas mordeduras, e venenos e antídotos: os *Theriaca* e os *Alexipharmaca*, respectivamente. Calímaco (século III a.C.), expoente da estética chamada alexandrina, constitui uma influência fundamental em toda a obra vergiliana.

No panorama literário latino devem ser sublinhadas as presenças de Lucrécio (século I a.C.), poeta que verteu a filosofia de Epicuro para latim; Marco Terêncio Varrão (século I a.C.), que escreveu o *De Agri Cultura*, um tratado em prosa sobre agricultura. Influências do poeta Catulo (século I a.C.) figuram também neste texto, sobretudo no epílio de Orfeu e Eurídice. Por fim, o próprio Vergílio é uma fonte para o seu próprio trabalho ao usar as *Bucólicas* como modelo em alguns pontos das *Geórgicas*.⁹

3. Ambição poética e estilo

Distando das *Bucólicas*, quer em conteúdo, quer em elevação de estilo, mas não atingindo o sublime e elevado da épica, as *Geórgicas* apresentam-se amiúde como um poema de transição.

No proémio do livro 3, Vergílio estabelece de forma mais extensa e clara o seu programa poético, mediante a alegoria da criação de um templo. Depois da dedicatória aos deuses que presidirão às actividades do novo livro, e depois de recusar tratar temas e motivos já amplamente explorados, canta o poeta:

e no verde campo farei construir um templo de mármore,
junto da água do rio, onde o Míncio, enorme, erra em curvas
demoradas e tece as margens com flexíveis canaviais.
Eu terei César no centro e ele será o senhor do templo.
Em sua honra, eu, vencedor, resplandecente em púrpura de Tiro,
farei que conduzam cem carros de quadrigas junto ao rio.

O templo de mármore, localizado junto a Mântua, a terra natal de Vergílio, será, de acordo com alguns estudiosos, uma alegoria

⁹ Para um maior desenvolvimento sobre as fontes e modelos das *Geórgicas*, cf. THOMAS, R. F. (1988), pp. 4-11.

para a futura criação de um poema épico. Se o poeta, ele próprio sacerdote do templo, manifesta a intenção de posicionar Octaviano Augusto no centro do edifício, não será despiciendo formular a hipótese de que Vergílio teria já em mente a criação de uma épica de louvor à figura do *princeps*. Por forma a tornar mais palpável e real este projecto futuro, o poeta conta que, fora das portas do templo, fará representar acontecimentos recentes da história de Roma: a conquista das terras do Oriente, levada a cabo após Áccio, e o triplo triunfo celebrado por Octaviano em 29 a.C. A referência a estes elementos não será inocente, uma vez que decorreram em época coetânea à conclusão das *Geórgicas*. O conjunto de tópicos e ideias aqui apresentados não nos permite, contudo, avaliar a hipótese de que Vergílio fizesse já planos para escrever a *Eneida* tal como a conhecemos hoje, ou se, como parece mais certo, constitui apenas um plano e uma demonstração do seu crescendo de ambição poética.

A elevação do estilo das *Geórgicas* é conseguida também com auxílio de recursos estilísticos já bem presentes e enraizados na tradição épica que remonta a Homero. Tratando-se de uma obra em verso sobre um tema tão prosaico quanto o é a agricultura, Vergílio enfrentou o desafio de conciliar no seu texto um conjunto de características e motivos que o suavizam e o tornam mais atractivo para o leitor, que assim não se vê confrontado apenas com a aridez do tema proposto. Como verifica Thomas,¹⁰ devido ao carácter aparentemente didáctico do poema, Vergílio pôde distanciar-se o suficiente das suas fontes primárias e encontrar o seu próprio tom no poema. É por este motivo que, em vários momentos do terceiro livro, se dá primazia, por exemplo, ao tratamento dos cavalos, animal pouco utilizado para os trabalhos

¹⁰ 1988, pp. 24-25.

rústicos, em detrimento de porcos, burros e mulas, mais úteis para o tema que se canta. A nobreza do cavalo, com o seu porte altivo, associado às lides bélicas, contrasta com a simplicidade de outros animais mais comuns.

De modo a embelezar o texto e a estabelecer um elo entre o tema agrícola e temas mais elevados, Vergílio socorre-se não poucas vezes da mitologia, evocando *exempla* que seriam bem conhecidos dos seus leitores, como as histórias de Niso e Cila, Hero e Leandro, ou, mais desenvolvidamente, o mito de Aristeu, Proteu e Orfeu, no livro 4.

Refira-se, por último, o recurso ao símile, tão utilizado na poesia épica, que é também uma constante nas *Geórgicas*. Evoque-se, a título de exemplo, o caso do touro que, após ser vencido em batalha, se retira dos estábulos e quando regressa, restituídas as suas forças, investe, como uma onda que rebenta nas rochas do litoral, contra o inimigo já esquecido da vitória (3.235-241).

4. A tradução

Para a tradução segui o texto estabelecido por R. A. B. Mynors (Oxford, 1969). No que à elaboração das notas e glossário diz respeito, utilizei essencialmente os comentários de Richard Thomas e R. A. B. Mynors (ambos referidos a seguir) e a tradução profusamente anotada de Tomás de la Ascensión Recio García (Editorial Gredos, 1990). Procurei usar sempre uma linguagem clara e directa, sem nunca descurar a fidelidade ao texto latino, tentando manter as características do original, como, por exemplo, as antonomásias (Ceres por cereais, ou Baco por vinho).

5. Leituras posteriores

Para o “período augustano”, ver a síntese de Maria Helena Rocha Pereira (2009⁴), *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. 2, Lisboa. Numa perspectiva mais desenvolvida, ver Karl Galinsky (1996), *Augustan Culture: An Interpretive Introduction*, Princeton; Karl Galinsky (ed., 2005), *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*, Cambridge.

Sobre vários autores clássicos de poesia didáctica, ver TOOHEY, P. (1996), *Epic Lessons. An Introduction to Ancient Didactic Poetry*, London-New York.

Da extensa bibliografia sobre as *Geórgicas*, saliento os comentários principais: THOMAS, R. F. (1988), *Virgil Georgics*, 2 vols., Cambridge; MYNORS, R. A. B. (1990), *Virgil Georgics. Edited with a commentary. With a preface by R. G. M. Nisbet*, Oxford.

Relativamente a estudos, refiro o excelente volume de NÁPPA, C. (2005), *Reading after Actium: Vergil's Georgics, Octavian, and Rome*, Ann Arbor, e a colectânea de estudos de VOLK, K. (2008), *Vergil's Georgics. Oxford Readings in Classical Studies*, Oxford-New York.

Agradecimentos

Ao Professor Paulo Farmhouse Alberto agradeço a revisão da tradução, os vários momentos de aprendizagem e de salutar convívio. Mais: sem o seu apoio e larga experiência em tradução, o resultado final estaria longe de ser este. Se alguma falha subsistir no texto, não é a ele que se deve.

À Fernanda Mira Barros devo o pronto acolhimento deste projecto na Cotovia, o entusiasmo demonstrado logo desde a primeira leitura e as horas de conversas sobre o fascinante mundo da literatura greco-latina. Assim possa a Cotovia continuar a ser um farol de referência a nível nacional nas traduções de textos clássicos.

Gabriel A. F. Silva
Lisboa, Maio de 2019

Livro I

- 1-42 Dedicatória e invocação.
43-70 A lavoura.
71-99 Cuidados com o solo.
100-117 Rega, limpeza e drenagem.
118-146 Pestes e doenças.
147-159 Ceres introduz a prática agrícola. Vigilância contra os inimigos.
160-175 Ferramentas do agricultor.
176-203 Ataques da natureza aos esforços do agricultor.
204-230 Épocas de arar e semear.
231-267 As cinco zonas celestes.
268-310 Trabalhos para o mau tempo, dias feriados, para a noite e Inverno.
276-286 Dias do mês favoráveis e desfavoráveis.
287-296 Trabalho noturno.
297-310 O Verão e o Inverno.
311-350 Tempestades de Inverno e de Primavera.
351-463 Sinais meteorológicos.
464-514 Os prodígios e a guerra civil após a morte de César.

Ateno

que benéfico me assistas, e também tu, Minerva, da oliveira
a inventora, e tu, rapaz, o divulgador do recurvo arado,⁴
20 e tu que ^{canhões}acartas um jovem cipreste, Silvano, arrancado pela raiz,
e todos vós, deuses e deusas, devotados a proteger os campos,
que alimentais novas colheitas sem serem semeadas
e que do céu sobre as plantações lançais copiosa chuva.
E sim, sobretudo tu, César,⁵ se acaso no concílio dos deuses
25 vieres a participar um dia, e se porventura visitares as cidades
e se te ocupares das terras, e se o vasto mundo te receber
como promotor das colheitas e soberano das tempestades
cingindo as tuas têmporas com a materna murta,
ou se acaso fores como deus do mar imenso e os marinheiros
30 só honrem a tua divindade e que a longínqua Tule te obedeça
e Tétis te compre para genro sobre todo o mar,
ou se te juntares como novo astro aos lentos meses
onde um local, entre Erígone e os braços do Escorpião,
se abre para ti (até o ardente Escorpião contrai já os braços
35 e para ti deixou uma porção do céu mais do que justa),
seja o que vieres a ser (pois nem o Tártaro te espera como rei
— que um tão terrível desejo de reinar não se aposse de ti! —
e muito embora a Grécia admire os campos Elísios
e Prosérpina não procure seguir de novo a sua mãe),⁶

⁴ Triptólemo de Eléusis.

⁵ Augusto, filho adoptivo de Júlio César.

⁶ Depois de sumarizar os quatro livros do poema (v. 1-4), faz uma longa invocação aos deuses dos campos e da natureza endereçada a Mecenas, o aristocrata romano amante da cultura do tempo de Augusto e patrono de Vergílio, seguida de uma invocação de igual dimensão a Octaviano Augusto, o governador de Roma, geralmente considerado como seu primeiro imperador. Nesta invocação há uma advertência a Octaviano para que não se converta num governante autocrático. Por Grécia está a poesia que exalta os heróis falecidos, que habitam nos Campos Elísios. Prosérpina, a filha de Ceres, é a rainha do mundo da morte, esposa de Hades. Uma vez que comeu uma semente de romã, não poderá retornar ao mundo dos vivos. É decerto uma imagem que antecipa o episódio de Orfeu e Eurídice, que fecha as *Geórgicas*.

por Mecenas

40 dá-me um caminho fácil e favorece este meu audaz intento
e comigo compadece-te dos lavradores que ignoram por onde ir.
Vai e habitua-te desde já a ser invocado nas nossas preces.
Quando chega a Primavera e nos alvos montes a água gelada
se derrete e os torrões de terra se esboroam, soltos pelo Zéfiro,
45 que logo então o touro comece a gemer sob o arado na terra
enterrado e que a relha resplandeça polida pela leira.
Aquela terra, que sentiu um par de vezes o calor do dia e o frio,⁷
respondeu no final aos pedidos do ganancioso lavrador
e as suas enormes colheitas romperam os celeiros.
50 Mas, antes até de fender com o ferro o chão desconhecido,
tratemos de conhecer os ventos e as várias disposições
do céu, os cultivos tradicionais e a condição dos locais,
aquilo que um terreno produz e aquilo que aqueloutro recusa.
Aqui os cereais nascem mais abundantemente, ali as uvas,
55 num outro lugar crescem as jovens árvores e as ervas
espontâneas. Não vês como o Tmolos envia os aromas do açafraão,
a Índia o marfim, os efeminados Sabeus os seus incensos,⁸
e ainda os despídos Cálibes exportam o ferro, e o Ponto
o fétido castóreo,⁹ e o Epiro as vitoriosas éguas da Élide?
60 Desde o início a natureza impôs estas leis e regras eternas
a certos locais, no tempo em que pela primeira vez
Deucalião¹⁰ atirou pedras ao chão no mundo deserto,

⁷ Refere-se a duas colheitas por ano.

⁸ Os árabes, como a maioria dos povos orientais, eram tradicionalmente caracterizados como efeminados.

⁹ Substância oleosa glandular do castor. Na Antiguidade era muito usada na medicina.

¹⁰ Quando Zeus quis aniquilar todos os homens da Idade do Bronze, enviou um dilúvio à terra, do qual só sobreviveram Deucalião e Pirra, a sua mulher. Para repovoar a Terra, estes, obedecendo ao oráculo de Delfos, atiraram pedras por cima dos ombros, que se transformaram em homens.

das quais nasceram os homens, raça dura. Ora muito bem,
 que os possantes bois revirem o rico solo da terra desde
 65 os primeiros meses do ano e que o estiô poeirento aqueça,
 com os raios de sol maduros, os torrões de terra jazentes.
 Mas, a menos que a terra não seja fecunda, à chegada do próprio
 Arcturo será suficiente levantá-la com um pequeno sulco,
 ali, para que as ervas daninhas não abafem os ricos cereais,
 70 aqui, para que a escassa humidade não deixe estéril a terra leve.

Tu mesmo deixarás à vez em repouso os campos ceifados
 e deixarás endurecer em pousio as inactivas terras.
 Numa outra altura do ano semearás a dourada espelta ali
 onde já antes colheste as ricas leguminosas nas agitadas vagens,
 75 ou os pequenos grãos da ervilhaca e do amargo tremçoço
 e as suas delicadas hastes, uma vegetação ruidosa.
 A colheita do linho queima o campo, queima-o a da aveia
 e queimam-no as papoilas banhadas com o sono do Letes.¹¹
 Porém, a lavoura é fácil se o cultivo for alternado.
 80 Não te envergonhes de saciar os solos áridos com estrume
 fecundo e de deitar a cinza suja nos campos cansados.
 Deste modo, alternando as produções, os campos descansam.
 Não aches que durante este tempo as terras por lavrar
 são ingratas. Muitas vezes também foi proveitoso lançar
 85 fogo aos campos sem produção e queimar o leve restolho
 com crepitantes chamas, quer porque daqui as terras reúnem
 forças ocultas e alimentos ricos, quer porque todo o defeito
 é consumido pelo fogo e a humidade prejudicial é expelida,
 ou porque o calor dilata os caminhos e respiradouros
 90 secretos por onde a seiva vem até às tenras ervas,

¹¹ Na Grécia e em Roma conheciam-se os efeitos hipnóticos da papoila, que era usada na medicina.

ou porque endurece mais o solo e aperta as veias abertas
 para que as leves chuvas ou a força mais ardente
 do violento sol ou o frio penetrante do Bóreas não as queime.
 Na verdade, aquele que com sachos quebra os inertes torrões
 95 e arrasta os rastelos de vime dá grande ajuda aos campos
 e não é em vão que a loira Ceres o observa do escarpado Olimpo.
 E também a dá aquele que, virando o arado, trilha em oblíquo
 de novo os torrões de terra que levantou quando cortou o solo,
 e quem trabalha a terra assiduamente e manda nos campos.

100 Suplicai por Verões húmidos e Invernos tranquilos,
 ó lavradores! O trigo é mais abundante no Inverno poeirento
 e fértil é o campo. A Mísia gaba-se dele mesmo sem o cultivar
 e até os Gárgaros se espantam com as suas próprias colheitas.¹²
 Para quê falar daquele que, após lançar a semente, de imediato
 105 ataca os campos e derruba os torrões de terra barrenta
 e depois conduz sobre as colheitas as águas do rio pelos regos
 e, quando o campo seco está ardente e a vegetação vai morrendo,
 eis que faz vir a água a descer desde o cimo do canal?
 A água, ao deslizar pelas pedras polidas, provoca um rouco
 110 murmúrio e em golfadas tempera os campos secos.
 Que direi daquele que, para que o colmo não caia sob as pesadas
 espigas, desbasta o excesso da vegetação na tenra erva
 logo que as plantações igualam as leiras? E daquele que
 com a areia absorvente retira dos charcos a humidade reunida,
 115 especialmente quando, em meses incertos, o rio caudaloso sai
 do leito e, arrastando o lodo, tudo cobre numa larga extensão
 pela qual as côncavas valas transbordam de água tépida?

¹² A fertilidade da Ásia é proverbial. A Mísia é uma extensa região da Ásia Menor e possuía as condições climáticas propícias para produzir abundantes colheitas.

120 Ainda que sejam estes os trabalhos dos homens e dos bois experientes em lavrar a terra, o ganancioso ganso e os groux do Estrímon e a chicória de amargas fibras são prejudiciais, a sombra é nociva. O próprio Pai quis que a via do cultivo não fosse fácil.¹³ Foi o primeiro que, com um plano astuto, fez arar os campos, aguçando a inteligência dos mortais com cuidados, e não deixou que o seu reino ficasse parado num pesado torpor.

125 Antes de Júpiter, nenhuns habitantes lavravam os campos, nem na verdade era lícito marcar ou repartir o campo com limites. Procuravam eles antes o bem comum. E a própria terra, sem que ninguém lhe requeresse, tudo produzia sem restrições. Foi ele quem adicionou o pérfido veneno às letais serpentes

130 e ordenou que os lobos se pusessem a roubar, e o mar se agitasse. Sacudiu o mel das folhas, fez desaparecer o fogo e reteve o vinho que corria nos rios por todas as partes para que a experiência, congeminando, produzisse várias técnicas a pouco e pouco, e nos sulcos procurasse a planta do trigo e lograsse fazer sair o fogo escondido nas veias do sílex.

135 Então os rios sentiram pela primeira vez sobre si os ocos amieiros, então o navegador enumerou as estrelas e deu-lhes nomes: Plêiades, Híades, e a resplandecente Ursa de Licáon.¹⁴

140 Então inventaram apanhar as feras com laços, enganar os pássaros com visco e circundar as clareiras das grandes florestas com cães.

Já um homem vergasta o largo rio com uma rede procurando o fundo e outro arrasta pelo mar as molhadas linhas. Então veio a dureza do ferro e a lâmina aguçada da serra (pois os primeiros homens cortavam com cunhas a madeira),

145 então vieram as várias artes. O trabalho insaciável tudo ocupou, tal como a carência que nos pressiona nos momentos difíceis.

¹³ Júpiter.

¹⁴ Três constelações usadas para a navegação, particularmente as duas primeiras.

Ceres foi a primeira que ensinou os mortais a revolver a terra com o ferro quando já as bolotas e os medronhos do sagrado bosque escasseavam e Dodona negava o alimento.

150 Pouco depois, uma nova aflição foi dada aos cereais: a daninha alforra pôs-se a devorar os colmos e o estéril cardo ergueu-se nos campos. Perdem-se as searas, surge a áspera silva e bardanas e abrolhos. E no meio de plantações saudáveis grassam o estéril joio e as hastes de palha infecunda.

155 Pois se não perseguires tenazmente a erva com o sacho sem parar e não assustares as aves com estrondos, se não podares as sombras do campo escuro com a podoa e não chamares a chuva com preces, ai!, sem proveito contemplarás o grande monte de trigo do vizinho e terás de mitigar a fome nos bosques, sacudindo o carvalho.

160 Tenho de falar também sobre as armas dos rijos lavradores sem as quais as searas não poderiam ser semeadas nem crescer. Primeiro, abordarei a força pesada da relha do recurvo arado e os carros de bois de lenta marcha da mãe de Elêusis,¹⁵ as grades de debulha e outros arrastos, e os sachos de peso desmedido.

165 Depois, os baratos cestos de vime de Céleo, os entrançados de medronheiro e o místico cesto de despallar de Iaco.

Lembra-te de fornecer e colocar de parte tudo isto com antecedência, se é para mereceres a glória do divino campo que é para ser tua. De início, nos bosques um ulmeiro é dobrado com muita força para vir a ser a rabiça e ganhar a forma do recurvo arado.

170 O timão alonga-se desde a base num comprimento de oito pés, duas são as aivecas e a rabela é ajustada ao duplo dorso.

Antes, corta-se uma leve tília para o jugo e uma alta faixa para a rabiça que guia o carro desde baixo a partir da retaguarda.

175 O fumo explora por completo a madeira pendurada sobre o fogo.

¹⁵ Ceres.

Posso contar-te muitos preceitos dos homens de antigamente, se não abalares e não tiveres preguiça de saber estes triviais cuidados. Primeiramente, a eira deve ser nivelada com um grande cilindro, após ser revolvida com força e tornada sólida com aderente argila
180 para que as ervas não cresçam nem ela falhe, vencida pelo pó.

Ora, várias são as pragas nocivas. Muitas vezes o ratinho situou a sua morada debaixo da terra e fê-la o seu celeiro.

Outras vezes, as toupeiras, privadas de vista, escavaram aí tocas e o musaranho é achado em buracos, e todas as outras criaturas
185 que as terras produzem. O gorgulho devasta um grande monte de cereais, tal como a formiga que receia a indigente velhice.

Observa também quando a noqueira nos bosques se revestir ricamente de flores e curvar os seus ramos de agradável perfume. Se forem abundantes os frutos, assim os cereais segui-los-ão

190 e com o intenso calor grande virá a ser a debulha.

Mas se, pelo excesso de folhas, a sombra for abundante, em vão a tua eira malhará o cereal, rico apenas em palha.

Vi seguramente que muitos cuidavam das sementes plantadas e que antes as cobriam com nitrato e a negra água da azeitona

195 para que tivessem grãos maiores nas vagens enganadoras e que, mesmo com fogo brando, cozessem mais depressa.

Vi sementes seleccionadas há muito, cuidadas com muito labor, que, porém, degenerariam se a força humana todos os anos não separasse as maiores à mão. Assim, só pelos fados

200 tudo se desmorona para o pior, se degrada e retrocede, tal como aquele que a muito custo impele com os remos o barco contra a corrente e, se acaso descansa os braços, o leito do rio arrasta-o precipitadamente à sua frente.

Além disso, devemos observar a estrela Arcturo
205 e a época dos Cordeiros e o brilhante Dragão, tal como aqueles que, navegando para a pátria por mares ventosos, tentam chegar ao Ponto e ao estreito da ostrífera Abido. Quando a Balança fizer iguais as horas do dia e do sono e dividir metade do mundo com luz e a outra com sombras,¹⁶
210 levai, ó homens, os touros, semeai a cevada nos campos mesmo até ao início das chuvas do intratável Inverno. É também altura de cobrir com terra a sementeira de linho e a papoila de Ceres, e de nos debruçarmos sobre os arados enquanto é possível na terra seca e as nuvens estão suspensas.
215 A plantação de favas é na Primavera. Então também, ó alfafa, os sulcos moles te acolhem, e é para o milhete o nosso cuidado anual quando o alvo Touro de cornos dourados abre o ano e o Cão, ao pôr-se, cede o lugar ao astro oposto. Mas se para uma colheita de trigo e robusta espelta
220 trabalhares o solo e te ocupares apenas das espigas, deixa primeiro que as Atlântides se escondam de ti na Aurora e que se ponha a estrela de Cnosos de flamejante Coroa antes que entregues as sementes devidas às leiras e te apresses a confiar a esperança do ano à terra contrariada.
225 Muitos começaram antes do ocaso de Maia. Mas a estes a aguardada colheita enganou-os com espigas vãs. Se realmente semeares ervilhaca e o vulgar feijão e não menosprezares o cuidado pela lentilha de Pelúcio, o Boieiro, ao pôr-se, enviar-te-á sinais nada duvidosos.
230 Começa e prolonga a sementeira até meio do Inverno.

¹⁶ Equinócio de Outono.

Por esta razão, o sol dourado governa a esfera celeste, medida em partes exactas pelas doze constelações do firmamento.

Cinco são as zonas que ocupam o céu. Uma delas está sempre ardente pelo sol cintilante e queimada pelo fogo.

235 Em torno desta, à direita e à esquerda, estendem-se duas zonas limítrofes, sombrias, congeladas pelo gelo e negras chuvas.

Entre estas e a do meio, duas foram concedidas aos mortais desgraçados como oferenda dos deuses. Um caminho foi aberto entre as duas, por onde a fila das constelações corresse oblíqua.

240 O mundo, tal como sobe a pique até à Cítia e aos cimos dos montes Rifeus, também se baixa, inclinando-se até aos Austros da Líbia.

Este polo está sempre por cima de nós. Mas o outro observa sob os nossos pés o negro Estige e os Manes das profundezas.

Aqui, o enorme Dragão desliza com uma curva sinuosa

245 à maneira dos rios, entre as duas Ursas e mais além, Ursas que receiam banhar-se na superfície do Oceano.¹⁷

Lá, como contam, a noite profunda está sempre silenciosa e sob a protecção da noite as trevas se adensam e a Aurora, regressando de junto de nós, conduz para ali de volta o dia.

250 E mal o Sol nos bafejou com os seus cavalos ofegantes, ali mesmo o cintilante Vésper acende as luzes tardias.

Num céu instável podemos, por um lado, prever o tempo, por outro, o dia da colheita e a altura para semear,

quando é oportuno impelir o mar perigoso com os remos, 255 quando se pode lançar à água as frotas armadas

ou nos bosques derrubar os pinheiros na altura própria.

Não em vão observamos o nascer e o pôr das constelações e a divisão do ano em quatro estações distintas.

E se em alguma ocasião a fria chuva retém o agricultor,

¹⁷ As duas Ursas estão sempre sobre o horizonte, não chegando nunca a desaparecer nas águas do oceano.

260 muitas coisas, que depois seriam feitas à pressa sob o céu sereno, é permitido preparar com tempo. Um lavrador forja o dente duro do arado embotado, talha tinhas de madeira para as uvas, marca o gado ou contabiliza os fardos empilhados de cereal.

Outros aguçam as estacas e as forquilhas de dois dentes

265 e preparam os atilhos de salgueiro da Améria para a videira flexível.

Nesta época, que se entreteça o cesto prestável com varas de silvas.

Triturai-os agora com uma pedra, agora torrai os cereais com o fogo.

Na verdade, até nos dias festivos as leis dos deuses e dos homens permitem fazer algumas tarefas. Sentimento religioso nenhum

270 proibiu trazer água dos rios e proteger a seara com uma sebe

e montar armadilhas para os pássaros, e queimar os matos

ou banhar o rebanho de ovelhas num rio salutar. Muitas vezes

o arrieiro carrega o dorso do vagaroso burrinho com azeite

ou com frutos de pouco valor e, ao regressar da cidade,

275 traz uma mó picada a martelo ou uma massa de negro pez.

A própria lua indicou outros dias favoráveis, noutra ordem, para o trabalho. Foge do quinto dia da lua: nasceram nele

o pálido Orco e as Euménides. Nessa altura, com um parto

terrível, a Terra gera Ceo, e Jápeto, e o cruel Tifeu,

280 e os irmãos conjurados para rasgar o céu.¹⁸

Três vezes tentaram colocar sobre o Pélion o Ossa,

e sobre o Ossa fazer rolar o frondoso Olimpo,

três vezes o Pai derrubou com um raio as altas montanhas.

O sétimo dia depois do décimo é propício para plantar a videira,

285 para apanhar e domar os bois e para prender os fios no tear.

O nono é o melhor para o servo fugitivo mas adverso para o ladrão.¹⁹

¹⁸ Oto e Efialtes.

¹⁹ Neste dia a lua estaria quase cheia. Nesse sentido, o furto seria desencorajado.

Na verdade, muitas tarefas realizam-se melhor na noite fria
 ou quando Eoo, antes de raiar o sol, cobre as terras de orvalho.
 De noite corta-se melhor o leve restolho dos cereais e de noite
 290 se cortam os secos prados. Às noites não falta a macia humidade.
 Este passa a noite a velar à luz tardia de uma chama invernal
 e talha as tochas em forma de espiga com uma lâmina afiada.
 Entretanto, a esposa consola-se do longo trabalho cantando
 enquanto percorre a urdidura com o sonoro pente
 295 ou coze nas chamas de Vulcano o sumo do doce mosto
 e com folhas retira a espuma do pote de bronze trepidante.

Por outro lado, a avermelhada Ceres ceifa-se em pleno Verão
 e em pleno Verão a eira malha os cereais secos. Ara com pouca roupa,
 com pouca roupa semeia.²⁰ O Inverno é preguiçoso para o lavrador.
 300 Na estação fria, os agricultores desfrutam da sua produção
e, alegres, reconfortam-se uns com os outros em convívios comuns.
Alegremente, o Inverno convida-os a libertarem-se dos cuidados,
tal como quando já chegaram ao porto os barcos carregados
e os marinheiros alegres colocaram coroas nas suas popas.
 305 Todavia, também é tempo para colher as bolotas do carvalho
 e as bagas do loureiro, a azeitona e a murta cor de sangue,
 e de colocar armadilhas para os groues e redes para os cervos
 e perseguir lebres de longas orelhas, e abater os gamos
 rodopiando as correias de estopa da funda das Baleares²¹
 310 quando alta jaz a neve, quando os rios empurram os blocos de gelo.

Que devo dizer das tempestades e das constelações de Outono,
 quando o dia já é mais curto e o calor mais ameno,

²⁰ Antigo aforismo agrícola, presente já em Hesíodo, *Trabalhos e Dias*, 381.

²¹ Os habitantes das ilhas Baleares eram famosos pela sua perícia em atirar o estilingue.

e do que os homens devem cuidar? Ou quando chuvosa desaba
 a Primavera, quando a seara cheia de trigo já se eriçou nos campos
 315 e quando os cereais de leitosa seiva incham no colmo verde?
 Eu muitas vezes vi quando o lavrador levava a segadeira
 aos campos dourados e colhia do frágil caule as espigas de cevada,
 vi chocar as batalhas dos ventos de todos os lados
 que pelos ares arrancavam vastamente a seara prenhe, extirpada
 320 desde as raízes mais profundas. Assim, pelo negro turbilhão,
 a tempestade levava as palhas leves e o feno esvoaçando.
 Muitas vezes também uma imensa coluna de água vem do céu
 e as nuvens, reunidas desde o alto, aglomeram-se em tempestade
 terrível de negras chuvas. Desaba o altíssimo céu
 325 e a chuva dissipa as fartas sementeiras e os trabalhos
 dos bois. Enchem-se as valas e com estrondo os leitões dos rios
 expandem-se e o mar ferve com as vagas alterosas.
 O próprio Pai, no meio da noite nebulosa, dispara raios
 com a sua dextra vibrante. Com o seu embate treme a terra
 330 inteira. As feras fugiram e o pavor humilde prostrou
 os corações mortais de todos os povos. Ele, com um ardente
 raio, derrubou o Atos, ou o Ródope, ou os altos dos montes
 Ceráunios. Redobram os Austros e uma chuva fortíssima.
 Ora os bosques choram com o vento muito forte, ora os litorais.
 335 Receando isto, observa os meses do céu e as constelações,
 para onde a gelada estrela de Saturno se retira,
 e que em círculos no céu vagueia o fogo de Cilene.²²

Primeiro de tudo, venera as divindades. À grande Ceres
 oferece sacrifícios anuais, praticando-os sobre ervas favoráveis
 mesmo no fim do Inverno, já com a serena Primavera a chegar.

Então estão gordos os cordeiros e os vinhos muito macios,
então os sonos são doces e as sombras adensam-se nos montes.
Vê lá que toda a juventude do campo adore Ceres.
Para ela mistura favos de mel no leite e no doce Baco
345 e que três vezes a vítima auspiciosa rodeie as novas sementeiras
e o grupo todo dos teus companheiros em festa a acompanhe
e com clamor chame Ceres para as suas casas.
E que ninguém ponha a foice junto das espigas maduras
antes de cingir as têmeoras com retorcido carvalho
350 e, dançando livremente, entoe cânticos a Ceres.²³

E para que possamos aprender isto com os sinais certos
— os calores, as chuvas e os ventos que trazem o frio —,
o próprio Pai estabeleceu o que a lua mensalmente anunciaria,
com que indicação cessariam os Austros, o que, observando,
355 muitas vezes faria os agricultores ter o gado junto aos currais.
De imediato, levantando-se os ventos, as ondas do mar
começam, revoltas, a inchar e um fragor seco ouve-se
nos altos montes, e os litorais que ressoam ao longe
enchem-se do tumulto e recrudescer o murmúrio dos bosques.
360 Já as ondas nessa altura não poupam as curvas quilhas
quando os mergulhões céleres voam de volta do meio do mar
trazendo os seus grasnidos à costa e quando as gaivotas
brincam em terra firme e a garça real abandona os lagos
que lhe são familiares e voa acima das altas nuvens.
365 Verás também muitas vezes, quando o vento é iminente,
estrelas precipitando-se no céu e na sombra da noite
e, por trás delas, longos rastros de chamas iluminando-se.
Verás muitas vezes esvoaçar a leve palha e a folhagem caduca

²³ Referência aos *Cerealia*, um festival religioso dedicado a Ceres, que se celebrava em Abril.

e as plumas a nadar, brincando à tona da água.
370 Mas quando relampeja do lado do ameaçador Bóreas,
e quando ribomba a casa do Euro e do Zéfiro, todos os campos
se afogam com as valas cheias e todo o marinheiro no mar
recolhe as velas molhadas. Nunca a chuva foi prejudicial
aos homens sem serem prevenidos: ou os groux que voam
375 bem alto do fundo dos vales a ela fugiram, ou a bezerra,
olhando para o céu, inalou o ar com as narinas abertas,
ou em redor dos lagos esvoaçou a chilreante andorinha
e nos charcos cantaram as rãs o seu queixume habitual.
Muitas vezes a formiga, trilhando um caminho estreito,
380 tirou os ovos do fundo das suas moradas e o imenso arco-íris
sorveu as águas e um exército de gralhas, saindo do pasto
em grande esquadrão, crocitou em densas formações.
Já as várias aves do mar, e as que inspeccionam os prados
asiáticos em volta das lagoas de água fresca do Caistro,
385 ao desafio derramam água abundante sobre os ombros.
Ora as verias pôr a cabeça contra as ondas, ora correr para
as águas ansiando em vão saciar o desejo de se lavarem.
Então a maçadora gralha chama a plena voz a chuva
e sozinha deambula pela areia seca.
390 Nem sequer às raparigas que de noite cardavam a lã passou
despercebida a chegada da borrasca, ao verem cintilar o azeite
na lâmpada ardente e no pavio crescer o pútrido bolor.
Não menos facilmente poderás em tempo de chuva discernir
os dias de sol e o céu descoberto e conhecê-los com sinais certos.
395 Pois então nem o brilho dos astros parece enfraquecido,
nem a Lua se ergue vinculada aos raios do irmão,
nem nuvens, quais ligeiros velos de lã, são levadas pelo céu.
Os alcíones queridos a Tétis não abrem as asas na praia
para o tépido sol, e não se lembram os sujos porcos

400 de desfazer fardos de palha, que soltam com o focinho.
 Mas as nuvens buscam lugares mais baixos e deitam-se
 no campo. Observando o ocaso do sol do cimo do telhado,
 em vão a coruja entoa os seus cantos tardios.
 Niso mostra-se lá no alto, no ar transparente,
 405 e Cila é castigada por causa do seu purpúreo cabelo:
 por onde quer que fuja e corte o ar ligeiro com as asas,
 eis que Niso, seu atroz inimigo, a persegue pelos ares
 com grande estridor. Por onde Niso voa pelas brisas,
 ela, fugindo apressadamente, corta o ar ligeiro com as asas.
 410 Então as gralhas três ou quatro vezes redobram a límpida
 voz apertando a garganta e amiúde, nos ninhos elevados,
 não sei com que doçura além do normal, elas, alegres,
 chilreiam umas às outras entre as folhas. Passada a chuva,
 agrada-lhes rever os filhos pequenos, sua terna criação.
 415 Não creio seguramente que seja assim porque possuam
 uma inspiração divina ou maior previsão das coisas pelo destino.
 Na verdade, quando o tempo e a chuva móvel dos céus
 mudaram os seus caminhos e Júpiter, molhado pelos Austros,
 condensa o que há pouco era disperso e relaxa o que era denso,
 420 o aspecto das suas mentes muda e os seus peitos concebem
 já outras emoções diferentes daquelas que sentiam quando o vento
 dirigia as nuvens. Daqui vem o cantar conjunto das aves nos campos
 e os rebanhos alegres, e os corvos que soltam gritos de alegria.

{ Se, na verdade, olhares para o sol arrebatador e para as fases da lua
 425 { que seguem em sucessão, nunca o dia de amanhã te enganará
 { nem serás apanhado pelas armadilhas de uma noite serena.
 Logo que a lua recolher os fogos que depois regressarão,
 se ela envolver a negra atmosfera com um corno negro
 uma chuva torrencial cairá sobre os agricultores e o mar.

430 Mas se tiver tingido o seu rosto com um rubor virginal,
 haverá vento: com o vento sempre brilha a dourada Febe.
 Se ao quarto dia de lua nova (pois este é um guia fidelíssimo),
 atravessar o céu, límpida e sem os cornos esbatidos,
 todo esse dia e aqueles que vierem depois dele
 435 até ao fim do mês estarão livres de chuva e de vento
 e os marinheiros, salvos, cumprirão na praia os votos
 a Glauco, e a Panopeia e a Melicertes, o filho de Ino.
 Também o sol ao nascer e quando se esconde nas ondas
 dará sinais. Sinais muito seguros seguirão o sol,
 440 os que traz de manhã e os que vêm ao nascer das estrelas.
 Quando ele matizar com manchas o seu nascimento
 escondido numa nuvem, e se refugiar no meio do seu disco,
 suspeita que pode chover. Pois lá do alto ameaça
 o Noto, funesto para as árvores, os campos é o gado.
 445 Ou quando os raios dispersos antes de amanhecer irrompem
 entre nuvens densas, ou quando a Aurora se levanta
 pálida, abandonando o leito cor de açafraão de Titono,
 ai!, então a muito custo a parra defende as doces uvas:
 tanto é o granizo que saltita, crepitando, nos telhados eriçados.
 450 Também isto, quando já o sol se pôs, percorrido o Olimpo,
 será proveitoso lembrar. Pois muitas vezes vemos
 que várias cores deambulam no seu próprio rosto.
 Manchas escuras revelam chuva, avermelhadas o Euro.
 Se as manchas começarem a misturar-se com o rútilo fogo,
 455 então igualmente verás que com vento e nuvens tudo
 fervilha. Que em tal noite ninguém me recomende navegar
 no alto mar, nem arrancar da terra as amarras.
 Mas se o seu disco for luminoso quando trouxer o dia
 e se se puser com o que trouxe, em vão recearás as nuvens
 460 e verás que é o límpido Aquilão que agita os bosques.

Finalmente, o que traz o Vésper tardio, de onde sopra
o vento as nuvens serenas, sobre o que medita o húmido Austro,
o sol dar-te-á indicações.

Quem se atreverá a dizer que o sol
engana? Ele muitas vezes avisa até dos conflitos escondidos
465 que nos ameaçam e das guerras encobertas que se avolumam.
E também ele quando César morreu²⁴ se apiedou de Roma,
quando cobriu a resplandecente cabeça com negra escuridão
e as sacrílegas gerações temeram uma noite eterna.
E isto deu-se, embora já então a terra e as águas do mar
470 e as cadelas que anunciam desgraça e as aves de mau agoiro
dessem sinais. Quantas vezes vimos o Etna, rebentadas
as fornalhas, transbordar a ferver sobre os campos dos Ciclopes
e fazer rebolar bolas de fogo e rochas liquefeitas!
A Germânia escutou o estrondo das armas em toda
475 a extensão do céu e com abalos insólitos tremeram os Alpes.
Por toda a parte se ouviu também pelos bosques silenciosos
vozes retumbantes. Pálidos fantasmas de formas espantosas
viram-se ao chegar a escuridão da noite e o gado falou
(coisa monstruosa!). Os rios detêm-se, as terras fendem-se.
480 O marfim nos templos chora, desolado, e os bronzes suam.
Rodopiando em louco turbilhão, o Erídano, rei dos rios,
arrasta os bosques e espalha pelos campos todos
o gado com os seus estábulos. Nem nesse tempo as veias
deixaram de revelar ameaças nas funestas vísceras,
nem o sangue de afluir dos poços, nem as altivas
cidades deixaram de ecoar na noite os uivos dos lobos.
485 Jamais tantos relâmpagos caíram de um céu tranquilo,

²⁴ Início da descrição dos fenómenos que ocorreram após a morte de Júlio César, nos idos de Março do ano 44 a.C., sendo o primeiro um eclipse solar.

nem tantas vezes brilharam os cometas de mau agoiro.
Sem surpresa, pois, lutando entre si com armas idênticas,
490 de novo Filipo contemplou os exércitos romanos.
Nem foi monstruoso para os deuses tornar fértil duas vezes
a Emátia e os vastos campos do Hemo com o nosso sangue.
Virá naturalmente o tempo em que o agricultor,
lavrando a terra nesses territórios com o recurvo arado,
495 encontrará lanças consumidas pela áspera ferrugem
ou com as pesadas enxadas baterá em capacetes ocos
e se pasmará com os grandes ossos nos sepulcros escavados.
Ó pátrios deuses Indígetes, Rómulo e Vesta, nossa mãe,
tu, que o etrusco Tibre e o romano Palatino proteges,
500 não proibi este jovem²⁵ de vir pelo menos socorrer
um mundo destroçado! Já há muito que com o nosso sangue
pagamos pelos perjúrios de Laomedonte de Tróia.
Desde há muito que a régia morada dos céus, César, por ti
nos inveja e se lamenta que te ocupes dos triunfos dos homens.
505 Pois é, está invertido o que é lícito e o que não é: tantas guerras
pelo mundo, tantas as faces do crime e ao arado honra alguma
é concedida! Expulsos os lavradores, os campos ficam incultos,
ao abandono, e as curvas foices são fundidas em duras espadas.
Daqui traz o Eufrates a guerra, dali traz a Germânia.
510 Quebrados os pactos entre si, as cidades vizinhas pegam
em armas. O ímpio Marte corre enfurecido pelo mundo inteiro,²⁶
tal como quando as quadrigas se derramam da linha de partida²⁷
e aceleram na pista e o auriga, puxando em vão as rédeas,
é levado pelos cavalos. E às rédeas já a quadriga não obedece.

²⁵ Octaviano Augusto.

²⁶ Refere-se à guerra civil no mundo romano que sucedeu à morte de Júlio César (44 a.C.).

²⁷ Em rigor, as boxas das pistas das corridas de cavalos.

Livro II

- 1-8 Proémio.
9-34 Reprodução espontânea das árvores.
35-46 Novo proémio.
47-82 Enxertia e estaquia.
83-108 Variedades de árvores, especialmente a vinha e a oliveira.
109-135 Produção de árvores e plantas consoante o clima e o terreno.
136-176 Os louvores de Itália.
177-225 Tipos de solos.
226-258 Como reconhecer o tipo de solo.
259-287 Preparação do solo para as vinhas.
288-297 A profundidade das covas. As raízes e copa do carvalho.
298-314 Algumas precauções a tomar.
315-345 Quando se deve arar e plantar a vinha. O louvor da Primavera.
346-353 Adubação e cuidados a ter com as plantas ainda novas.
354-361 O cultivo com enxada ou charrua.
362-370 Contenções e liberdades durante a poda.
371-396 Perigos relacionados com as vinhas. As origens do drama grego e da poesia romana.
397-419 Outros preceitos para cuidar das vinhas.
420-457 A oliveira e outras árvores.
458-542 Elogios à vida campestre e as preferências do poeta.

ATÉ AQUI tratei o cultivo dos campos e os astros do céu.
Agora, Baco, cantar-te-ei, e contigo as árvores silvestres
e os frutos da oliveira que crescem vagarosamente.

- Vem até aqui, ó Leneu, meu pai! Aqui está tudo cheio
5 das tuas oferendas. Para ti, carregado das outonais parras,
floresce o campo, espuma a vindima em talhas cheias.
Vem até aqui, ó Leneu, meu pai! E, tirando os coturnos,²⁸
tinge comigo as pernas nuas com o novo mosto.

- A natureza tem, antes de mais, várias formas de criar árvores.
10 Umás, sem coacção alguma dos homens, desenvolvem-se
de livre vontade e ocupam até bem longe os campos e os rios
sinuosos, tal como o suave vime e as maleáveis giestas,
o choupo e os salgueiros encanecidos com verde folhagem.
Outras surgem, porém, da semente caída, como os altos
15 castanheiros e a maior árvore dos bosques, que cresce para Júpiter,
o carvalho, e os robles tidos como oráculos pelos Gregos.²⁹

²⁸ Os coturnos são o calçado típico das representações trágicas, mas aqui são também uma referência a um calçado alto, tradicional dos caçadores.

²⁹ Trata-se, respectivamente, do *Quercus frainetto* (comum no sul da Itália e nos Balcãs) e do carvalho-alvo, *Quercus petraea*.

Noutras, um densíssimo matagal de rebentos sai da base de árvores como as cerejeiras e os ulmeiros. Também o loureiro do Parnaso se ergue ainda juvenzinho sob a enorme sombra da mãe.

20 Estes métodos deu a natureza em primeiro lugar. Graças a eles, todo o tipo de árvores verdeja, pequenas, grandes e solenes.

Outros há que a própria experiência, ao evoluir, descobriu por si. Este homem cortou rebentos do delicado corpo das mães e plantou-os em valas, aquele enterrou ramos na terra,

25 estacas de base cortada em quatro e estacas aguçadas de carvalho.

Outras aguardam os arcos forçados dos rebentos das árvores e os novos rebentos providos da mesma terra.³⁰

Outras não precisam de vir da raiz e o podador não hesita em cortar do topo e entregar de volta à terra.

30 E há mais: uma vez cortados os cepos (admirável de dizer!), uma raiz de oliveira brota da madeira seca e amiúde vemos converter-se sem perigo os ramos de um nos ramos de outro, e a maçã enxertada dá pêras transformadas, e os cornisos de grande caroço enrubescem nas ameixeiras.

35 Por isso, vamos!, aprendei os cultivos próprios de cada espécie, ó lavradores, e domesticai os frutos selvagens ao cultivá-los.

Que as terras não jazam inactivas. Causa prazer plantar o Ísmaro com Baco e cobrir de oliveiras o enorme Taburno.

E tu ajuda-me, comigo termina o trabalho começado,

40 ó glória, parte maior, com merecimento, da minha fama, tu, ó Mecenas, e iça as velas para voar sobre um mar aberto.

Eu não desejo abranger todas as coisas com os meus versos.

Não o desejo, mesmo se tivesse cem línguas e cem bocas

e uma voz de ferro. Ajuda-me e bordeja a orla do litoral próximo.

³⁰ Mergulhia. Vara comprida de uma planta que se curva para enterrar, ficando a ponta de fora. Assim, poderá criar raízes e fazer nascer uma nova planta.

45 As terras estão ao alcance da mão. Aqui, não te ocuparei com um poema ficcional, digressões ou longos preâmbulos.

As árvores que se erguem de moto próprio para as regiões da luz são na verdade infecundas, embora se ergam viçosas e fortes.

De facto, o poder da natureza está oculto no solo. Mas se alguém
50 as enxertasse ou, transplantando-as, as entregasse a covas feitas, despiriam o seu estado silvestre, e com um cultivo frequente adaptar-se-iam sem demora a quaisquer técnicas que tu quisesses. Também a árvore que, estéril, brota das próprias raízes profundas
55 o poderia fazer, se fosse transplantada em terrenos abertos.

Tal como está, as altas folhagens e ramos da mãe fazem-lhe sombra e impedem as jovens de crescer, e arruinam-nas ao gerá-las.

Já a árvore que se ergueu de sementes lançadas ao solo cresce lentamente e fará sombra apenas aos netos tardios.

Também os frutos degeneram, esquecidos dos seus sucos antigos,
60 e a vinha carrega vergonhosos cachos de uvas, presa para as aves.

O facto é que todas requerem o nosso trabalho e todas têm de ser reunidas dentro de um rego e amansadas com muito custo.

Ora, as oliveiras respondem melhor a partir dos troncos, as videiras a partir dos rebentos, a murta de Pafos da estaca sólida,

65 as rijas avelaneiras dos rebentos da base. E nasce o ingente freixo, árvore umbrosa da coroa de Hércules,³¹ e nascem as bolotas do pai da Caónia.³² Nasce também a escarpada palmeira e o abeto que há-de ver as desgraças do mar.³³

O rugoso medronheiro é enxertado com um gomo da nogueira,
70 e os estéreis plátanos geraram grandes maçãs, e castanhas as faias. O freixo-silvestre encanecceu-se com a branca flor

³¹ Após derrotar Cérbero, Hércules fez-se ornamentar com uma coroa de freixo.

³² Júpiter.

³³ O abeto era considerado bom para a construção de navios.

da pêra e os porcos esmigalharam a bolota debaixo dos ulmeiros.
Nem o modo de estaquia e de enxertar a gema é só um.

Pois onde as gemas rebentam no meio da casca

75 e rompem as suas leves túnicas, uma estreita prega
surge no próprio nó. Aqui inserem a gema de uma árvore
diferente e ensinam-na a desenvolver-se na entrecasca húmida.

Ou então, de modo diverso, cortam-se os troncos sem nós e
com cunhas fende-se profundamente um caminho no tronco.

80 De seguida, introduzem-se hastes férteis. Não muito depois, brota
uma árvore enorme em direcção ao céu com ramos frutíferos
e pasma-se das novas folhas e dos novos frutos que não são seus.

Além disso, não há um só tipo de resistentes ulmeiros, nem
um de salgueiros, nem de lódão-bastardo, nem de ciprestes do Ida.

85 Nem as gordas azeitonas nascem de um só tipo: há as oblongas
e também as compridas e as amargas, colhidas ainda verdes.³⁴

O mesmo com os pomares das maçãs de Alcínoo. Nem as mudas são
as mesmas das pêras de Crustúmio, as da Síria, ou as gordas volemas.

A vindima que se prende pendurada das nossas árvores não é

90 a mesma que a que Lesbos colhe do sarmento de Metimna.

Há as vides de Tassos e há as brancas do lago Mareótico:

umas apropriadas para solos ricos, as outras para solos mais leves.

Também há a psítia, mais útil para vinho de passas, e o leve lageu
que um dia há-de prender-te os pés e há-de amarrar-te a língua.

95 Há as videiras púrpuras e as temporãs. E a ti, com que poema te cantarei,
ó rética? Não vale a pena que disputes com as adegas de Falerno.

Ainda assim, há as vinhas amineias, o vinho mais encorpado,
perante as quais o Tmolo se ergue rei, e até a própria uva de Faneu.

E há a pequena videira de uvas brancas com a qual nenhuma outra

100 pode competir quer em rendimento, quer em duração por muitos anos.
Eu não te negligenciaria, vinho de Rodes, recebido pelos deuses
nas segundas mesas,³⁵ nem a ti, Bumasto,³⁶ com os cachos inchados.
Mas não tem conta as muitas espécies nem os seus nomes.

E na verdade não interessa resumi-las numa lista.

105 Quem quiser saber quer também saber quantos são os grãos de areia
da planície da Líbia que são levantados em rodopio pelo Zéfiro,
ou quantas são as ondas que atingem as costas da Jónia
quando o Euro cai mais impetuosamente sobre os barcos.

Na verdade, nem todas as terras podem produzir tudo.

110 Os salgueiros crescem à beira-rio, os amieiros junto a pântanos
espessos, os estéreis freixos-silvestres nos montes rochosos.

Os litorais são férteis em campos de murta. Enfim, Baco
ama colinas abertas, os teixos o Aquilão e as regiões frias.

115 Observa também o mundo dominado por lavradores longínquos,
as casas orientais dos Árabes e os Gelonos tatuados.

As pátrias dividem-se pelas árvores. Apenas a Índia gera
o negro ébano, a rama do incenso é exclusiva dos Sabeus.

Para quê mencionar-te as resinas que suam da odorante
madeira e as bagas sempre viçosas da acácia?³⁷

120 Para quê falar dos bosques etíopes, brancos do suave algodão,
e como os Seres cardam os casulos de seda suspensos das folhas?
Ou de como os bosques que a Índia produz perto do Oceano,
baía da extremidade do mundo onde as flechas jamais

125 (E, no entanto, aquele povo não é inábil a pegar na aljava.)

³⁵ Refere-se à sobremesa. A *prima mensa* constitui o prato principal.

³⁶ Tem este nome devido à forma da uva. *Boumastos*, em grego, significa "tetras de vaca".

³⁷ Goma-arábica é uma resina natural extraída de duas espécies de acácia da região subsaariana.

³⁴ Talvez este tipo de azeitona seja aquele a que hoje chamamos verdeal.

A Média gera sucos amargos e o prolongado sabor da cidra
 saudável.³⁸ Nenhum outro auxílio é mais eficaz do que este.
 Se em alguma ocasião as cruéis madrastras envenenaram
 as bebidas e misturaram ervas e palavras malfazejas,
 130 aquela afasta os negros venenos dos membros do corpo.
 A própria árvore é grande e muito parecida com o loureiro.
 E se não emanasse desde longe um outro odor bem distinto,
 era um loureiro. As folhas não caem com ventos alguns, a flor
 é particularmente firme. Os Medos usam-na para a respiração,
 135 para o mau hálito da boca e para tratar a asma dos idosos.

Mas nem os bosques dos Medos, terra riquíssima,
 nem o belo Ganges e o Hermo, turvo de ouro, competem
 com os louvores de Itália, nem Bactro, nem os Indos,
 nem toda a Pancaia, rica em areias que produzem o incenso.
 140 Esta região não a lavraram touros soprando fogo pelas narinas
 e semeando os dentes de um monstruoso dragão, nem a seara
 se eriçou toda com pesados capacetes e lanças de guerreiros.³⁹
 Foram antes prolíficas searas e a bebida de Baco do Mássico
 que a encheram, e ocupam-na oliveiras e gordos rebanhos.
 145 De um lado, o cavalo de guerra lança-se, altivo, na planície,
 do outro, ó Clitumno, os teus brancos rebanhos e o touro,
 a maior das vítimas, amiúde mergulhados no rio sagrado
 conduziram os triunfos de Roma até aos templos dos deuses.
 Aqui a Primavera é constante e o Verão existe em meses diferentes.
 150 Duas vezes ao ano o rebanho engravida, duas a árvore dá frutos.
 Todavia, não há os tigres raivosos e a selvagem raça

³⁸ *Citrus medica*, fruto grande e ácido da família das rutáceas, era usado também para fins medicinais.

³⁹ Referência ao mito de Jasão e dos Argonautas, que partiram para a Cólquida (Mar Negro) em busca do velo de ouro e aí foram expostos a várias provas como estas aqui referidas por Vergílio.

dos leões, e o açónito não engana os infelizes que o colhem.
 A escamosa serpente não arrasta as suas enormes roscas pelo solo,
 nem se recolhe em espiral numa tão grande extensão.
 155 Acrescenta tantas cidades notáveis, obras laboriosas, tantas
 praças-fortes construídas pela mão do homem em rochas
 escarpadas e rios que correm debaixo de muralhas antigas.
 Devo recordar o mar que banha a nossa terra a Norte e a Sul?
 Ou então os vastos lagos? Ou a ti, enorme Lário, e a ti,
 160 que te ergues com ondas, Benaco, com estrépito de mar?
 Devo recordar os portos, a fortaleza adicionada ao Lucrino
 e o mar revoltado de indignação com grandes estrondos
 por onde a água Júlia, transbordando o mar, se faz ouvir ao longe
 e as vagas do Tirreno entram nas ondas do Averno?
 165 Esta mesma terra mostrou ter nas veias rios de prata e
 dos metais do bronze, e dela jorrou ouro em abundância.
 Esta gerou raça vigorosa de homens: os Marsos e a juventude
 Sabina, o Lígure afeito às provações e os Volscos, armados
 de dardos. Esta, os Décios, os Mários e os magnos Camilos,
 170 os Cipiões duros na guerra e sobretudo tu, máximo César,
 que, sendo já vencedor nas longínquas regiões da Ásia,
 o imbele Indo afastas agora das cidadelas romanas.⁴⁰
 Viva, magna mãe dos cereais, terra de Saturno,⁴¹
 grande mãe de varões! Por ti embarco em tema antigamente
 175 louvado e naquela arte: ousando abrir as sagradas fontes,
 canto o poema de Ascra pelas cidades romanas.⁴²

⁴⁰ Referência à pacificação do Oriente que Octaviano levou a cabo depois da batalha de Áccio (31 a.C.).

⁴¹ Saturno, após ter sido expulso do Olimpo por Júpiter, refugiou-se no Capitólio, onde viria a ser a futura Roma, e aí ensinou aos homens o cultivo da terra. O seu reinado foi extremamente próspero, marcando o período da Idade do Ouro.

⁴² Alusão à obra *Trabalhos e Dias* do poeta Hesíodo, natural da Ascra.

Agora é altura de ver os caracteres dos campos, as forças de cada um, qual a cor e qual a sua natureza para produzir coisas. Em primeiro lugar, as terras intratáveis e os outeiros pobres, onde há uma fina camada de argila e calhaus no meio do mato, alegram-se com um bosque de oliveiras vivazes, dedicadas a Palas. Uma indicação é que o zambujeiro cresce abundante nessa região e os campos estão juncados de bagas silvestres.

Mas a terra que é farta e rica em lençóis de doce água, e o campo abundante em ervas e fértil pela riqueza nutriente, o qual costumamos observar lá em baixo no vale vazio de um monte (para aqui escorrem os rios desde as elevadas rochas e arrastam limo fecundante), e a que se ergue para o Austro e se alimenta de fetos detestados pelo recurvo arado, esta, um dia, dar-te-á videiras bem robustas que jorram um abundante Baco, aquele campo será fértil para as uvas, este fértil em vinho que oferecemos em libação em taças de ouro quando o gordo tirreno tocou a flauta de marfim junto aos altares e entregámos as entranhas fumegantes em largas travessas. Se, ao invés, a tua função é mais guardar rebanhos e vitelos ou crias de ovelhas ou de cabras que devastam os cultivos, procura pastagens e as terras longínquas da rica Tarento e um campo como aquele que a infeliz Mântua perdeu⁴³ que, com o seu rio herboso, alimenta níveos cisnes.

Não faltarão límpidas fontes aos rebanhos, nem pastagens. E quanto mais pastarem os rebanhos durante os dias longos, tanto mais o gélido orvalho restituirá durante a exígua noite. A terra que é negra e densa sob a pressão da relha e cujo solo se esboroa facilmente (pois isto imitamos ao lavar),

⁴³ Referência à expropriação dos campos, para atribuir a veteranos dos exércitos de Marco António e Octaviano, de que Vergílio terá sido alvo. O tema é poeticamente tratado nas *Bucólicas* 1 e 9.

é a melhor para o cereal. De nenhuma outra região observarás tantos carros a regressar a casa com os vagarosos novilhos. Aquela terra onde o lavrador indignado arrancou o bosque e revolveu todo o matagal, improdutivo por muitos anos, arrancando desde as fundas raízes moradas antigas das aves — e estas, abandonando as crias, partiram para o céu, mas o campo inculto começou a brilhar com a relha impelida. Pois na verdade o árido cascalho do terreno clivoso a custo proporciona humildes troviscos e alecrim às abelhas. E o tufo áspero e a terra argilosa, comida pelas cobras negras, rejeitam que haja outros campos que de tal forma produzam doce alimento para as serpentes e ofereçam curvos esconderijos. A terra que exala uma ligeira névoa e vólucres vapores e bebe a humidade e, quando quer, ela própria a expele, e aquela que se veste sempre com a sua folhagem verde e não danifica o ferro com ferrugem rugosa e ácida, esta entretecer-te-á as férteis videiras aos ulmeiros, esta será abundante em azeite. Ao cultivá-la, tu saberás que ela é própria tanto para o gado como para aguentar a relha curva. Tal é o solo que lavra a rica Cápua e a região próxima do monte Vesúvio e o Clânio, diferente da deserta Acerras.

Direi agora de que forma podes reconhecer estes solos. Se quiseres saber se o seu carácter é pouco denso ou é espesso (porque um favorece a produção de cereais, outro a da vinha, o mais denso é propício a Ceres e o menos denso a Lieu), primeiro darás uma olhadela e escolherás um local. Ordenarás que escavem uma cova funda no solo duro e reporás de novo toda a terra, e com os pés nivelarás a superfície do solo. Se a terra faltar, para o gado e para as videiras nutritivas o solo menos denso será fecundo e mais apropriado. Se, pelo contrário,

235 resistir a ir para o seu sítio e uma vez cheia a cova sobrar terra,
o solo é compacto. Será de esperar que os torrões sejam resistentes
e espessa a superfície, e deverás sulcar a terra com bois possantes.
Todavia, a terra que é salgada e que é designada de amarga
(esta não é fértil para os frutos, nem se amansa ao ser arada,
240 nem guarda o seu nome para Baco, nem para árvores de fruto)
dará uma prova de tal qualidade. Vai buscar ao tecto enfumaçado
os cestos de vime entrelaçado e os coadores dos lagares.
Para esta prova, enche-os até à borda com esta terra ruim e água
doce das fontes, e pressiona com força. Toda a água sairá
245 naturalmente e grandes gotas escorrerão por entre os vimes.
Ora, o sabor evidente dará um sinal e com a sensação amarga
torcerá as bocas que ficam azedas dos que a experimentarem.
De igual forma, aprendemos que terra é fértil, como foi estipulado:
ao ser manipulada pelas nossas mãos nunca se esboroa
250 mas, como é hábito do pez, agarra-se aos dedos de quem a segura.
A que é húmida alimenta as ervas mais altas e ela própria
é mais fértil do que o normal. Ah!, que não seja demasiado fértil
nem se mostre demasiado vigorosa às primeiras espigas!
A que é pesada revela-se silenciosa pelo seu próprio peso,
255 assim como a que é leve. É fácil reconhecer antecipadamente à vista
a que é negra e que cor tem cada uma. Mas descobrir o frio funesto
é difícil: apenas os abetos-negros e algumas vezes os teixos
que são nocivos, ou as negras heras, revelam os sinais do frio.

Lembra-te muito antes, com estes conselhos, de expor ao sol
260 a terra e desfazer os enormes montes de torrões tirados das covas
e de deixar exposto ao Aquilão os torrões amontoados,
antes de plantares a casta fértil da videira. Os melhores campos
têm o solo friável: destes cuidam os ventos e as gélidas geadas
e o robusto agricultor que remove as jeiras enfraquecidas.

265 Porém, os homens a cuja vigilância nada escapa despercebido
procuram antes um solo semelhante àquele onde a jovem planta
esteja pronta para as árvores e depois seja dividida e plantada
para que as jovens estacas não rejeitem de repente a troca de mãe.
Mais ainda, assinalam na casca a região do céu para restituir
270 a posição em que cada uma estava, a parte em que recebia
os calores do Austro e as costas que estavam voltadas para o Norte:
a tal ponto tão grande é o hábito na sua tenra idade.
Indaga antes de mais se acaso é melhor plantar a videira em colinas
ou em solo plano. Ao marcar os campos de uma planície fértil, planta
275 de modo cerrado — Baco é mais activo em terreno plantado densamente.
Mas se for um solo de colinas íngremes e montes em declive,
dá espaço às fileiras; porém, dispostas as videiras com minúcia,
que todo o caminho se esquadrie com linhas bem precisas,
como sucede tantas vezes quando, numa guerra ingente, uma legião
280 formou desdobrando as coortes e em campo aberto parou a coluna,
com as formações em linhas rectas. E até lá ao longe toda a terra
ondula de bronze reluzente, antes até de começar a horrível batalha,
e já Marte deambula em dúvida pelo meio dos exércitos.
Que as medidas de todos os corredores sejam iguais,
285 não só para que a vista alimente o espírito insubstancial
mas porque de outro modo a terra não dará forças iguais
a todas e os ramos não poderão estender-se pelos ares.

Talvez perguntes qual deva ser a profundidade das covas.
Eu ousaria entregar a videira a um sulco pouco profundo.
290 A árvore mais alta planta-se mais profundamente na terra,
o carvalho primeiro de todas, que se estende tanto com a copa
para as brisas do éter quanto com a raiz para o Tártaro.
Deste modo, nem o Inverno, a força dos ventos ou as chuvas
o arrancam: permanece inamovível e supera muitas gerações,

295 muitas idades dos homens, vendo-as desenrolar durante a sua vida.
Então, estendendo bem longe os fortes ramos e os braços em todas
as direcções, ele próprio, no meio, sustenta uma enorme sombra.

Que os teus vinhedos não se voltem para o sol poente,
nem plantes aveleiras entre as videiras. Não podes os rebentos
300 mais elevados, nem arranques mudas do cimo da planta
(tão grande o seu amor à terra!), nem firas com o ferro embotado
as jovens videiras. E não enxertes a oliveira num zambujeiro.
Na verdade, amiúde aos pastores incautos escapa o fogo
que, primeiro oculto debaixo da casca oleosa, furtivamente
305 envolve o tronco e escapando-se para as altas folhagens
dá aos céus um enorme fragor. Em seguida, ele avança
vencedor pelos ramos e reina por entre as altas copas
e envolve todo o bosque com as chamas. Adensado
por um fumo resinoso, ergue para o céu uma negra nuvem,
310 sobretudo se a tempestade se abateu do alto sobre os bosques
e o vento aglomera as chamas, carregando-as consigo.
Assim, quando as árvores perdem a força vinda da raiz
e, cortadas, não conseguem retomar o vigor do fundo da terra,
sobrevive apenas o infértil zambujeiro de amargas folhas.

315 Nem autoridade alguma, por tão precavida que seja,
te convença a remexer a terra fria quando o Bóreas sopra.
Então, o Inverno encerra os campos com o gelo e, deitada
a semente, não deixa que a raiz se desenvolva e prenda à terra.
A melhor estação para plantar a vinha é por altura da rósea
320 Primavera, ao chegar a branca ave⁴⁴ odiada pelas longas cobras,
ou então aos primeiros frios do Outono, quando o Sol arrebatador

⁴⁴ A cegonha.

ainda não toca o Inverno com os cavalos mas o Verão já passou.
A Primavera é boa para as folhas dos bosques e as árvores.
Na Primavera, as terras intumescem e reclamam as fecundas sementes.
325 Então, o Éter, pai omnipotente, em forma de chuvas fecundadoras
desce para o interior do regaço da sua fértil esposa e, grande,
unido a este grande corpo alimenta todas as plantas jovens.
Nessa altura, nos matagais impenetráveis ressoam as aves canoras
e em dias certos os rebanhos reclamam os dons de Vénus.
330 O campo alimentador dá à luz e com as tépidas brisas do Zéfiro
as terras aradas relaxam o seio. Em tudo abunda a suave humidade
e os pastos ousam em segurança confiar-se a novos sóis.
Nem a parra receia os Austros que estão para chegar,
nem a chuva, que é trazida do céu pelos grandes Aquilões,
335 antes faz brotar os botões e expande as suas folhagens.
Eu acredito que no início da origem do mundo não brilhou
um tipo diferente de dias, nem tiveram um movimento diferente:
aquilo era a Primavera. A grande Primavera conduzia
o mundo e os Euros retinham os seus sopros invernais
340 quando as primeiras manadas beberam a luz e a raça
terrena dos homens levantou a cabeça dos duros campos
e os animais foram lançados nos bosques e os astros no céu.
Seres tão delicados não podiam aguentar este esforço
se sossego tão grande não se espraiasse entre o frio e o calor
345 e a amabilidade do céu não recebesse as terras.

Além disso, quaisquer sejam as videiras que plantes pelos campos,
espalha gordo estrume e lembra-te de cobri-las com muita terra.
Ou então enterra uma camada porosa de pedras ou conchas ásperas,
pois as águas correrão entre elas, e um ligeiro vapor introduzir-se-á,
350 e os rebentos plantados ganharão confiança. E também há
aqueles que as calcam com pedras e bocados de grandes ânforas.

Esta é uma defesa contra as chuvas torrenciais também,
quando o estival Cão racha os campos gretados pela sede.

Plantadas as jovens videiras, resta espalhar bem, muitas vezes,
355 a terra junto às plantas que despontam e cavar com duras enxadas,
ou então trabalhar o solo com o arado e dirigir os novilhos
que a tal resistem mesmo por entre aqueles vinhedos.

Deves nessa altura preparar as canas leves e as varas raspadas
e os paus de freixo e as robustas estacas em forquilha
360 para que, fazendo uso das forças destas, se habituem a desdenhar
dos ventos e a correr em andares até ao topo dos ulmeiros.

E logo que cresce com novas folhagens a primeira idade,
deves preservar os rebentos. E enquanto o sarmento se ergue
para os ares, abundante, lançando as rédeas pelo céu claro,
365 não debes atacar ainda a própria videira com o gume da podoa
mas com os dedos dobrados arrancar folhas e dispô-las em intervalos.
Daí, quando as vinhas despontarem e se abraçarem aos ulmeiros
com sarmentos robustos, então poda a folhagem, então apara
as varas (antes que receiem o ferro), então por fim exerce
370 os teus duros poderes e trava as ramagens mais abundantes.

Deves também entretecer sebes e manter fechado todo o gado,
sobretudo quando a folhagem é tenra e desconhecedora
de canseiras. Além das ultrajantes invernias e do sol poderoso,
os auroques selvagens e os corços insistentes muitas vezes
375 delas fazem pouco e nela pastam ovelhas e ávidas bezerras.
Nem os frios condensados em branca geada
ou o pesado calor que se deita sobre os áridos rochedos
a danificaram tanto quanto os rebanhos e o veneno
do seu duro dente e a cicatriz gravada ao morder o tronco.

380 É precisamente por este crime que o bode é imolado a Baco
em todos os altares enquanto jogos antigos são levados à cena,
e que os Tesidas concederam o prémio aos homens talentosos
nas cercanias das aldeias e encruzilhadas e, alegres entre copos,
dançaram nos verdes prados entre odres untados com azeite.⁴⁵
385 E até os lavradores da Ausónia, povo enviado de Tróia,
se divertem brincando com versos grosseiros e com riso solto
e pegam em assustadoras máscaras de cortiça escavada
e chamam-te, ó Baco, por entre cantos alegres, e para ti
penduram pequenas máscaras flexíveis num pinheiro elevado.⁴⁶
390 Como resultado, a vinha desenvolve-se toda em copioso fruto.
Enchem-se os vales cerrados e as encostas profundas
e por onde quer que o deus tenha passado a sua cabeça graciosa.
Deste modo, entoaremos a Baco em sua honra, segundo os ritos,
com cânticos da pátria e levaremos bandejas e bolos sagrados.
395 E o bode consagrado, levado por um corno, estará junto ao altar
e assaremos as gordurosas vísceras em espetos de aveleira.

Há também aquele outro trabalho de cuidar das videiras,
no qual nunca se gasta esforço suficiente. Pois todo o solo
tem de ser rasgado três e quatro vezes todos os anos e o torrão
400 tem de ser desfeito sem cessar pelas enxadas recurvas, e toda
a vinha deve ser aliviada da sua folhagem. Para os lavradores,
o trabalho feito regressa num ciclo e o ano volta ao início seguindo
as suas próprias pegadas. E já no dia em que a videira abandonar
as folhagens tardias e o gélido Aquilão sacudir a honra aos bosques,
405 já então o enérgico camponês estende os cuidados para o ano

⁴⁵ Alusão de Vergílio à questão das origens do drama (tragédia e comédia) entre os Gregos.

⁴⁶ Pequenas figuras que se penduravam nas árvores como oferta a Saturno e a Baco.

seguinte e com o recurvado dente de Saturno, aparando-a, termina o trabalho na vinha que deixara, e molda-a com a poda.

Sê o primeiro a cavar a terra, sê o primeiro a levar e queimar os sarmentos e o primeiro a trazer as estacas para o telheiro.

410 Sê o último a vindimar. Duas vezes a sombra se lança contra as vinhas, duas vezes as ervas recobrem as searas com densos silvados.

Ambos os trabalhos são duros: louva extensos campos mas cultivava antes um pequeno. Além disto, corta as ásperas hastes da gilbardeira por entre a vinha e as canas nas margens dos rios,

415 e ocupa-te com os trabalhos do salgueiro selvagem.⁴⁷

Já as videiras estão presas, já as vinhas dispensam a podoa, já o último vindimador canta as suas linhas terminadas.

Porém, a terra deve ser revolvida e o pó removido, e Júpiter deve ser temido quando as uvas já estão maduras.

420 Contrariamente a isto, para as oliveiras cultivo algum faz falta.

Nem aguardam a recurvada podoa nem os sachos tenazes, uma vez que ficam fixas nos campos e suportam os ventos.

A própria terra, quando é aberta pelo dente adunco da enxada e pela relha, fornece humidade suficiente e pesados frutos.

425 Então, ela alimenta a oleosa oliveira, tão agradável à Paz.

Também as árvores de fruto, logo que sentiram os troncos fortes e têm as suas forças ao dispor, sobem apressadas até aos astros pelo seu próprio esforço. Não têm necessidade da nossa ajuda.

Entretanto, o bosque inteiro não se carrega menos de frutos,

430 e os viveiros naturais de aves avermelham-se com bagas cor de sangue.

A luzerna serve de pastagem, o alto pinhal fornece tochas que alimentam os fogos durante a noite e derramam luz.

E hesitam os homens em plantar e dedicar-lhes cuidado?

⁴⁷ Plantas utilizadas para amarrar as vinhas.

435 Para quê falar de assuntos mais elevados? Os humildes salgueiros e as giestas também dão pastagem ao gado e sombra aos pastores e oferecem uma cerca às sementeiras e pasto para o mel.

Causa prazer observar o Citoro ondulante com buxo e os bosques de Nárico que dão pez; causa prazer ver os campos não submetidos a quaisquer cuidados dos homens, nem às enxadas.

440 Até as florestas estéreis no cume do Cáucaso, que os animosos Euros quebram e sacodem sem parar, dão, cada uma, os seus produtos: a madeira do pinheiro, útil para os navios, e cedro e ciprestes para as casas.

Daqui, os agricultores poliram os raios para as rodas, daqui as rodas compactas para os carros, e fizeram quilhas recurvas para os barcos.

445 Os salgueiros são abundantes em ramos, os ulmeiros em folhagens, a murta fornece hastes resistentes e o corniso é bom para a guerra.

Os teixos são dobrados para fazer arcos da Itúreia.

As leves tílias ou o buxo fácil de tornear 450 recebem novas formas e são escavados pelo ferro afiado.

O leve amieiro, lançado ao Pó, flutua na impetuosa corrente, e bem assim as abelhas estabelecem as suas colónias sob as ocas cascas e no interior da azinheira envelhecida.

O que de tão memorável nos deram os dons de Baco?

455 Baco também deu razões para o crime. Foi ele quem enfureceu os Centauros e os venceu na morte, Reto e Folo e Hileu, que ameaçara os Lápitais com uma grande taça.⁴⁸

Ó lavradores, extremamente afortunados se apenas souberem os bens que têm! Para quem a terra, longe das armas discordes, 460 justíssima, derrama do próprio chão alimentos fáceis. E se nenhuma mansão altíssima, de portões soberbos, vomitar de manhã

⁴⁸ Mítica batalha entre os Lápitais e os Centauros, causada pela embriaguez.

do palácio inteiro a enorme onda de bajuladores,⁴⁹ e não houver quem observe boquiaberto as belas portas de carapaças de tartaruga e o vestuário dissimulado com ouro e os bronzes de Éfira?
 465 E se a branca lã não for tingida com a venenosa tinta da Assíria,⁵⁰ e a canela não corromper o uso do translúcido azeite?⁵¹
 E no entanto não falta um sossego sem cuidados e uma vida desconhecedora de enganos, rica de variadas riquezas. Não falta o lazer em amplas terras, grutas e lagos naturais, vales frescos
 470 como o Tempe, e os mugidos dos bois e os suaves sons sob as ramagens. Ali há bosques e refúgios de animais bravios e uma juventude que suporta o trabalho e está habituada a pouco. Há o culto dos deuses e dos pais veneráveis. Foi entre eles que a Justiça deu os últimos passos, antes de se afastar das terras.

475 Quanto a mim, primeiro que tudo, que as doces Musas cujos rituais eu celebro, atingido por amor tão grande, me recebam e me mostrem os caminhos do céu e os astros, os vários eclipses do sol e as fases da lua, de onde vêm os tremores de terra, com que força incham os altos mares
 480 quando quebrados os diques, e de novo se amainam a si próprios, porque é que os sóis do Inverno se apressam tanto a mergulhar no Oceano, ou que demora impede a chegada das noites longas. Mas se o sangue frio em redor do meu coração dificultar que eu possa alcançar estes domínios da natureza,
 485 que me encantem os campos e os ribeiros que correm nos vales, que sem glória ame os rios e os bosques. Oh!, onde estais, campos, Esperqueu e Taígeto, celebrado pelas virgens da Lacedemónia? Oh!, quem dera que alguém me pusesse nos frios vales do Hemo

⁴⁹ Alusão aos clientes que todas as manhãs iam saudar o seu amo.

⁵⁰ A púrpura. A melhor vinha de Tiro, na actual costa do Líbano.

⁵¹ Referência a aromatizar o azeite com canela, prática considerada de luxo.

e me cobrisse debaixo da enorme sombra das suas ramagens!
 490 Feliz aquele que logrou das coisas conhecer as causas e subjugou sob os seus pés todos os medos, o implacável destino e o estrépito do ganancioso Aqueronte. Afortunado aquele que conheceu os deuses campestres, Pã e aquele velho Silvano, e as Ninfas irmãs.
 495 Não o dobraram nem os fascos do povo, nem a púrpura dos reis, nem a discórdia que agita os desleais irmãos, ou o Dácio, que desce do lado do conjurado Histro, nem o estado romano e os reinos que hão-dé perecer. Ele, piedoso, não chorou o pobre nem invejou o que tem posses.
 500 Colheu os frutos que os ramos, que os próprios campos, benevolentes, lhe deram de sua livre vontade. Não viu a férrea legislação, o fórum insano ou os arquivos do povo. Outros agitam às cegas os mares com os remos e correm contra o ferro, penetram nas cortes e palácios dos reis.
 505 Um assalta a cidade e os infelizes penates, e devasta-a para beber numa taça cinzelada e dormir em púrpura de Sarra. Outro esconde as riquezas e deita-se sobre o ouro enterrado. Aquele, espantado, pasma-se diante dos Rostros,⁵² de outro, ávido, apodera-se o aplauso da plebe e dos senadores, duplicado pelos
 510 sectores do teatro. Alegam-se, ensopados do sangue dos irmãos, e trocam as suas casas e as ternas moradas pelo exílio e procuram uma pátria que jaz debaixo de outro sol. O lavrador, esse rasgou a terra com o seu recurvo arado. Tal é o trabalho anual. Daqui sustenta a terra e os netinhos,
 515 daqui as manadas de bois e os vitelos que merecem cuidado. Não há descanso algum até que o ano abunde em frutos e em crias de gado e em molhos da palha de Ceres,

⁵² Tribuna para os discursos, situada no fórum. Tinha este nome por estar enfeitada com as quilhas (*rostra*, em latim) dos navios vencidos pelos Romanos em 338 a.C.

até que carregue as leiras de searas e faça os celeiros abarrotar.
 Vem o Inverno: a baga de Sícion é esmagada nos lagares,⁵³
 520 os porcos voltam cheios de bolota, os bosques dão medronhos.
 E o Outono dispõe os seus frutos variados e bem no alto,
 em rochedos soalheiros, a doce vindima amadurece
 enquanto os doces filhos estão ao colo suspensos dos beijos,
 a sua casta casa conserva o recato, as vacas deixam pender
 525 os úberes com leite, e os gordos cabritos, no abundante
 pasto, lutam uns com os outros com cornos hostis.
 Ele próprio se ocupa dos dias festivos e deitado na relva,
 com o fogo lá no meio e os companheiros coroando as taças,
 faz-te libações, ó Leneu, e invoca-te. No ulmeiro fixa
 530 a competição do veloz dardo para os pastores de rebanhos.
 Estes desnudam os corpos enrijecidos para a luta campestre.
 Outrora, cultivaram este tipo de vida os antigos Sabinos,
 tal como Remo e o irmão.⁵⁴ Assim, sem dúvida cresceu
 a forte Etrúria e Roma tornou-se a mais bela do mundo todo
 535 e para si rodeou as sete colinas com uma só muralha.
 Ainda antes do ceptro do rei do monte Dicte e antes
 de uma gente ímpia se alimentar de novilhos sacrificados,⁵⁵
 o áureo Saturno levava uma vida como esta na terra.
 Ainda então não se tinha ouvido troar as trombetas nem
 540 o retinir das espadas deitadas sobre as duras bigornas.

Já percorremos, porém, uma extensão imensa como nas corridas
 e é tempo de desatrelar os pescoços fumegantes dos cavalos.

⁵³ A azeitona.

⁵⁴ Rómulo e Remo, os míticos fundadores de Roma.

⁵⁵ De acordo com alguns autores, era proibido matar bois e comer a sua carne, e fazê-lo dava pena de morte. Este é um sinal da passagem da Idade de Ouro para a de Bronze.

Livro III

1-48	Prólogo.
49-71	Escolha cuidadosa das novilhas.
72-94	Os cavalos.
95-122	Seleccção e treino dos cavalos.
123-137	Cuidados que o cavalo requer.
138-156	Cuidados a ter com as futuras mães.
157-178	Cuidados a ter com os cavalos recém-nascidos: exercícios e alimentação.
179-208	Exercícios adequados e alimentação para os potros.
209-283	Afastamento dos touros dos prazeres de Vénus.
284-294	Segundo prólogo.
295-321	Orientação dos estábulos e alimentação de ovelhas e cabras.
322-338	Cuidar de ovelhas e cabras durante o Verão.
339-383	Os pastores da Líbia e a etnografia da Cítia.
384-393	A lã da ovelha.
394-403	O leite de cabra.
404-413	Os cães.
414-439	Combater as serpentes que se aproximam dos estábulos.
440-477	Causas, sinais e tratamento das doenças.
478-566	A peste.

TAMBÉM A TI cantaremos, magna Pales, e a ti, louvável
pastor do Anfriso,⁵⁶ e a vós, bosques e rios do Liceu.
Os outros temas que teriam ocupado em verso mentes ociosas,
todos são já banais. Quem não conhece o brutal Euristeu
5 ou os altares de Busíris, que nenhum louvor merêce?
Por quem não foi falado o jovem Hilas e a Delos de Latona,
e Hipodamia, e Pélops, famoso pelo seu ombro de marfim,
impetuoso com os cavalos? Tenho de tentar um caminho onde também
possa erguer-me do chão e, vencedor, voar pelas bocas dos homens.
10 Eu serei o primeiro que, ao voltar à pátria (assim a vida me baste),
levarei comigo as Musas desde o cume da Aónia.
Serei o primeiro a trazer-te, Mântua, as palmas da Idumeia
e no verde campo farei construir um templo de mármore
junto da água do rio, onde o Míncio, enorme, erra em curvas
15 demoradas e tece as margens com flexíveis canaviais.
Eu terei César no centro e ele será o senhor do templo.
Em sua honra, eu, vencedor, resplandecente em púrpura de Tiro,
farei que conduzam cem carros de quadrigas junto ao rio.
Para mim, a Grécia toda, deixando o Alfeu e os bosques de

⁵⁶ Apolo.

20 Molorco, competirá em corridas e com luvas de couro cru.
 Eu próprio, de cabeça ornada com folhas cortadas da oliveira,
 levarei os prémios. Ainda agora é um encanto guiar as solenes
 procissões até aos templos e ver os bezerros imolados,
 e ver também como a cena se divide mudando-se os cenários
 25 e como erguem as cortinas de púrpura os bordados Bretões.⁵⁷
 No exterior das suas portas feitas de ouro e sólido marfim
 cinzelarei a batalha dos Gangáridas e as armas do vitorioso Quirino.⁵⁸
 Aí estará também o Nilo de caudalosa corrente, alteroso pela guerra,
 e as colunas que se erguem com o bronze dos barcos.⁵⁹
 30 Acrescentarei as cidades conquistadas da Ásia e o banido Nifate
 e o Parto, que se fia na fuga e nas flechas lançadas para trás,
 e os dois troféus raptados com coragem do inimigo distante,
 e o duplo triunfo sobre os povos de ambas as margens.⁶⁰
 Erguer-se-ão não só os mármore de Paros, estátuas que respiram,
 35 mas também a descendência de Assáraco e os nomes dos povos
 que provêm de Júpiter, o pai Trós e Cíntio, criador de Tróia.
 A estéril Inveja receará as Fúrias e o severo rio
 do Cocito, e as serpentes enroladas de Ixíon,
 e a gigantesca roda, e o rochedo que jamais será vencido.⁶¹
 40 Entretanto, sigamos as florestas e as clareiras intocadas
 das Dríades. São tuas, ó Mecenas, estas instruções nada fáceis.

⁵⁷ Ao contrário do que sucede actualmente, o subir da cortina marcava o final da representação. No pano estavam desenhados bretões corpulentos que dariam a sensação de ser eles próprios quem erguia a cortina.

⁵⁸ Alusão a Rómulo deificado (assimilado ao deus Quirino após a sua morte) e, consequentemente, a Octaviano.

⁵⁹ Com o bronze fundido dos barcos de Marco António e Cleópatra, derrotados da batalha de Áccio, mandou Augusto erguer quatro colunas que decoravam o capitólio. Sérvio (comentador de Vergílio do séc. IV d.C.) afirma que nos seus dias essas colunas eram ainda visíveis.

⁶⁰ Referência às conquistas romanas, cujo domínio se estende entre ambas as extremidades do império.

⁶¹ O castigo de Sísifo.

Sem ti, a mente não ousa nada de elevado. Vamos, apressa-te!,
 rompe ociosas demoras! O Citéron chama-te com grande estrépito
 e também os cães do Taígeto e de Epidauro, domadora de cavalos,
 45 e a voz ampliada ressoa com o eco dos bosques.

O tempo chegará em que me equiparei para cantar os combates
 de César e levarei o seu nome por meio da fama por tantos anos
 quantos César está longe do início da linhagem de Titono.⁶²

Se alguém que admira as vitórias das palmas olímpicas
 50 faz criação de cavalos ou de novilhos, robustos para o arado,
 que seleccione sobretudo o corpo das mães. A vaca de melhor
 aparência é a de olhar ameaçador, a que tem a cabeça disforme,
 a cerviz grossa, a papada pendente desde o queixo até às pernas.
 Depois, não há limite para o longo flanco: tudo é grande
 55 e também os pés e as orelhas hirsutas sob os cornos arqueados.
 Eu até gosto bastante que seja distinta pelas manchas brancas,
 ou que rejeite o jugo e que por vezes seja feroz com os cornos
 e que de aspecto seja mais parecida com um touro, e que,
 toda alta, ao andar varra as pegadas com a ponta da cauda.
 60 A idade de suportar Lucina⁶³ e os correctos himeneus
 termina antes dos dez anos e começa depois dos quatro.
 Outra idade não é apta para a gestação, nem forte para o arado.
 Entretanto, enquanto a fertilidade da juventude abunda nas manadas,
 solta os machos. Envia, mal possas, os animais para as lides de Vénus.
 65 E ao fazeres criação, substitui uma prole por outra.
 Os melhores dias da vida para os infelizes mortais
 são os primeiros a fugir. Sobrevêm a doença e a triste velhice

⁶² Titono é, por via indirecta, familiar de Augusto, uma vez que era irmão de Príamo, rei de Tróia, ambos filhos de Laomedonte. Augusto, por ser sobrinho-neto de Júlio César, descendia de Eneias, da casa real de Tróia.

⁶³ Lucina é a deusa do parto.

e o sofrimento, e arrebatá-nos a impiedade da inflexível morte.
Sempre haverá aquelas cujos corpos preferes modificar.

70 Melhora-as sempre. E, para depois não reclamares perdas, vem
quanto antes e selecciona todos os anos as crias para a manada.

Esta consideração é a mesma para o gado equídeo.

Aos que decidires criar para serem a esperança da raça,
dedica um esforço especial a partir de tenra idade.

75 Logo desde o início, o potro de boa raça entra nos campos
atirando as pernas bem alto e baixando-as com elasticidade.

É o primeiro que ousa fazer-se ao caminho e experimentar
os rios ameaçadores, confiar-se a uma ponte desconhecida,
e não se assusta com barulhos enganosos. Tem a cerviz

80 alta e a cabeça fina, a barriga pequena e o dorso robusto,
o peito intrépido exuberante de músculos. Os cavalos alazões
e os cinzentos são mais distintos. Os de cor pior são os brancos
e os pardos. Então, se as armas ecoarem ao longe, o potro
não sabe estar quieto, agita as orelhas e tremem-lhe as patas

85 e relincha, lançando das narinas um fogo comprimido.

Densa é a crina que ao ser sacudida descai para o ombro direito.

Uma espinha dupla corre-lhe pelo dorso e o casco escava
a terra e ressoa intensamente por causa do sólido corno.

Tal era a natureza de Cílaro, domado pelas correias de Pólux,

90 de Amiclas e daqueles que os poetas gregos celebraram:

os cavalos de Marte, atrelados aos pares, e os do grande Aquiles.

Assim era o próprio Saturno que, com a chegada da mulher,
ágil derramou a crina sobre o seu pescoço de cavalo e,
fugindo, encheu o alto Pélion com um estridente relinchar.⁶⁴

⁶⁴ Saturno, que mantinha uma relação com Fílira, foi descoberto por Reia, a sua verdadeira mulher. Para fugir, o deus transformou-se em cavalo. Do relacionamento de Saturno e Fílira nasceu o centauro Quíron, futuro preceptor de Aquiles e de Jasão. Pélion é o local onde se deu a união.

95 Aquele que, pesado pela doença ou apático, desfalece
devido à idade, esconde-o no estábulo e não desculpes a sua torpe
velhice. Quando está velho é frígido para Vénus e em vão arrasta
uma tarefa que lhe é ingrata. E, se alguma vez chegou à batalha,
como a seu tempo um grande fogo arde sem forças nas palhas,

100 enfurece-se em vão. Assim, deverás sobretudo notar a sua bravura
e a sua idade. A seguir, os outros méritos e a prole dos seus pais
e a dor de cada um deles quando é vencido, ou o orgulho na vitória.
Porventura não vês quando os carros em veloz competição

se apoderaram do campo e rápidos se arrojam do ponto de partida,
105 quando a esperança dos jovens se eleva e um pavor pulsante exaure
os corações aos saltos? Fustigam-nos com o chicote a rodopiar
e, debruçados, soltam as rédeas. O carro voa violentamente, em brasa.
Ora já estes rasam o chão, ora já aqueles se empinam, parecendo
ser levados pelo ar insubstancial e erguerem-se para os céus.

110 Não há demoras nem descanso. Levanta-se uma nuvem de fulva
areia, ficam molhados da espuma e do bafo dos que os seguem:
tão grande é o amor pelos louvores, tão grande o cuidado pela vitória.
Erictónio foi o primeiro que ousou juntar quatro cavalos
a um carro e, vencedor, a ir de pé, veloz, sobre as rodas.

115 Os Lápitas de Peletrónio legaram-nos os freios e o volteio
montados no dorso, e ensinaram o cavaleiro, debaixo de armas,
a saltar para o solo e a fazer acelerar os seus passos soberbos.

Ambos os trabalhos são equivalentes. De igual modo, os tratadores
procuram um cavalo jovem, feroso de ânimo e impetuoso na corrida,
120 mesmo que aquele cavalo velho tenha provocado amiúde a fuga
dos inimigos e refira o Epiro ou a forte Micenas como sua pátria,
e faça derivar a sua descendência da própria estirpe de Neptuno.

Tendo isto em atenção, afadigam-se quando o tempo se aproxima
e empregam todos os cuidados para engordar com nutritivo sustento

125 aquele que escolheram para chefe e designaram macho da manada.
 Cortam-lhe ervas viçosas e fornecem-lhe água corrente
 e cereais em grão para que possa sobreviver ao doce trabalho
 e os seus frágeis filhos não reproduzam a fome dos pais.
 Quanto às éguas, adelgaçam-nas deliberadamente com magreza.
 130 E mal um desejo já conhecido as alicia para o acasalamento,
 recusam-lhes os pastos e afastam-nas para longe das fontes.
 Também com frequência as fazem correr e cansam-nas ao sol
 quando, ao malhar os cereais, a eira geme com força e quando
 as palhas inertes são lançadas ao Zéfiro que se levanta.
 135 Fazem isto para que a utilidade do solo produtivo não seja abafada
 pela abundância e os sulcos não fiquem tapados e inertes,
 mas que a égua sedenta colha Vénus e a armazene dentro de si.

Voltando atrás, põe de parte o cuidado pelos pais e passa-o para
 as mães. Quando, no final da gravidez, deambulam grávidas,
 140 que ninguém deixe que puxem o jugo das pesadas carroças.
 Não façam a estrada a galope ou percorram os prados
 em impetuosa corrida, nem nadem em rios caudalosos.
 Alimentem-nas em pastos desimpedidos e ao longo de rios
 cheios, onde cresce o musgo e a margem está verdejante de erva.
 145 Que as grutas as protejam e a sombra de uma rocha se estenda.
 À volta dos bosques de Sílaro e do Alburno, verdejante de azinheiras,
 há um insecto que voa em enxame, a que os Romanos dão o nome
asilus (moscardo) e que os Gregos traduziram por *oestrus*.
 É feroz e ressoa asperamente. Por causa dele todas as manadas
 150 fogem dos bosques, apavoradas. O ar, agitado pelos mugidos,
 enfurece-se, tal como os bosques e a margem do seco Tânagro.
 Outrora, Juno exacerbou com este monstro as suas horríveis cóleras,
 congeminando uma peste contra aquela novilha, a filha de Ínaco.
 Assim o deverás afastar (pois ele persegue com mais força nos calores

155 do meio-dia) das éguas prenhes, e apascentarás as manadas mesmo
 ao nascer do sol ou quando os astros acompanham a noite.

Depois do parto, todos os cuidados passam para os bezerros.
 Logo depois gravam neles as marcas e os nomes dos donos
 e põem de lado os que preferem para dar continuidade à manada,
 160 os que são para consagrar nos altares, os para rasgar a terra
 e revirar o campo eriçado com os torrões despedaçados.
 Os outros animais da manada pastam por entre as verdes ervas.
 Tu, ensina logo os bezerros que destinares para a labuta
 e uso nos campos. E persiste no caminho de os treinar
 165 quando os ânimos dos jovens são dóceis e a idade é flexível.
 Primeiramente, ata folgados círculos de delgado vime
 à sua cerviz. Depois, quando os pescoços livres se habituarem
 à servidão presos pelos mesmos cabrestos, combina-os
 em pares e obriga os bezerros a andar ao mesmo passo.
 170 Que muitas vezes eles puxem os carros vazios
 pelas terras e marquem as suas pegadas na superfície do pó.
 Mais tarde, que o eixo de faia ressoe polido sob o forte peso
 e que um timão envolto em bronze arraste as rodas unidas.
 Entretanto, para a juventude indomada não apanharás apenas
 175 pasto e as magras folhagens dos salgueiros e o junco do pântano
 mas também as forragens plantadas à mão. Nem, como o costume
 dos nossos pais, as vacas que pariram te encherão os níveos tarros,
 antes empregarão as tetas nas suas doces crias.

Se, ao invés, tens mais paixão pela guerra e pelos ferozes esquadrões
 180 ou por deslizar com as rodas pelas margens do Alfeu em Pisa
 e acelerar as quadrigas que voam no bosque de Júpiter,⁶⁵
 o primeiro trabalho do cavalo é ver a bravura e as armas

⁶⁵ Referência às corridas nos Jogos Olímpicos.

dos guerreiros e suportar o estrondo das trombetas e a roda
que chia com o arrasto, e ouvir no estábulo as rédeas tilintantes.
185 Então, alegra-se mais e mais com os meigos elogios
do dono e adora o som do pescoço quando é afagado.
E que ele se atreva a isto logo quando é afastado do úbere
da mãe, e desta vez entregue a cabeça aos macios cabrestos
quando está fraco e ainda tremente e é desconhecedor da vida.
190 Completados três anos, quando lhe chegar o quarto Verão,
que comece logo a treinar em círculos e a fazer soar a terra com os seus
passos combinados e que flicta em alternância as pernas arqueadas
como se já estivesse a trabalhar. Que desafie então os ventos
para uma corrida. E voando pelas superfícies abertas como se livre
195 de rédeas, que imprima ao de leve as pegadas na superfície da areia.
Tal como o denso Aquilão ao abater-se sobre as costas hiperbóreas
e ao dispersar as tempestades da Cítia e as nuvens ainda secas,
então as altas searas e as longas extensões marinhas
erizam-se com os suaves sopros dos ventos, os topos dos bosques
200 ressoam e as extensas vagas precipitam-se para a costa, e ele
voa varrendo ao mesmo tempo na corrida os campos e os mares.
Um cavalo assim ou suará até às metas da Élide⁶⁶ e aos extensos
espaços da planície, e com a boca exalará espuma ensanguentada,
ou levará mais nobremente os carros belgas⁶⁷ com o pescoço ágil.
205 Então, por fim, aos já domados permite que o corpo cresça
grande com a nutritiva forragem. Pois antes de serem domados
ganharão coragem sem limites e, quando agarrados, recusarão
suportar as maleáveis vergastas e obedecer aos duros freios bicudos.

⁶⁶ De novo, referência aos Jogos Olímpicos.

⁶⁷ Carro de duas rodas puxado por dois cavalos (chamados *essedas* entre os Romanos).

Porém, quer te seja mais grato ocupares-te de bois ou de cavalos,
210 nenhuma outra diligência fortalece mais as suas forças
do que afastá-los dos dons de Vénus e dos estímulos do amor oculto.
Por isso relegam os touros para longe, para pastagens solitárias,
para além dos montes que se opõem à vista e por trás de largos rios,
ou guardam-nos fechados dentro de estábulos cheios.
215 Porém, a visão da fêmea enfraquece-os pouco a pouco
e abrasa-os. E ela, com os seus doces encantos, não permite
que se lembrem dos campos nem das ervas. Muitas vezes
força amantes orgulhosos a decidirem entre si com os cornos.
Uma formosa novilha pasta na grande floresta de Sila:
220 eles, à vez, envolvem-se com grande violência em lutas,
causando muitas feridas. Pelos corpos escorre negro sangue
e os cornos em riste empurram o rival obstinado
com vasto mugido. Retumbam os bosques e o altíssimo Olimpo.
Não é costume os combatentes partilharem o mesmo estábulo.
225 Assim, aquele, vencido, afasta-se e exilado vive em margens
desconhecidas, gemendo a sua vergonha e os golpes do soberbo
vencedor, e os amores que nessa ocasião, inulto, perdeu,
e contemplando os estábulos retira-se do seu antigo reino.
Logo com todo o cuidadô exercita as forças e pela noite fora,
230 no meio de duros rochedos, deita-se num leito sem tecto,
alimentando-se de espinhosas folhas e de juncos afiados.
Ensaia sozinho e aprende a concentrar a ira nos chifres
contra um tronco de árvore e vergasta os ventos com os seus
golpes, e prepara-se para o combate espalhando a areia.
235 Depois, quando recuperou a robustez e as forças estão refeitas,
sacode as insígnias e corre, investindo contra o inimigo incauto,
tal como a onda no meio do mar, ao começar a embranquecer,
e bem lá do longe, arrasta a cavidade vinda do fundo e rolando
até às terras ressoa terrivelmente por entre os rochedos.

240 Desaba tão grande quanto uma montanha! A base da onda fervilha e lança a negra areia em redemoinhos bem lá para o alto.

Na verdade, todas as espécies da terra, quer homens, quer animais, e as espécies de seres aquáticos, e o gado e os pássaros coloridos desabam nesta fúria e neste fogo. O desejo é o mesmo para todos.

245 Em nenhum outro período a leoa, esquecida das suas crias, deambulou mais selvagem pelos campos, nem tantas matanças e devastações pelos bosques provocaram os brutais ursos.

Nessa altura o javali é feroz, nessa altura o tigre é detestável — ai!, é perigoso deambular pelos campos solitários da Líbia.

250 Não vês, porventura, como o tremor invade o corpo todo dos cavalos quando tão-só as brisas trazem o odor familiar?

Já nem as rédeas dos homens e as cruéis chicotadas os conseguem deter, nem as rochas ou vales, ou os rios no seu caminho, mesmo os que arrancam e arrastam montanhas na corrente, os retardam.

255 O próprio javali da região dos Sabinos precipita-se e aguça os dentes e com as patas escava a terra à sua frente, esfrega o dorso na árvore e de um lado e do outro endurece os ombros para as feridas.

Que dizer do jovem a quem um cruel amor agita nos ossos um tão grande fogo? E, de facto, tarde na noite cega ele nada

260 no estreito agitado por violentas tempestades, sobre o qual ressoa a enorme porta do céu. Reclamam-no as ondas que embatem contra os rochedos, e nem os pais infelizes o podem chamar de volta, nem a donzela que há-de morrer de cruel morte sobre ele.⁶⁸

Que dizer dos lince malhados de Baco e da cruel raça dos lobos

265 e dos cães? Que dizer das batalhas que fazem os pacíficos veados?

⁶⁸ Referência ao mito de Hero e Leandro. Todas as noites Leandro atravessava a nado o Helesponto, entre Abido e Sesto, para ver a amada. Numa manhã, as ondas arrastaram para a margem o corpo de Leandro, e Hero, ao vislumbrar o cadáver, atirou-se ao mar.

Sem dúvida que, antes de tudo, a loucura das éguas é a mais notável. Foi Vénus que lhes deu esta paixão, no tempo em que as quadrigas de Pótnias devoraram com as mandíbulas os membros de Glauco.

O amor guia-as para lá do Gárgaro e do barulhento

270 Ascânio. Sobem às montanhas e atravessam a nado os rios.

Mal a chama foi introduzida nas suas ávidas medulas (mais na Primavera, porque na Primavera o calor volta aos ossos), todas se voltam com as narinas para o Zéfiro e de pé nas altas rochas recebem as suaves brisas. E, muitas vezes sem acasalarem,

275 algumas ficam grávidas pelo vento — facto espantoso! —⁶⁹ e dispersam-se por entre as pedras e rochedos e vales profundos. Não vão para o teu local de nascimento, ó Euro, nem ao do Sol.

Vão para o Bóreas ou para o Cauro, ou onde o tão sombrio Austro nasce e obscurece o céu com o chuvoso frio.

280 É somente então que um veneno pegajoso goteja dos órgãos genitais. Na verdade, os pastores chamam-lhe “hipómanes”. Muitas vezes as malévolas madrastas colheram-no e misturaram-no com ervas e palavras malfazejas.⁷⁰

Mas entretanto ele foge, foge o tempo irrecuperável

285 enquanto, cativos do amor, viajamos por estes pormenores.

Para já, basta de manadas. Resta a outra parte do meu labor: cuidar dos rebanhos lanígeros e das cabrinhas hirsutas.

Este é o vosso trabalho, ó bravos lavradores, daqui esperai o louvor.

Não tenho dúvida de quão difícil é vencer com palavras

290 neste assunto e juntar esta honra a temas tão humildes.

Mas o amor leva-me pelos cimos intocados do doce Parnaso.

⁶⁹ Crença antiga de que as éguas poderiam engravidar, se expostas ao vento.

⁷⁰ O hipómanes, muito referido em rituais de magia na Antiguidade, tanto designa o veneno pegajoso aqui mencionado por Vergílio, quanto uma excrescência presente na cabeça dos potros recém-nascidos, que as éguas devoram.

Encanta-me ir pelos cumes, por onde nenhum trilho das rodas dos meus antecessores desce pela ladeira suave até Castália. Agora, ó veneranda Pales, agora é tempo de cantar com alta voz.

295 Começo por ordenar que as ovelhas pastem a erva em ternos estábulos até que em breve regresse o frondoso Verão, e que sobre o duro solo se espalhe abundante colmo e punhados de fetos, para que o gelo glacial não fira o delicado rebanho e não traga a sarna e a disforme gota.

300 Depois, avançando para outro tema, ordeno que às cabras se proporcione frondosos arbustos e se ofereça água fresca e que se coloque os seus redis longe dos ventos, voltados para o sol invernal e para o meio-dia, quando o gelado Aquário se põe e no fim do ano se desfaz em chuvas.

305 A elas também devemos proteger com cuidado não leviano e menor não será o proveito, ainda que os velos de Mileto sejam vendidos por grande preço, tingidos com púrpura de Tiro. Delas vem larga descendência, delas vem abundância de leite. Quanto mais o tarro espumar do úbere já esgotado,

310 mais abundantes correrão as golfadas das ordenhadas tetas. Entretanto, não impeças que tosquem as barbas e o queixo encanecido do bode de Cínife, e as longas cerdas abundantes para uso de acampamentos e pano para infelizes marinheiros. Pastam nos bosques e nos cumes do monte Liceu, entre amoras

315 espinhosas e matagais que amam as alturas, e elas próprias, lembrando-se, regressam às suas moradas conduzindo os cabritos e subindo a muito custo com os úberes pesados. Portanto, debes afastá-las com zelo da geada e dos ventos frios, para que tenham menos necessidade do cuidado humano.

320 E, satisfeito, levar-lhes-ás pasto e forragem e rebentos, e não lhes fecharás o palheiro durante o Inverno todo.

Na verdade, quando os Zéfiros chamarem o alegre Verão, este enviará para os pastos e clareiras os dois rebanhos. Percorramos os campos frios logo que Lúcifer desponte, enquanto o dia é jovem, enquanto os pastos cantam

325 e o orvalho, agradabilíssimo ao rebanho, jaz na tenra erva. De seguida, quando a quarta hora do dia instigar a sede e as estrídulas cigarras agitarem os bosques com o seu canto, ordenarei que leves os rebanhos até aos poços e aos fundos charcos para beberem a água que corre dos canais de azinheira.

330 Por outro lado, em pleno tempo quente procura um vale umbroso, onde quer que o grande carvalho de Júpiter, de tronco antigo, estenda os seus enormes ramos, ou onde quer que um bosque negro de densas azinheiras se recline com a sua sombra sagrada. Então, dá-lhes de novo água cristalina e apascenta-as de novo

335 até ao pôr do sol, altura em que o frio Vésper amorna o ar, quando já a orvalhada lua deixa os bosques repousar e os litorais ressoam com o alcíone e os silvados com o pintassilgo.

Porque continuarei a falar-te no meu verso dos pastores da Líbia, dos pastos e das cabanas dispersas que habitam, de frágeis tectos?

340 Muitas vezes, de dia e de noite e ao longo de todo o mês, o rebanho pasta vagueando nas longas extensões sem qualquer lugar de repouso: tão vastos são os campos! Tudo leva consigo o pastor africano, não só a casa mas também os lares,

345 as armas, o cão de Amiclas e a aljava de Creta. De igual modo, o belicoso Romano, envergando as armas pátrias debaixo de excessiva carga, faz-se ao caminho e, assentando acampamento, perfila-se em formação perante o inimigo, sem ser esperado.

Não é assim onde habitam os povos da Cítia e onde fica o mar

350 Meótico, e o agitado Histro, que revolve as louras areias,

ou onde o Ródope se estende até ao polo central⁷¹ e retorna.
 Naquela região, têm os animais fechados nos estábulos. Ervas
 algumas brotam no campo ou sequer cresce folhagem nas árvores.
 Mas, malformada, a terra jaz sob amontoados de neve
 355 e de grosso gelo, que se ergue até sete cúbitos de altura.
 É sempre Inverno. Os Cauros sopram sempre ventos frios.
 Para mais, o Sol nunca dissipa as pálidas sombras,
 nem quando, arrastado pelos cavalos, se dirige para o alto éter,
 ou quando banha a quadriga desabada na rubra água do Oceano.
 360 Súbitas crostas de gelo solidificam-se na corrente do rio
 e já a superfície das águas suporta o peso das rodas de ferro.
 Aquela que antes era hospitaleira aos barcos é agora a largos carros.
 Vasilhas de bronze rebentam como se sabe e as vestes enrijecem
 quando vestidas e o vinho, um líquido, cortam-no com machados!
 365 Todos os lagos se vêem transformados em gelo sólido
 e o horrível corrimento do nariz endurece nas barbas desgrenhadas.
 Neva o tempo todo, sempre sem parar, enchendo o céu inteiro.
 Morrem os animais envoltos nas geadas. Ficam paralisados os corpos
 dos corpulentos bois e, amontoados uns sobre os outros, os cervos
 370 entorpecem-se na insólita massa e a custo sobressai a ponta das hastes.
 nenhuns cães à solta os perseguem, nem contra quiasquer redes
 correm assustados com o artefacto de penas de púrpura.⁷²
 Mas enquanto em vão empurram com o peito o monte de neve
 que se lhes opõe, chacinam-nos à mão com facas, matam-nos
 375 bramindo eles muito, e, alegres, trazem-nos com grande alarido.
 Estes desfrutam de ócios tranquilos em cavernas escavadas
 bem fundo na terra, tendo feito rolar feixes de carvalho
 e ulmeiros inteiros até às suas casas e lançando-os ao fogo.

⁷¹ O polo norte.

⁷² Vergílio refere-se à *formido*, uma corda com penas púrpura e brancas usada por caçadores para assustar as presas.

Aqui passam a noite em diversões e, pela fermentação
 380 das ácidas sorvas,⁷³ eles, alegres, imitam goladas de vinho.
 Tal é este povo de homens selvagens que vive debaixo
 do Setentrião Hiperbóreo, açoitado pelo Euro dos montes Rifeus,
 e que cobre os corpos com fulvas peles de animais.

Se a tua preocupação é a lã, afasta-te antes de mais da áspera
 385 silva, e das bardanas e dos abrolhos. Foge dos férteis pastos
 e escolhe sempre rebanhos brancos de suave pelagem.
 Mas, ainda que o próprio carneiro seja alvo, rejeita-o
 se a língua debaixo do húmido palato for negra,
 para que não escureça com pequenas manchas os velos
 390 dos recém-nascidos. Procura outro por todo o campo à volta.
 Foi assim, com um presente de nívea lã, se tal é credível, que Pã,
 deus da Arcádia, te conquistou, ó Lua, e te ludibriou chamando-te
 para o fundo do bosque. E tu não desprezaste quem te chamava.⁷⁴

Mas aquele que tem amor pelo leite, que ele próprio traga a luzerna
 395 à mão, abundante trevo amarelo e a erva salgada até aos redis.
 Por isso os animais gostam ainda mais da água corrente, esticam
 mais os úberes e trazem no leite um sabor escondido de sal.
 Também há muitos que afastam das mães os cabritos à nascença
 e prendem-lhes a ponta dos focinhos com açaimes de ferro.
 400 O leite que ordenham ao nascer do dia e durante as horas diurnas
 espremem-no durante a noite.⁷⁵ Feito isto na escuridão, ao pôr do sol,
 antes da primeira luz, levam-no em cestas (o pastor vai às cidades)
 ou temperam-no com pitadas de sal e guardam-no para o Inverno.

⁷³ Bebida fermentada, por vezes identificada com cerveja.

⁷⁴ De acordo com o mito, Pã ter-se-á transformado num carneiro branco para seduzir a Lua.

⁷⁵ Referência ao queijo.

E que o teu último cuidado não seja o dos cães, mas alimenta
 405 os velozes cachorros de Esparta e o aguerrido Molosso
 com o gordo soro do leite. Com estes guardiães nunca mais
 temerás o ladrão nocturno nos estábulos ou os ataques dos lobos,
 ou os turbulentos Iberos vindos pelas tuas costas.
 Muitas vezes também perseguirás na corrida os tímidos ónagros
 410 e caçarás a lebre com os cães, e com os cães os gamos.
 Muitas vezes acosarás javalis, expulsos dos silvestres lamaçais,
 conduzindo-os com os latidos dos cães, e por montes altos
 empurrarás com estrépito o enorme veado até às redes.

Aprende a fumar os estábulos com o odorífero zimbro
 415 e a repelir as pesadas serpentes com o odor do gálbano.
 Tanta vez a víbora, mortal ao toque, se escondeu debaixo
 da palha em redis não limpos e assustada pela luz fugiu,
 ou a cobra (desgraça cruel dos bois!), habituada a rastejar
 a coberto da sombra e a injectar veneno no rebanho, acariciou
 420 o chão. Agarra em pedras com a mão, ó pastor, agarra em paus.
 Quando ela se erguer com ameaças e crescer com o pescoço sibilante,
 mata-a! Fugindo, já escondeu a tímida cabeça num buraco,
 enquanto os anéis do meio do corpo e o fim da cauda
 se desfazem, e o último anel se arrasta em contorções vagarosas.
 425 Há também aquela cobra perniciosa nos bosques da Calábria,
 a qual quando incha o peito enrosca o dorso escamoso
 e o longo ventre salpicado por grandes manchas.
 E enquanto alguns rios jorram das suas fontes, e enquanto
 as terras estão molhadas na húmida Primavera e nos chuvosos
 430 Austros, ela vive nos lagos e, aqui habitando, perversa,
 satisfaz a sua negra voracidade com peixes e loquazes rãs.
 Quando o pântano seca e as terras se fendem com o calor,
 lança-se sobre a terra seca e, revirando os olhos flamejantes,

enfurece-se nos campos, eriçada pela sede e desvairada de calor.
 435 Que então não me apeteça agarrar os suaves sonos a céu aberto,
 nem deitar-me por entre a erva no declive de um prado
 quando, largando a pele, nova e resplandecente na sua juventude,
 ela surgir rastejando ou, deixando as crias nos ninhos ou os ovos,
 se elevar para o sol e vibrar na sua boca a língua trifurcada.
 440 Ensinar-te-ei também as causas e os sintomas das doenças.
 A vil sarna ataca as ovelhas quando a chuva fria
 penetrou fundo até à carne viva, ou o horrível Inverno
 de gelo branco, ou quando o sujo suor se agarrou às que foram
 tosquiadas e hirsutos espinheiros retalharam os seus corpos.
 445 Por isso os pastores banham o rebanho todo nos rios
 de água doce. O carneiro com o pêlo molhado mergulha
 num lago, e ao ser atirado desliza à vontade da corrente.
 Impregnam com amarga borra de azeite o seu corpo tosquiado
 e misturam óxido de chumbo, ou então enxofre natural,
 450 pez do monte Ida e cera gordurosa com os dedos,
 cebola-albarrã, pesado heléboro e negro betume.
 Porém, nenhum resultado para as doenças é mais efectivo
 do que alguém conseguir cortar com ferro a ponta
 da úlcera. Escondendo-se, o mal alimenta-se e sobrevive
 455 enquanto o pastor se recusa a aplicar as suas mãos curativas
 nas feridas e se senta suplicando aos deuses por melhores sinais.
 Mais ainda: quando a dor chega ao fundo dos ossos das ovelhas,
 uma febre ardente enfurece-se e devora-lhes os membros.
 Para afastar os calores ardentes, revelou-se útil cortar,
 460 na base do pé, uma veia a latejar com o sangue,
 como os Bisaltas costumam fazer, e o sagaz Gelono,
 quando foge para o Ródope ou para os desertos dos Getas
 e bebe o leite coalhado misturado com sangue de cavalo.

Quando vires ao longe uma ovelha que amiúde se abriga debaixo
 465 de uma sombra suave ou, preguiçosa, colhe a ponta das ervas
 e é a última do rebanho, ou então pasta deitada no meio
 do campo e regressa sozinha já noite bem avançada,
 termina logo esse mal com uma lâmina antes que o ímpio
 contágio avance lentamente por entre o rebanho incauto.
 470 Não tão numerosas são as tempestades que o furacão lança no mar
 quantas são as pestes dos rebanhos. As doenças não arrebatam
 os corpos um a um, antes todo o acampamento de repente,
 a esperança do rebanho e em simultâneo toda a espécie,
 desde os mais idosos. Que saiba isto aquele que também observa
 475 os elevados Alpes, os castros nos montes da Nórica
 e os campos do Timavo da Japídia, os reinos desertos
 dos pastores e os bosques vazios numa vasta extensão.

Aqui outrora surgiu um tempo deplorável e doentio
 que ficou em brasa no pino do calor do Outono
 480 e entregou à morte todas as raças de gado, todas as raças de feras,
 corrompeu os lagos e infectou os pastos com uma tal peste.
 Nem o caminho para a morte era simples. Ora, quando uma sede
 ardente, correndo em todas as veias, definhara os pobres membros,
 de novo transbordava um fluído que gradualmente
 485 absorvia todos os ossos, que colapsavam devido à doença.
 Tanta vez, estando a vítima junto ao altar a meio do sacrifício ao deus,
 enquanto a ínfula de lã, com a sua nívea fita, lhe circunda a cabeça,
 ela caiu, moribunda, no meio dos ministros sem saberem o que fazer.
 E se o sacerdote consagrara já antes alguma vítima com o ferro,
 490 depois nem os altares ardem com as entranhas lá postas
 nem o adivinho, quando consultado, consegue dar uma resposta.
 A custo as facas espetadas na garganta se tingem de sangue
 e apenas a superfície da areia se suja com o esquálido pus.

Então, por todo o lado os vitelos morrem no meio das nutritivas
 495 ervas e entregam os seus doces espíritos junto aos redis cheios.
 Então, a raiva chega aos meigos cães e uma tosse ofegante
 abala os porcos que estão doentes e comprime as suas caras obesas.
 Desfalece o cavalo vencedor, esquecido das coisas a que se devotava
 e dos prados, o infeliz, afasta-se das fontes e bate repetidas vezes
 500 na terra com os cascos. Fica de orelhas murchas, e daí para baixo
 surge-lhe um suor errático, e um frio para os que irão morrer.
 Seca-se a sua pele e, endurecida ao toque, resiste a ser puxada.
 Estes são os sinais que ocorrem nos primeiros dias, antes da morte.
 Mas quando a doença começar em progressão a recrudescer, então
 505 na verdade os olhos vão inflamar-se e a respiração é puxada
 do fundo, por vezes pesada com gemidos, e dilatam-se as entranhas
 desde lá do fundo com um longo soluço. O negro sangue escorre
 das narinas e a língua áspera sufoca as fauces atacadas pela doença.
 Há quem tenha julgado útil administrar vinho de Leneu
 510 com um corno. Esta parecia a única salvação para os que morriam.
 Em breve, tal era a sua desgraça pois quando restabelecidos
 ardiam em loucura e eles próprios, já sob a doença mortal
 (os deuses dêem melhor sorte aos pios e tal loucura aos inimigos!),
 despedaçavam os membros rasgando-os com os dentes nus.
 515 Eis, porém, que cai um touro, fumegante sob o duro arado.
 Da boca expele sangue misturado com espuma
 e lança os derradeiros gemidos. Desolado vai o lavrador
 separando o bezerro que deplora a morte do irmão,
 e a meio da tarefa abandona o arado cravado no chão.
 520 Nem as sombras dos altos bosques, nem os tenros prados logram
 mover o seu ânimo, nem o rio, mais translúcido do que o âmbar,
 rolando por entre rochedos, procura mais o campo. Porém,
 desfaz-se o interior dos flancos, e um entorpecimento atormenta
 os olhos inertes, e o pescoço descai com o seu peso e desaba por terra.

525 Qual o proveito do labor e das boas acções? Para quê ter revirado
 as terras pesadas com o arado? E, todavia, não foram os mássicos
 dons de Baco nem as repetidas refeições que lhes causaram dano.
 Alimentam-se com folhas e com pasto de ervas simples,
 a bebida são as fontes límpidas e os rios correndo no seu curso.
 530 Preocupação alguma interrompe os seus sonos sadios.
 Esta foi a primeira vez, há quem diga, que naquelas regiões
 buscavam bois em vão para os rituais de Juno e auroques
 desiguais conduziam os carros até aos elevados templos.
 Sem surpresa, abrem os homens a custo a terra com as enxadas,
 535 e com as próprias unhas enterram as sementes, e nos altos montes
 arrastam os carros ressoantes com os pescoços retesados.
 O lobo não experimenta as armadilhas em redor dos currais
 nem, noctívago, rodeia os rebanhos: doma-o um cuidado
 mais premente. Os tímidos gamos e os cervos fugazes
 540 vagueiam agora entre os cães e em redor das casas.
 Já as vagas varrem a prole do imenso mar e toda a espécie
 de seres marinhos até à costa, como corpos de naufragos;
 as focas fogem para os rios, a eles desacostumadas.
 Morre a víbora, protegida em vão pelos curvos esconderijos,
 545 e as cobras de água de escamas encrespadas, atónitas.
 O ar é nocivo até para os próprios pássaros. E eles
 abandonam a vida ao precipitarem-se de uma nuvem alta.
 Além disso, nem interessa sequer mudar a alimentação
 e os remédios procurados são nocivos. Os peritos desistiram:
 550 Quíron, filho de Fílira, e Melampo de Amitáon.
 Enfurece-se a pálida Tisífone, enviada das trevas do Estige
 para a luz, conduz as Doenças e o Medo. À medida
 que os dias correm, erguendo-se, eleva mais alto a sua cabeça.
 Os rios e as costas ressequidas e os montes escarpados
 555 ressoam com o balido dos rebanhos e com os mugidos sem parar.

E agora ela causa uma carnificina em massa, e nos próprios
 estábulos amontoa os cadáveres decompostos pela pútrida peste
 até que aprendam a tapá-los com terra e a enterrá-los em covas.
 Pois nem havia utilidade para os couros, nem ninguém consegue
 560 limpar as carnes com água, nem cozinhá-las no fogo.
 Nem sequer conseguem cortar as peles consumidas pela doença
 e pela imundície, nem tocar nas telas podres do tear.
 Na verdade, se alguém experimentasse tal indumentária odiosa,
 pústulas ardentes e um suor imundo correriam pelo corpo
 565 fétido e mais tarde, sem ter de esperar muito tempo,
 o fogo sagrado⁷⁶ consumir-lhe-ia os membros contaminados.

⁷⁶ Referência à erisipela, uma infecção cutânea aguda, acompanhada por febre e mal-estar.

Livro IV

- 1-7 Proêmio.
- 8-50 Escolha de um local para as colmeias e a sua formação.
- 51-66 O trabalho das abelhas quando termina o Inverno.
- 67-87 A guerra civil.
- 88-102 Dois tipos de abelhas.
- 103-115 Como manter os enxames próximos da colmeia.
- 116-148 Exemplos a colher das abelhas.
- 149-196 A natureza e os trabalhos das abelhas.
- 197-209 Hábitos reprodutivos e esperança de vida.
- 210-218 Obediência e devoção ao rei.
- 219-227 A natureza divina das abelhas.
- 228-250 Indicações e métodos para recolher o mel.
- 251-280 Sintomas e doenças.
- 281-314 Morte do enxame e a *bugonia*.
- 315-558 Lamento de Aristeu e Cirene
- 333-386 Cirene e o catálogo das Ninfas. Recepção de Aristeu. Catálogo dos rios.
- 387-414 Preceitos de Cirene.
- 415-452 Proteu.
- 453-527 Epílio de Proteu: Orfeu e Eurídice.
- 528-558 Cirene ensina a Aristeu a técnica da *bugonia*.
- 559-566 Selo final do poeta.

LIVRO IV

17	Proemio
27	Falares de um local para as colmeias e a sua fundação
37-66	O trabalho das abelhas quando entram o inverno
67-87	A grande colmeia
88-102	Das regras de abelhas
103-112	Como manter os castores próximos da colmeia
113-148	Exemplos e colmeias das abelhas
149-150	A natureza e os cuidados das abelhas
151-209	Hábitos, procedimentos e espécies de abelhas
210-218	Os cuidados e o trabalho no mel
219-227	A natureza divina das abelhas
228-270	Indicações e regras para escolher o mel
271-280	Indicações e espécies
281-314	Morte do colmeio e a beira-mar
315-328	Fundação de Abidos e Cívico
329-386	Cívico e o trabalho das abelhas. Resposta de Apolo. Cívico e as abelhas
387-414	Proemio de Cívico
415-422	Proemio
423-427	Resposta de Apolo a Cívico e a beira-mar
428-432	Cívico explica a natureza divina das abelhas
433-436	Selo final do poema

PROSEGUINDO, os dons celestiais do mel que vem do céu⁷⁷ irei expor agora. Observa também, ó Mecenas, esta parte. Falarei da visão de um pequeno mundo digno de admiração, de grandiosos gerais e, por ordem, também dos costumes, dos trabalhos, dos povos e das guerras de toda uma nação. Trato um tema menor. Mas menor não é a glória, se os deuses adversos assim o permitirem e Apolo ouvir a nossa prece.

Primeiro, é preciso procurar um local e estabelecer as abelhas de modo a que a entrada não fique virada para o vento (pois o vento impede que levem os pastos para casa), que ovelhas ou cabritos irrequietos não saltem nas flores, ou que a novilha, errando no campo, não sacuda o orvalho e trinque as ervas que estão a crescer. Que estejam também ausentes das férteis colmeias os lagartos coloridos nas costas escamosas, os abelharucos e outras aves, sobretudo Procne, marcada no peito por mãos ensanguentadas, pois eles devastam tudo numa larga extensão e, voando, levam-nas nos bicos, doce comida para as crias terríveis. Por outro lado, que haja fontes límpidas e lagos enverdecidos

⁷⁷ O mel é considerado divino porque se dizia que as abelhas recolhiam o orvalho do céu.

de musgo, e um pequeno riacho correndo por entre as ervas.
 20 Que uma palmeira ou enorme zambujeiro dêem sombra à entrada
 para que, quando os novos reis conduzirem os primeiros enxames
 na sua querida Primavera e a juventude saída dos favos aí brincar,
 a margem vizinha os convide a abandonar o calor e uma árvore
 no caminho os resguarde com folhagens hospitaleiras.
 25 Num sítio rodeado de água, quer esta esteja parada ou corrente,
 reúne troncos de salgueiros postos de través e grandes seixos,
 para que elas possam fixar-se em pontes cerradas e esticar
 as asas para o sol estival, se acaso o impetuoso Euro
 borrifar as mais atrasadas ou as mergulhar na corrente de Neptuno.
 30 Que a toda a volta floresçam os troviscos verdes, o tomilho
 cujo odor se sente na vastidão, e em abundância a segurelha
 de forte cheiro, e que as violetas bebam da fonte que as rega.
 As próprias colmeias, porém, quer sejam cosidas por ti
 com cortiça escavada, quer sejam entrelaçadas com flexível vime,
 35 devem ter entradas apertadas pois o Inverno congela o mel
 com o frio e o calor amolece-o, fazendo-o derreter-se.
 Ambas as forças devemos rezeir nas abelhas e não é em vão
 que elas, ao desafio, cobrem nas suas casas todos os orifícios
 com cera e encham as entradas com própole das flores.
 40 Com este mesmo propósito armazenam a goma que colheram,
 mais mole do que o visco e do que o pez do Ida, na Frígia.
 Muitas vezes também, se for verdade o que se diz, protegem
 o seu lar debaixo da terra em buracos escavados, e são achadas
 no fundo das côncavas pedras-pomes e no buraco da oca árvore.
 45 Tu, porém, com lodo macio unta as fissuras dos seus quartos
 em redor, e lança por cima umas quantas folhas.
 Não deixes o teixo⁷⁸ demasiado perto das colmeias, não queimes

⁷⁸ Sendo tóxico, constitui uma forte ameaça para as abelhas.

os rubros caranguejos⁷⁹ no lar nem confies no pântano fundo,
 ou onde haja um pesado odor de podridão, ou onde as escavadas
 50 rochas percutidas ressoam e o eco da voz ressalta com o choque.

Quanto ao resto, quando o áureo sol empurrou o Inverno
 para debaixo das terras e revelou o céu com uma luz estival,
 as abelhas espalham-se de imediato pelos vales e bosques
 e colhem flores de púrpura e, ligeiras, bebem da superfície
 55 das águas. Assim, alegres, protegem, não sei com que prazer,
 a sua prole e os seus ninhos. E daqui forjam com arte
 a cera fresca e amassam o mel aderente.
 Nesta altura, quando vires o enxame saído já da colmeia
 flutuando no ar transparente do Verão até junto dos astros do céu
 60 e te maravilhares com a sua nuvem escura arrastada pelo vento,
 observa-as bem. Elas procuram sempre águas doces
 e protecções frondosas. Aí espalha as essências prescritas:
 erva-cidreira triturada e a vulgar erva da borragem, faz
 barulhos estridentes e toca à volta os címbalos da Grande Mãe.⁸⁰
 65 Elas próprias instalar-se-ão em moradas perfumadas, elas próprias,
 como é seu costume, ocuparão os quartos mais interiores.

Mas se, porém, saírem para a batalha, pois não raras vezes
 a discórdia, com um grande tumulto, sobrevém aos dois reis,
 desde logo é lícito presumir de longe os ânimos do povo
 70 e os corações vibrantes com a guerra. Pois esse som de Marte
 do rouco bronze invectiva as que se atrasam e uma voz
 é ouvida, imitando o troar intermitente das trombetas.
 Então, agitadas, formam aliança entre si, batem as asas,
 aguçam os ferrões com os rostos, preparam os músculos,

⁷⁹ Plínio-o-Velho considera que este odor é fatal para as abelhas.

⁸⁰ Cíbele. Em seu louvor, os sacerdotes (curetes) dançavam e tocavam címbalos.

75 e em redor do rei e junto da tenda real misturam-se,
 densas, e provocam o inimigo com enormes zumbidos.
 Em suma, quando alcançam um límpido dia de Primavera
 e campos abertos, elas irrompem portas fora e atacam.
 Um zumbido ergue-se no alto éter. Aglomeram-se numa grande
 80 bola, misturadas, e caem a pique. O granizo não cai mais denso
 do céu nem, sacudida a azinheira, chovem tantas bolotas.
 Os próprios reis, por entre as fileiras, com insígnias asas
 revolvem o espírito magnânimo no seu pequeno coração,
 a tal ponto obstinados em não ceder até que o forte vencedor
 85 force este lado ou o outro a fugir e a bater em retirada.
 Esta agitação dos ânimos e todos estes combates
 serenam com um pouco de pó que é lançado ao ar.

Na verdade, quando tiveres chamado de volta ambos os chefes
 da linha de batalha, mata o que te parecer inferior, para não ser
 90 um fardo. Permite que o vencedor reine num trono vago.
 Este será aquele que brilha em manchas escamosas de ouro,
 pois são dois os géneros: este, o melhor, é distinto no aspecto
 e brilhante de escamas rutilantes; aquele outro é desgrenhado,
 preguiçoso, e arrasta sem glória a sua grande pança.
 95 Dois são os aspectos dos reis e assim são os corpos do seu povo:
 pois umas são feias, de má aparência, tal como quando um viajante
 que chega do meio da poeira e cospe a terra com a boca seca,
 cheio de sede. As outras reluzem e irradiam um brilho e cintilam
 de ouro, de corpos cobertos por um padrão de pintas simétricas.
 100 Esta linhagem é a melhor. Dela, na altura certa do ano,
 extrairás o doce mel, e não tão doce é quanto límpido
 será e capaz de domesticar o sabor áspero de Baco.

Mas quando os enxames voam ao acaso e brincam no céu
 e desdenham dos favos e abandonam as colmeias que ficam frias,
 105 proibirás que estes espíritos instáveis se entreguem a brincadeiras
 fúteis. Nem dará grande trabalho proibi-las: aos reis arranca tu
 as asas. Estando eles a demorar, nenhuma delas ousará partir
 pelos ares para o caminho, ou tirar as insígnias das fortificações.
 Que os jardins perfumados com flores de açafraão as seduzam,
 110 que a tutela de Priapo do Helesponto, guardião contra ladrões
 e pássaros, as proteja com a sua foice de salgueiro. Aquele
 que a tal se dedica, que traga dos altos montes o tomilho
 e os folhados⁸¹ e os semeie em larga extensão em redor da colmeia.
 Que ele próprio gaste as mãos com este duro labor, que plante
 115 na terra as plantas nutritivas e as regue com chuvas amigáveis.

Pela minha parte, se eu não estivesse já no limite do meu trabalho,
 a recolher as velas e a apressar-me a voltar a proa para terra,
 cantaria talvez com que cuidado se deve enfeitar e cultivar
 os ricos jardins e as roseiras de Pesto que florescem duas vezes,
 120 e também de que modo as endívias se alegram quando bebem
 água dos rios, as margens verdejantes com o aipo, e como o pepino
 serpenteia pela erva e incha, bojudo. Nem me teria calado
 sobre a cabeleira tardia do narciso ou os ramos da flexível acácia,
 nem sobre as pálidas heras ou as murtas que amam os litorais.
 125 Pois lembro-me de que ao pé das torres da cidadela de Ébalo,
 por onde o negro Galeso molha os cultivos dourados,
 vi um velho de Córico que tinha umas poucas jeiras de campo
 ao abandono. Nem eram férteis para os bois, nem a terra própria
 para gado, nem conveniente para Baco. Aqui, porém, semeando
 130 aqui e ali umas certas hortaliças por entre os silvados e em redor
 delas lírios brancos, verbenas e também papoilas minúsculas,

⁸¹ *Viburnum tinus*, arbusto nativo das regiões do Mediterrâneo.

igualava em contentamento as riquezas dos reis. E, regressando já alta noite a casa, cobria a mesa com iguarias que não comprara. Ele era o primeiro a colher as rosas na Primavera e os frutos
 135 no Outono e, quando o triste Inverno quebrava ainda as rochas com o frio e travava o curso das águas com o gelo, já ele estava a aparar a cabeleira do tenro jacinto insultando o Verão atrasado e os Zéfiros que demoravam. Por conseguinte, era o primeiro a ter abundância de abelhas
 140 prolíficas e vários enxames e, espremidos os favos, obrigava a sair o mel espumoso. Tinha tílias e folhados luxuriantes, e com quantos frutos a árvore fértil se vestia no início da floração, outros tantos obtinha quando já amadurecidos no Outono. Dispôs os ulmeiros também crescidos em alinhamento,
 145 as pereiras maduras e os abrunheiros que já trazem ameixas,⁸² e o plátano que já fornecia sombra aos que queriam ali beber. Mas, pela minha parte, ponho de lado estes assuntos, impedido por limites inadequados, e deixo a outros lembrá-los depois de mim.

Agora vamos! Explicarei a natureza das abelhas, que Júpiter,
 150 ele próprio, lhes concedeu como recompensa de terem seguido os sons melodiosos dos Curetes e os seus bronzes barulhentos, e de terem alimentado o rei do céu na caverna do monte Dicte. Apenas as abelhas têm filhos em comum, em comum têm as moradas da sua cidade e levam a vida sob magnas leis.
 155 Só elas conhecem a pátria e os penates correctos. Lembrando-se do Inverno que há-de chegar, suportam o trabalho no Verão e põem de reserva provisões conjuntas. Pois umas dedicam-se aos víveres e, pelo acordo celebrado, dele se ocupam nos campos. Outras, dentro das paredes das casas,

⁸² Por enxertia.

160 colocam a lágrima do narciso e a própole pegajosa da casca como primeiros fundamentos dos favos, e de seguida penduram as ceras pegajosas. Outras fazem sair as crias crescidas, a esperança da raça. Outras amontoam o mel puríssimo e enchem os alvéolos com o líquido néctar.
 165 Outras há a quem coube em sorte a vigilância junto às portas e, à vez, observam as águas e as nuvens do céu, ou recebem as cargas das que chegam, ou, em formação cerrada, afastam das colmeias os zangões, enxame indolente. O trabalho fervilha e o mel perfumado exala tomilho.
 170 É tal como os Ciclopes quando se apressam a forjar os raios com os metais maleáveis. Uns recebem e devolvem o ar com foles de pele de touro, outros mergulham os bronzes estridentes em água. O Etna geme sob as bigornas ali postas. Com toda a força, eles erguem os braços alternadamente
 175 e em cadência, e viram o ferro com a torquês resistente. De outro modo, se é lícito comparar coisas pequenas a grandes, um amor inato de vencer exorta as abelhas de Cécrops, cada uma no seu ofício. Às mais velhas cabe cuidar das cidades, não só construir os alvéolos mas também moldar habilmente as casas.
 180 Por seu lado, já noite avançada as mais novas regressam, cansadas, com as pernas carregadas de tomilho. De todo o lado alimentam-se de medronheiros e também de brancos salgueiros e de troviscos e açafraão alaranjado, e da rica tília e de jacintos da cor azul-púrpura. Para todas há o descanso dos trabalhos, para todas há um só trabalho.
 185 Pela manhã irrompem porta fora, sem demora alguma. De novo, quando Vésper as avisou de que finalmente devem partir do pasto, procuram então as suas casas, então cuidam dos seus corpos. Surge um ruído e zumbem em redor das entradas e das soleiras. Depois, quando já foram para os aposentos dormir, o silêncio reina
 190 na noite e o sono que lhes é caro ocupa-se dos seus membros lassos.

Na verdade, quando a chuva está iminente elas não se afastam para longe da colmeia, nem confiam no céu mal os Euros se acercam, antes, protegidas sob as muralhas da cidade, vão buscar água arriscando breves saídas. E muitas vezes levam pedrinhas, tal como os barcos instáveis levam lastro quando o mar está muito agitado. E com isto equilibram-se por entre as nuvens insubstanciais.

Admiras-te a tal ponto que as abelhas se tenham contentado com o costume de não ceder ao acasalamento, nem, indolentes, entregar os corpos a Vénus ou dar à luz com dores de parto as crias. Na verdade, elas mesmas recolhem os filhos das folhas e das ervas tenras com a boca. Elas mesmas substituem o rei e os pequenos Quirites e reconstroem os palácios e os reinos de cera. Muitas vezes também, ao vaguearem pelas rochas duras, gastam as asas e entregam a alma debaixo da carga pesada, tamanha é a sua paixão pelas flores e a glória de produzirem mel. Por conseguinte, ainda que o término de uma vida curta as apanhe (de facto, ela não vai além do sétimo Verão), a espécie permanece imortal e a fortuna da casa mantém-se de pé por muitos anos, e contam-se os avós dos avós.

Além disto, nem o Egipto e a vasta Lídia, nem o povo dos Partos ou o Hidaspes da Média, respeitam tanto o seu rei. Enquanto o rei governa, em todas elas há um só pensamento. Quando o perdem, rompem os laços de lealdade e destroem elas próprias o mel que amontoaram, e desfazem a estrutura de favos. Ele superintende aos trabalhos. Admiram-no, e todas elas se aglomeram, numerosas, em seu redor com um zumbido denso. Muitas vezes levam-no em ombros e expõem os corpos à guerra, e por entre os golpes dirigem-se para uma morte bela.

Alguns, com estes sinais e seguindo estes exemplos, disseram que há uma porção de mente divina nas abelhas e que elas bebem do éter celeste. Dizem na verdade que a divindade caminha por todas as terras, pela extensão do mar e pela abóbada celeste. Da divindade, o gado, os rebanhos, os homens e toda a espécie de animais, e qualquer outro ser ao nascer, obtêm a vida ténue. E, evidentemente, todas as coisas mais tarde a ela regressam. Quando se desfazem são restauradas e não há lugar para a morte mas, vivas, voam para o estatuto de estrela e entram nas alturas do céu.

Se alguma vez quiseses destapar a augusta mansão e tirar o mel guardado nos seus tesouros, primeiro, com um pouco de água, molha e lava a boca, e espalha à tua frente os fumos sequazes. Duas vezes se colhe a abundante safra, há duas épocas de colheita. Uma, logo que a Plêiade do Taígeto mostrou o seu belo rosto às terras e com o pé repeliu com desprezo as vagas do Oceano. A outra, quando, fugindo do astro do aquoso Peixe, ela desce mais triste do céu para as ondas do Inverno. A cólera das abelhas é desmedida, e quando feridas injectam veneno com as ferroadas. As que ficam presas às veias aí abandonam o ferrão escondido e rendem a alma no golpe. Se, porém, receares o Inverno rigoroso e precaveres o futuro, e tens piedade dos seus ânimos abatidos e da sua situação débil, quem hesitaria pelo menos em fumigá-las com tomilho e cortar as ceras vazias? Na verdade, amiúde a lagartixa, escondida, devora os favos; os ninhos ficam cheios de baratas que fogem da luz e o zangão poussa, sem ter pago a sua parte, em repastos alheios. Por vezes, a rude vespa mistura-se com as suas armas desiguais, ou a ímpia raça das traças, ou a aranha, odiosa a Minerva,

que pendura nas entradas as suas teias frouxamente presas.⁸³
 Quanto mais lhes for retirado, mais arduamente
 todas se aplicarão a reparar os destroços da espécie caída
 250 e encherão as fileiras de favos e tecerão a colmeia com flores.

Na verdade, uma vez que a vida trouxe às abelhas enfermidades
 iguais às nossas, os seus corpos desfalecerão com a triste doença,
 o que tu poderás identificar com sintomas muito claros.

Quando adoecem, a cor muda de imediato. Uma magreza horrível
 255 deforma o seu aspecto. Então levam para fora das casas os corpos
 das que perderam a luz e organizam-lhes tristes funerais;
 ou então, presas pelos pés, penduram-se junto das entradas,
 ou demoram-se todas dentro da sua moradia fechada,
 entorpecidas pela fome e indolentes pelo frio apertado.

260 Então ouve-se um som mais grave e zumbem sem interrupção,
 tal como por vezes o gélido Austro murmura nos bosques,
 e como o mar encrespado brame com as ondas que refluem,
 e como o arrebatador fogo arde nas fornalhas fechadas.

Aqui aconselhar-te-ei a queimar fragrâncias de gálbano
 265 e a dar-lhes mel em canais feitos de canas, e ainda
 a exortar as que estão esgotadas a vir para a refeição familiar.
 Também seria útil misturar o sabor de bugalhos esmagados
 e rosas ressequidas, ou o mosto tornado espesso num lume
 bem forte, ou cachos de passas da videira da Psítia,

270 e o tomilho de Cécrops e a erva centáurea de forte cheiro.
 Há também nos prados uma flor à qual os agricultores
 chamaram áster, uma planta acessível para quem a busca,
 pois ergue enorme folhagem a partir de uma só raiz.⁸⁴

⁸³ Tendo fama de grande tecedeira, Aracne desafiou Atena para uma competição. A deusa aceitou o desafio mas, face à vitória de Aracne, rasgou todo o trabalho da mortal e transformou-a em aranha.

⁸⁴ Trata-se de *Aster amellus*, uma espécie muito comum no Mediterrâneo.

Ela própria é dourada e, nas pétalas que se espalham à volta
 275 em grande número, reluz um carmim debaixo do violeta escuro.
 Amiúde as aras dos deuses se enfeitam com grinaldas entrançadas.
 O seu sabor é áspero à boca; os pastores colhem-na nos vales
 aparados pelos rebanhos e junto à recurva corrente do rio Mela.
 Pois bem, cozinha as suas raízes com aromático Baco
 280 e coloca este alimento em cestos cheios junto às entradas.

Mas se alguém, de súbito, tiver perdido toda a descendência
 e não houvesse modo de restabelecer uma nova linhagem,
 é tempo de revelar a memorável invenção do pastor
 da Arcádia,⁸⁵ e também como o sangue corrompido dos novilhos
 285 sacrificados já muita vez gerou abelhas. De modo elevado
 exporei a história toda, partindo da sua origem mais remota.

Ora bem, ali onde o afortunado povo de Canopo do Peleu
 habita o Nilo que tudo alaga com a transbordante corrente,
 e navega em torno dos seus campos em barcos pintados,
 290 e onde a vizinhança da Pérsia, de aljava posta, os ameaça,
 292 e fecunda o verdejante Egipto com negra terra,
 293 e onde o rio desagua precipitando-se por sete embocaduras,
 291 todas distintas, depois de descer desde os bronzeados Indos,⁸⁶
 toda a região deposita a sua salvação na seguinte arte.

295 Em primeiro lugar, escolhem um local exíguo,
 confinado para este objectivo. Encerram-no com um pequeno
 telheiro e paredes apertadas e adicionam-lhes quatro
 janelas com luz oblíqua, desfasadas dos quatro ventos.
 Então busca-se um vitelo cujos cornos já se curvam na fronte
 300 com dois anos. E a este, resistindo, obstruem-se as gémeas

⁸⁵ Aristeu.

⁸⁶ Numeração estabelecida pelo autor da edição crítica utilizada para esta tradução.

narinas e a respiração da boca. E, depois de morrer pelos golpes,
 as suas vísceras moídas dissolvem-se dentro da sua pele intacta.
 Assim o deixam nesta condição ali fechado e põem de baixo
 dos flancos ramos, tomilho e troviscos apanhados há pouco.
 305 Isto executa-se logo que os Zéfiro empurram as ondas
 e antes que os prados se matizem com novas cores, e antes
 que a estrídula andorinha pendure o seu ninho das traves.
 Entretanto, a humidade, amornada nos tenros ossos,
 aquece. Podem ser vistos animais de formas espantosas,
 310 primeiro, privados de patas, logo depois, de asas zumbindo,
 em enxames. Mais e mais vão cruzando o ar ligeiro
 até que irrompem, tal como a chuva se derrama das nuvens
 estivais ou como as flechas disparadas pela corda a vibrar,
 quando calha os rápidos Partos atacarem no início da batalha.

315 Que divindade, ó Musas, quem foi que nos forjou esta arte?
 De onde surgiram estas novas experimentações dos homens?
 Ora, o pastor Aristeu, fugindo do Tempe cruzado pelo Peneu,
 perdeu, como se conta, as abelhas por doença e por fome.
 Um dia parou, desolado, junto à nascente sagrada do rio.
 320 Lamentando-se muito, com estas palavras se dirigiu à mãe:
 “Mãe, mãe Cirene, que deténs as profundezas desta corrente,
 porque me geraste a partir da ilustre estirpe dos deuses
 — se, como dizes, o meu pai é Apolo de Timbra —
 para ser odiado pelos fados? Aonde partiu o teu amor
 325 por mim? Porque me mandavas aguardar o céu?
 Eis que abandono até esta glória da minha vida mortal
 que a custo o engenhoso cuidado pelas searas e rebanhos forjou
 com todos os meus esforços, apesar de tu seres minha mãe.
 Vamos, pois! Arranca com as mãos tudo o que de fértil plantei,
 330 lança fogo inimigo aos meus estábulos e aniquila as colheitas,

queima as sementeiras e usa o poderoso machado nas videiras,
 se tamanho enfado pela minha própria glória te tomou.”

Ora, a mãe, lá dos seus aposentos nas profundezas do rio,
 escutou a sua voz. Em seu redor as Ninfas cardavam velos
 335 de lã de Mileto, tingidos com a rica cor verde do vidro.
 Eram elas Drimo e Xanto e Ligeia e Filódoce,
 337 derramando os cabelos brilhantes pelos alvos pescoços,⁸⁷
 339 Cidipe e a loura Licoriade — uma era inupta ainda, a outra
 340 experimentara pela primeira vez os trabalhos de Lucina —,
 e Clio e a sua irmã Béroe, ambas filhas de Oceano,
 ambas banhadas de ouro, ambas cingidas de peles tingidas.
 Estavam também Éfira e Ópis, e Dejopeia da Ásia,
 e a veloz Aretusa que, por fim, pôs de lado as flechas.
 345 Entre estas, Clímene narrava o vão cuidado
 de Vulcano, e os dolos de Marte e as alegrias roubadas,⁸⁸
 e contava os numerosos amores dos deuses desde o Caos.
 Cativadas pela canção, puxavam fiando os macios flocos de lã
 para os fusos, quando de novo o choro de Aristeu feriu os ouvidos
 350 da sua mãe. Ficaram todas petrificadas nos vítreos assentos.
 Ora então Aretusa, primeiro do que todas as suas irmãs,
 ergueu a cabeça loira sobre o topo da onda e, fitando-as,
 disse de longe: “Não sem razão estou assustada com tal choro,
 ó Cirene, minha irmã. Ele próprio, o teu maior cuidado,
 355 o teu Aristeu, está de pé, desolado, chorando junto à água
 do pai Peneu, chamando-te cruel e mencionando o teu nome.”
 A mãe, de mente abalada por uma súbita inquietação, disse-lhe:
 “Trá-lo cá, anda, trá-lo para junto de nós. Ele pode tocar

⁸⁷ O verso 338 não consta da edição crítica utilizada para esta tradução.

⁸⁸ Alusão ao ardil preparado por Vulcano para conseguir apanhar Vénus, sua mulher, em adultério com Marte.

as soleiras dos deuses”. Ao mesmo tempo, ordena que as correntes profundas se afastem para longe, para que o jovem aí possa entrar. Então uma onda, dobrada sobre si como uma montanha, rodeou-o e, recebendo-o no seu vasto seio, atirou-o para o fundo do rio. E já lá ia Aristeu, admirando a casa de sua mãe e os aquosos reinos e os lagos fechados em grutas e os bosques ruidosos.

365 Estupefacto com o colossal movimento das águas, observava todos os rios que correm, cada um na sua região, debaixo da enorme terra: quer o Fásis, quer o Lico, e a fonte de onde o profundo Enipeu primeiro irrompe, donde se ergue o pai Tibre e donde as correntes do Anieno, e donde ressoa o rochoso Hípanis e o Caíco da Mísia e o dourado Erídano, com os dois cornos no seu semblante taurino, que corre mais violento do que nenhum outro rio pelos ricos campos lavrados até ao mar cor de púrpura. Quando entrou no aposento nupcial, de tecto abobadado em pedra-pomes, e Cirene reconheceu o choro vão do filho, as irmãs trazem, em fila, água da fonte às suas mãos e levam-lhe toalhas de pano de cerdas curtas. Umás põem a mesa com iguarias, enquanto outras trazem as taças e enchem-nas. Os altares ardem com fogos da Pancaia. E a mãe diz: “Toma esta taça de Baco Meónio. Ao Oceano brindemos!”. Ao mesmo tempo, ela própria invoca o Oceano, pai do mundo inteiro, e as Ninfas, suas irmãs, que velam por um cento de bosques e por um cento de rios. Três vezes ela cobriu a ardente Vesta com o líquido néctar, três vezes reluziu a chama até perto do cimo do tecto.

385 Ganhando coragem com este presságio, assim começou ela: “Há no abismo dos Cárpatos de Neptuno um adivinho, o azulado Proteu, que cruza o largo mar levado pela

sua quadriga de peixes e cavalos de duas patas atrelados.

390 Aqui revisita ele os portos da Emátia e a sua pátria, Palene. Nós, Ninfas, veneramo-lo e também o próprio Nereu, já idoso, uma vez que o adivinho sabe todas as coisas, as que acontecem, as que aconteceram e as que hão-de acontecer. De facto, assim pareceu bem a Neptuno, cujos rebanhos gigantescos de feias focas ele apascenta no seu abismo. É ele, ó filho, que deves desde logo apanhar com grilhões, para que conte a causa da doença e favoreça o teu êxito. Pois sem a tua coragem não te dará conselhos alguns, nem o comoverás com as tuas súplicas. Com toda a energia, apanha-o com grilhões! Só assim, no final, os seus dolos serão inúteis. Eu própria, quando o sol acender o calor do meio-dia, mal as ervas estiverem sedentas e a sombra for já grata ao gado, guiar-te-ei ao esconderijo do ancião onde, quando cansado, ele se recolhe das ondas, para que facilmente o ataques deitado.

405 Na verdade, quando o tiveres já preso com as mãos e correntes, então uma variedade de formas e rostos de feras ludibriar-te-ão. É que ele vai transformar-se de repente em javali de pêlo eriçado ou tigre mortífero, num dragão escamoso ou numa leoa de fulvo pêlo. Ou então lançará o selvagem crepitar da chama e assim escapará das cordas, ou dissipar-se-á em insubstancial água e partirá.

410 Mas quanto mais ele se transformar em diversas formas, mais tu, ó filho, terás de apertar as correntes tenazes, até que, uma vez mudado o corpo, o vejas tal como ele era quando fechou os olhos no início do seu sono.”

415 Assim falou. E derramou então um líquido odor de ambrósia, com o qual cobriu todo o corpo do filho. Uma doce fragrância soprou dos seus cabelos bem arrançados e uma força apropriada subveio-lhe aos membros.

Há uma gruta imensa
na face de uma escarpa escavada, contra a qual ondas sem cessar
420 são empurradas pelo vento e se despedaçam na baía recolhida,
às vezes porto seguro para marinheiros apanhados pela tormenta.
Lá dentro estava Proteu, atrás de uma enorme parede de rocha.
A Ninfa coloca o jovem numa reentrância, de costas para a luz.
Ela, obscurecida na sombra, não vai para longe das trevas.
425 Já o impetuoso Sírio, que torra os sequiosos Indos,
ardía no céu e o ígneo Sol consumira metade do globo,
as ervas estavam secas e os raios coziam os côncavos rios,
aquecidos nos seus canais secos até ao lodo do fundo,
quando Proteu, saindo das ondas, avançou para a sua caverna
430 habitual. A raça húmida do vasto mar, exultando
em seu redor, espalha à distância salpicos salgados de espuma.
As focas estendem-se sonolentas na praia aqui e ali.
Ele, como às vezes faz o guardião do estábulo nos montes
quando o Vésper conduz os vitelos da pastagem para o curral
435 e os cordeiros provocam a fome dos lobos com audíveis balidos,
senta-se entre eles num rochedo e põe-se a contá-los.
Quando se proporcionou a Aristeu a oportunidade de o apanhar,
mal permitiu que o ancião estendesse os membros cansados:
lança-se com grande estrépito e com algemas prende Proteu
440 deitado. Ele, por sua vez, não se esquece dos seus poderes
e transforma-se em todo o tipo de coisas extraordinárias,
não só fogo mas também em horrível fera e em água corrente.
Mas quando por algum engano encontra a fuga, vencido
regressa à sua forma original e, por fim, falou com voz humana:
445 “Quem ordenou que tu, ó mais atrevido dos jovens, viesses
a minha casa? O que procuras aqui?”, disse. E ele respondeu:
“Tu sabes, Proteu, tu mesmo sabes. Não é possível enganar-te em nada.

Mas deixa de querer enganar-me. Seguindo os conselhos de deuses,
venho junto de ti buscar um oráculo para a minha exausta condição.”
450 Disse apenas isto. Perante tal, por fim, o adivinho lançou-lhe
violentamente um olhar flamejante de glauco brilho
e rangendo os dentes muito, assim disse tais palavras proféticas:⁸⁹
“É a cólera de uma certa divindade que te atormenta.
Grande é o crime que estás a expiar. É o lastimável Orfeu que te
455 atíça estes castigos que de modo algum mereces, se os fados não
se opõem, enfurecido terrivelmente por lhe terem tirado a amada.
Ela, na verdade, ao fugir de ti, correndo à pressa pela margem
do rio, não viu, ela, a menina que viria a morrer, diante dos pés,
nas ervas altas, uma serpente gigantesca guardando as margens.
460 Bem o coro das Driades, suas companheiras, encheu os altos
montes com o seu choro. Choraram as cidadelas do Ródope,
e a alta montanha Pangeu e a terra de Marte, e Reso,
e os Getas e o Hebro e a jovem Oritia de Acte.
Orfeu, consolando o seu amor desditoso com a oca cítara,
465 a ti para si cantava, doce esposa, a ti, na praia solitária,
a ti, ao nascer do dia, a ti, quando o sol se punha.
Até nas fauces do Ténaro, profunda entrada de Dite,
ele se internou, bosque coberto de nevoeiro com negro terror,
e abeirou-se dos Manes e do temível soberano e dos corações
470 que com as preces humanas não sabem apaziguar-se.
As insubstanciais sombras, movidas pelo seu canto, vinham
do fundo do Érebo, assim como os fantasmas carentes de luz,
tantos quantos os milhares de aves que se aninham na ramagem
quando o Vésper ou a chuva de Inverno as traz dos montes,

⁸⁹ Parece ser Vergílio o primeiro autor que une a lenda de Aristeu à de Orfeu e Eurídice. Aristeu perdeu as suas abelhas por ter, inadvertidamente, causado a morte de Eurídice.

475 mães e homens e corpos de magnânimos heróis
 desprovidos de vida, rapazes e raparigas por casar
 e jovens colocados em piras diante do rosto dos pais,
 em redor dos quais o negro lodo e o disforme canavial
 do Cocito e o odioso pântano de águas estagnadas
 480 os retêm, e o Estige, que corre nove vezes à sua volta.
 Mais, até as mansões ficaram estupefactas, e o mais recôndito
 do Tártaro, sede da Morte, e as Euménides, de azuladas cobras
 entrançadas nos cabelos. E Cérbero, boquiaberto, conteve
 as suas três bocas, e a roda de Ixíon, que rola com o vento, parou.
 485 Agora, refazendo os passos, Orfeu livrou-se de todos os perigos,
 e Eurídice, uma vez recuperada, já regressava ao mundo superior
 seguindo atrás dele (pois Prosérpina impusera esta condição),
 quando uma súbita loucura tomou o amante incauto
 — na verdade, digna de perdão, se os Manes soubessem perdoar.
 490 Já quase de volta à luz, deteve o passo. Mas esquecendo-se, ai!,
 olhou para trás, para a sua Eurídice, vencido no seu propósito. Aí
 todo o esforço se esvaiu em vão e rasgaram-se os pactos do cruel
 tirano.⁹⁰ E três vezes se ouviu um estrondo nos lagos do Averno.
 Ela gritou: “Que loucura me perdeu a mim, infeliz, e a ti, Orfeu?
 495 Que loucura tão grande? Eis que de novo me chamam de volta
 os cruéis Fados, e o sono começa a ocupar o meu olhar flutuante.
 Agora, adeus! Levam-me, envolta por uma imensa escuridão,
 enquanto te estendo — ai! já não sou tua! — as minhas fracas mãos.”
 Assim disse. De súbito, qual fumo que se mistura no ar insubstancial,
 500 fugiu dos olhos dele em direcção oposta e não mais o viu,
 a ele que em vão se esforçava por apanhar as sombras e queria,
 além disso, dizer-lhe muitas coisas. O barqueiro do Orco⁹¹
 não permitiu mais que ele cruzasse o obstáculo que é o lago.

⁹⁰ Dite.⁹¹ Caronte.

O que fazer? Para onde ir depois de arrebatada duas vezes a esposa?
 505 Com que choro poderia comover os Manes, com que voz os deuses?
 Ela, na verdade, já fria era levada na barca do Estige.
 Dizem que chorou durante sete meses inteiros, um a seguir ao outro,
 junto de uma rocha escarpada, à beira da água do ermo Estrímon.
 E pôs-se a contar a todos esta história pelos gélidos vales,
 510 amansando os tigres e conduzindo os carvalhos com o seu canto,
 tal como Filomela, que chora à sombra de um choupo a perda
 dos filhos que o cruel lavrador, depois de os descortinar,
 arrancou do ninho, ainda eles sem penas. Ela chora-os a noite
 inteira e pousada num ramo recomeça a sua lastimável canção
 515 e até bem longe enche os locais com os seus cantares desolados.
 Nem Vénus, nem himeneus alguns lograram mudar o seu ânimo.
 Só, ele percorria os Hiperbóreos gelados e o Tánais coberto de neve
 e os campos jamais viúvos da geada que vem dos Rifeus,
 chorando a perda de Eurídice e os inúteis presentes de Dite.
 520 As mães dos Cícones, desdenhadas neste tributo, despedaçaram
 o corpo do jovem e espalharam-no pelos vastos campos,
 no meio de rituais e orgias do nocturno Baco.
 Então, enquanto o Hebro de Eagro levava na sua corrente,
 rolando, a cabeça arrancada do marmóreo pescoço,
 525 a voz e a língua já fria ‘Eurídice!’ gritavam, e com a alma
 a fugir-lhe, ‘Ah!, infeliz Eurídice!’, chamava ele.
 E as margens repetiam o nome de Eurídice pelo rio abaixo.”
 Assim contou Proteu. E com um salto atirou-se para o fundo mar
 e, onde mergulhou, revolveu a onda espumosa num turbilhão.
 530 Tal não fez Cirene, pois falou por sua vontade ao apreensivo Aristeu:
 “Filho, é-te lícito pôr de parte os tristes cuidados do teu espírito.
 Esta é a causa de toda a doença. É por isso que as Ninfas,
 com as quais Eurídice fazia avançar os coros nos bosques profundos,

enviaram a lamentável morte às tuas abelhas. Dá-lhes oferendas,
 535 como suplicante e, pedindo a paz, venera as dóceis Napeias,
 pois elas concederão favor aos teus pedidos e rejeitarão a cólera.
 Mas primeiro dir-te-ei por ordem o modo como debes suplicar.
 Escolhe quatro touros de admirável corpulência
 que agora pastam nos teus cumes do verde Liceu,
 540 e outras tantas novilhas com a cerviz intocada. Para eles
 põe quatro altares junto dos elevados templos das deusas
 e deixa escorrer o sagrado sangue das suas gargantas.
 Depois, abandona os corpos dos bois no bosque frondoso.
 Mais tarde, quando a nona Aurora mostrar o seu nascimento,
 545 enviarás aos Manes de Orfeu papoilas do Letes como oferenda
 e imolarás uma ovelha negra, e visitarás o bosque.
 Honrarás Eurídice aplacada com o sacrifício de uma vitela.”

Sem demora, ele põe de imediato em prática as ordens da mãe.
 Vai até junto dos templos, ergue os altares indicados,
 550 traz os quatro touros de admirável corpulência
 e outras tantas novilhas com a cerviz intocada.
 Depois, quando a nona Aurora trazer o seu nascimento,
 envia as oferendas a Orfeu e revisita o bosque.
 Aqui observa um súbito portentoso, admirável de se dizer.
 555 Do ventre zumbiam abelhas entre as entranhas liquefeitas
 do boi, e saíam em enxame das suas costelas rebentadas.
 Estendem-se em nuvens enormes e já convergem para as copas
 das árvores, e dos ramos flexíveis penduram-se em cachos.

Isto cantava eu sobre o cultivo dos campos e do gado
 560 e sobre as árvores, enquanto o grande César lança os raios
 da guerra junto ao Eufrates e, vencedor, concede as leis
 aos povos submetidos e procura fazer o caminho até ao Olimpo.

Noutro tempo, alimentava-me a doce Parténope, a mim,
 Vergílio. Florescia dedicando-me a um ócio sem glórias,
 565 eu que brinquei com poemas de pastores e, na audácia
 da juventude, ó Títilo, te cantei à sombra de uma larga faia.⁹²

⁹² Citação do primeiro verso das *Bucólicas*.

Glossário

- Abido: cidade da antiga Mísia, situada no Helesponto, o estreito que separa o mar Egeu do mar de Mármara, perto da actual cidade Çanakkale, na Turquia (I 207).
- Acerras: actual cidade de Acerra, na província de Nápoles (II 225).
- Acte: nome poético para a Ática (IV 463).
- Alburno: montanha na província de Salerno, na Lucânia, Itália (III 146).
- Alcínoo: rei dos Feaces, que acolhe Ulisses após o naufrágio (II 87).
- Alfeu: rio da Élide, na Grécia, que se localiza perto do local onde decorriam os Jogos Olímpicos (III 180).
- Alpes: montanhas (I 475, III 475).
- Améria: pequena cidade na Úmbria, em Itália, hoje Amelia (I 265).
- Amiclas: cidade da Lacónia, região do sul da Grécia, perto da actual cidade de Amykles, não longe de Esparta (III 90, 345).
- Amineias: casta italiana de vinho. No cantão Valais, o termo existirá como *amigne* (II 97).
- Amitáon: pai do adivinho Melampo, que curou as filhas de Preto (III 550).
- Anfriso: rio que corre do monte Ótris para o mar, na Grécia central, na antiga Tessália (III 2).
- Anieno: rio do Lácio, actual Aniene, afluente do rio Tibre (IV 369).
- Aónia: nome antigo que designa a Beócia (centro da Grécia), onde se situa Ascra e o monte Hélicon, a morada das Musas (III 11).

Apolo: filho de Júpiter e Latona, deus da música, da poesia e da medicina, também designado Febo (III 2, 36, IV 323).

Aquário: constelação do zodíaco (III 304).

Aqueloo: hoje designado Acheloos, é um rio da antiga Etólia, que desagua na costa ocidental da Grécia, no mar Jónio (I 9).

Aqueronte: rio do Averno, o mundo subterrâneo da morte (II 492).

Aquilão: vento do norte (I 460, II 113, 261, 404, III 196). Ver Bóreas.

Aquiles: filho de Tétis e Peleu, rei da Ftia na Tessália, o grande herói grego da guerra de Tróia (III 91).

Arcádia: região do centro do Peloponeso, na Grécia (III 392, IV 284).

Arcturo: o guardião da Ursa. Estrela da constelação Boieiro (I 68, I 204).

Aretusa: ninfa das águas, amada por Alfeu, associada a Siracusa na Sicília (IV 344, 351).

Aristeu: pastor, filho de Apolo e da ninfa Cirene, que viveu na ilha de Ceos (hoje Kea), no mar Egeu (I 14, IV 317, 355, 363, 437, 530).

Ascânio: rio da Bitínia (Anatólia, actual Turquia) que desagua no mar Negro (III 270).

Ascra: localidade da Beócia, no centro da Grécia, terra natal do poeta Hesíodo (II 176).

Assáraco: avô de Anquises (pai de Eneias), rei de Tróia (III 35).

Assíria: região da Ásia (II 465).

Atlântides: filhas do gigante Atlas, foram transformadas em constelação e colocadas no céu após a morte (I 221).

Atos: montanha no nordeste da Grécia, na antiga Macedónia (I 332).

Aurora: deusa do amanhecer, descendente do Gigante Palante (I 248, 446, IV 544, 552).

Ausónia: designação que os gregos davam à metade sul de Itália, significando por extensão a Itália (II 385).

Austro: vento do sul (I 241, 333, 354, 418, 462, II 188, 271, 333, III 279, 430, IV 261).

Averno: lago da Campânia junto a Cuma e a Pozzuoli, não longe de Nápoles, considerado uma das entradas para o mundo infernal. Pode designar também o próprio inferno (II 164, IV 493).

Baco (gr. Dioniso): deus do vinho, filho de Júpiter e de Sêmele (II 2, 380, 388, 393, 454-455, III 264, 527, IV 522). Baco enquanto vinho (I 344, II 38, 112, 143, 191, 240, 275, IV 102, 129, 279, 380).

Bactro: capital da Bactriana, hoje Balkh, no Afeganistão (II 138).

Balança: signo do zodíaco (I 208).

Benaco: actualmente lago Garda, no norte de Itália (II 160).

Béroé: ninfa, filha do Oceano (IV 341).

Bisaltas: povo que habitava junto ao rio Struma, na região mais oriental da actual província da Macedónia, junto à Bulgária (III 461).

Boieiro: constelação do hemisfério norte, também designada Bootes. A sua estrela mais brilhante é Arcturo (I 229).

Bóreas: vento do norte, por vezes identificado com o Aquilão (I 93, 370, II 316, III 278).

Bretões: para os Romanos, os habitantes da região mais extrema do mundo (III 25).

Bumasto: casta de videira plantada em Itália. Em grego, *boumastos* significa “teta de vaca” (II 102).

Busíris: mítico rei do Egipto (III 5).

Caíco: rio que desagua no mar Egeu, na costa ocidental norte da actual Turquia, na antiga Mísia, hoje Bakırçay. Passava junto à famosa cidade de Pérgamo (IV 370).

Caístro: hoje Küçük Menderes, é um rio da antiga Lídia que desagua perto de Selçuk, cidade junto à antiga Éfeso, na Turquia (I 384).

Calábria: região do sul de Itália (III 425).

- Cálibes:** povo da Anatólia, região norte da actual Turquia, que se estabeleceu junto às margens do mar Negro (I 58).
- Camilos:** Marco Fúrio Camilo (c. 446-365), político e militar romano do período republicano, nomeado cinco vezes ditador (II 169).
- Canopo:** antiga cidade costeira do Egipto, situada no delta do Nilo (IV 287).
- Cão:** Cão Maior é uma constelação do hemisfério sul. Sírio é a sua estrela principal (I 218, II 353).
- Caónia:** região noroeste do Epiro, na costa ocidental da Grécia, a sul da Albânia (I 8).
- Caos:** personificação do vácuo primordial, anterior à criação (IV 347).
- Cápua:** antiga capital da Campânia, a norte de Nápoles, actual Capua Antica (II 224).
- Caronte:** o barqueiro que faz as almas atravessarem o rio no mundo dos mortos (IV 502).
- Cárpatos:** ilha do mar Egeu, entre Rodes e Creta, hoje Karpathos (IV 387).
- Castália:** fonte no monte Parnaso, consagrada a Apolo e às Musas (III 293).
- Cáucaso:** série de montanhas que se estende entre o mar Negro e o mar Cáspio (II 440).
- Cauro:** vento do noroeste (III 278, 356).
- Cécrops:** primeiro rei mitológico de Atenas (IV 177, 270).
- Céleo:** pai de Triptólemo e rei de Elêusis, que acolheu Ceres (Deméter) enquanto esta procurava a sua filha (I 165).
- Centauros:** seres fabulosos, metade homem, metade cavalo, filhos de Ixíon e de uma nuvem, Néfele, com a forma de Juno (II 456).
- Ceos:** ilha do arquipélago das Cíclades, no mar Egeu (I 15).
- Ceráunios:** cadeia de montanhas no antigo Epiro, que corresponde hoje a Llogara, na actual Albânia (I 333).
- Cérbero:** cão de três cabeças que guarda a entrada do Hades (IV 483).

- Ceres** (gr. Deméter): deusa da agricultura, em especial dos cereais, irmã de Júpiter e mãe de Prosérpina (I 7, 96, 147, 213, 297, 338, 343, 347, 350, II 229).
- César (1):** Gaio Octávio (63 a.C.-14 d.C.), filho adoptivo de Júlio César (passando a chamar-se Gaius Iulius Caesar Octavianus, e ganhando em 27 a.C. o título de Augusto), foi o primeiro governante do chamado Império Romano (I 24, 503, II 170, III 16, 47-48, IV 560).
- César (2):** Gaio Júlio César, político, general e intelectual romano; pai adoptivo de Octaviano, futuro imperador Augusto (I 466).
- Ceo:** gigante da raça dos Titãs, filho de Úrano (o Céu) e de Geia (a Terra) (I 279).
- Cíbele:** deusa da Frígia, muitas vezes chamada Mãe dos deuses ou Grande Mãe (IV 64).
- Ciclopes:** gigantes, geralmente situados na Sicília (também na ilha grega de Lemnos, e nos Campos Flegreus, hoje Pozzuoli, no Golfo de Nápoles); fabricavam os raios de Júpiter (I 472, IV 170).
- Cícones:** povo da Trácia, região da actual Bulgária (IV 520).
- Cidipe:** nome de uma Ninfa (IV 339).
- Cila:** filha de Niso, rei de Mégara, cidade no Istmo de Corinto, que foi metamorfoseado em ave marinha (I 405).
- Cílaro:** cavalo que Juno ofereceu a Castor e Pólux (III 89).
- Cilene:** planeta Mercúrio. Vergílio atribui-lhe este nome porque designa também uma montanha na Arcádia (hoje monte Kyllini, no norte do Peloponeso, Grécia), local de nascimento do deus Mercúrio (I 337).
- Cínife:** pequeno rio (hoje Wadi Ka'am) e vale a leste de Léptis Magna, cidade da Líbia, cujas ruínas estão situadas junto à actual Homs (III 312).
- Cíntio:** epíteto de Apolo, que nasceu no Monte Cinto, em Delos (III 36).
- Cipiões:** célebre família romana do tempo da Roma republicana, que se destacou nas Guerras Púnicas (264-146 a.C.) (II 170).

- Cirene: ninfa da Tessália, região da Grécia, mãe de Aristeu (IV 321, 354, 375, 530).
- Citéron: montanha entre Ática e Beócia (hoje monte Kithairon), relacionada com o culto a Baco (III 43).
- Cítia: extensa região a norte do mar Negro (I 240, III 197, 349).
- Citoro: o monte Kalafat situa-se na margem do mar Negro, na antiga Paflagónia, hoje na província de Cide, actual Turquia. Era famoso pela sua madeira (II 437).
- Clânio: pequeno rio da Campânia (II 225).
- Clímene: filha do Oceano e de Tétis (IV 345).
- Clio: uma das ninfas oceânides (IV 341).
- Clitumno: rio da Úmbria, afluente do rio Topino, hoje Clitunno (II 146).
- Cnosos: capital do reino de Minos, actual Knosos, perto da costa norte central de Creta, não longe da cidade costeira de Iráklío (I 222).
- Cocito: um dos rios do Hades (III 38, IV 479).
- Cordeiros: duas estrelas que anunciam as tempestades, pertencentes à constelação do Cocheiro (ou Auriga) (I 205).
- Córico: cidade costeira da antiga Cilícia, hoje Kızkalesi, na costa sul da actual Turquia (IV 127).
- Coroa: Coroa Boreal, originalmente feita por Hefesto e dada por Baco (Dioniso) a Ariadne, filha do rei Minos de Creta. Mais tarde foi transformada em constelação (I 222).
- Creta: ilha do Mediterrâneo (III 345).
- Crustúmio: antiga cidade na Sabina, na zona do Lácio, hoje situada em Marcigliana Vecchia, a norte de Roma, não longe de Settebagni (II 88).
- Curetes: habitantes de Creta que protegeram Júpiter quando criança (IV 151).
- Dácio: povo da Dácia, região a leste do mar Negro, correspondendo sensivelmente à actual Roménia (II 497).
- Décios: família do início da República, conhecida pelo sacrifício em batalha (II 169).

- Dejopeia: uma das ninfas do mar (IV 343).
- Delos: ilha do mar Egeu, no arquipélago das Cíclades, consagrada a Apolo e Diana (III 6).
- Deucalião: filho de Prometeu; sobrevive ao dilúvio universal com a esposa Pirra (I 62).
- Dicte: monte em Creta, hoje monte Dikti (II 536).
- Dite: nome de Plutão, rei do mundo subterrâneo da morte (IV 467, 493, 519).
- Dodona: cidade no Epiro, região ocidental da Grécia, famosa pelo seu templo a Zeus (Júpiter) (I 149).
- Doenças: personificação (III 552).
- Dragão: constelação *Draco*. Devido à sua proximidade com o Polo Norte, é recomendada para a navegação (I 205, 244).
- Dríades: ninfas dos bosques (I 11, III 41, IV 460).
- Drimo: nome de uma ninfa (IV 336).
- Eagro: rei da Trácia e pai de Orfeu (IV 523).
- Ébalo: rei de Esparta, cujo nome se aplica por vezes para designar a cidade de Tarento, actual Taranto, no sul de Itália, fundada por espartanos (IV 125).
- Efialtes: gigante fulminado por Júpiter (I 280).
- Éfira: oceânide e primeira habitante de Corinto. Éfira é o nome arcaico da cidade (II 464, IV 343).
- Elêusis: cidade da Ática, hoje Elefsina, famosa pelos mistérios consagrados a Deméter (Ceres) (I 163).
- Élide: região e cidade a noroeste do Peloponeso (I 59, III 202).
- Elísios: Campos Elísios, morada após a morte dos homens e heróis virtuosos (I 38).
- Emátia: região da Macedónia; por vezes designa a Macedónia e a Tessália juntas (I 492, IV 390).
- Enipeu: rio da Tessália, hoje Enipeas, na Grécia central (IV 368).
- Eoo: Aurora, a estrela da madrugada (I 288). Ver Aurora.

- Epidauro: cidade na costa Leste do Peloponeso (III 44).
- Epiro: região norte da Grécia, hoje abarcando também o sul da Albânia (I 59, III 121).
- Érebo: nome do mundo subterrâneo da morte (IV 472).
- Erictónio: rei de Atenas, filho de Vulcano e nascido sem mãe (III 113).
- Erídano: actualmente o rio Pó, no norte de Itália (I 481, IV 371).
- Erígone: filha de Icário; foi colocada no céu por Dioniso (Baco) como constelação, junto a Virgem (I 33).
- Escorpião: constelação (I 33, 34).
- Esperqueu: rio da Tessália, o actual Sperchios, que desagua no golfo de Mália, a norte da Eubeia (II 487).
- Estige: rio do mundo subterrâneo da morte (I 243, III 551, IV 480, 506).
- Estrímon: rio da Trácia, o actual Struma que nasce na Bulgária e desagua na costa norte da Macedónia grega (I 120, IV 508).
- Etna: vulcão na Sicília (I 471, IV 173).
- Etrúria: região italiana a norte do Lácio (II 534).
- Eufrates: rio da Mesopotâmia (I 509, IV 561).
- Euménides: Benfazejas, termo para designar as Erinias ou Fúrias após um processo de mudança de velhas divindades vingadoras de crimes de sangue (I 278, IV 482).
- Eurídice: esposa de Orfeu (IV 486, 491, 519, 525-527, 533, 547).
- Euristeu: rei de Micenas, filho de Esténelo. Foi ele quem ordenou a Hércules a execução dos doze trabalhos (III 4).
- Euro: vento de sudeste (I 371, 453, II 108, 339, 441, III 277, 382, IV 28, 192).
- Falerno: um dos vinhos mais famosos em Itália, muito referido pelo poeta Horácio. A sua vinha estendia-se pelo campo Falerno, na Campânia (II 96).
- Faneu: vinho da ilha grega de Quios (II 98).
- Fásis: rio da antiga Cólquida, que desagua no mar Negro. Hoje rio Rion, na Geórgia (IV 367).

- Fauno: divindade romana dos campos e da vida silvestre (I 10, 11).
- Febe: brilhante, epíteto de Diana e, por vezes, nome equivalente (I 431).
- Filipos: cidade na Macedónia oriental, Grécia, hoje Filippi, local da batalha na qual Marco António e Octaviano (mais tarde Augusto) venceram os exércitos da facção anti-César, comandados por Bruto e Cássio, em 42 a.C., pondo assim termo a uma guerra civil (I 490).
- Fílira: mãe do centauro Quíron (III 550).
- Filódoce: nome de ninfa (IV 336).
- Filomela: irmã de Procne, metamorfoseada em rouxinol (IV 511).
- Folo: centauro que tomou parte na batalha contra os Lápitias (II 456).
- Frígia: região da Ásia Menor, hoje na actual Turquia (IV 41).
- Fúrias: Tisífone, Aletó e Megera eram as três Fúrias. Ver Euménides (III 37).
- Galeso: rio próximo de Tarento, no sul de Itália (IV 126).
- Gangáridas: povo da região do rio Ganges (III 27).
- Ganges: rio da Índia (II 137).
- Gárgaro: um dos cumes do monte Ida, o Kazdağ, perto da costa ocidental norte da Turquia, na antiga região da Tróade (I 103, III 269).
- Gelonos: povo de localização incerta, provavelmente originário da actual Ucrânia (II 115).
- Germânia: vasta região que se estendia do rio Reno às florestas da actual Rússia (I 474, 509).
- Getas: povo localizado na costa ocidental do mar Negro (III 462, IV 463).
- Glauco (1): pescador transformado em divindade marinha (I 437).
- Glauco (2): criador de éguas alimentadas com carne humana, em Pótnias. Ao mantê-las afastadas dos cavalos, incorreu na ira de Vénus; esta fez com que as éguas enlouquecessem e despedassem o seu criador (III 268).

Hebro: rio na Trácia, que atravessa a actual Bulgária (é presente-mente o Maritsa), Turquia (Meriç) e a Grécia (aqui chamado Evros), onde desagua no mar Egeu (IV 463).

Helesponto: estreito entre a Trácia e a Ásia Menor, hoje estreito de Dardanelos, na Turquia, ligando o mar Egeu ao mar de Mármara (IV 110).

Hemo: cadeia montanhosa na antiga Trácia, actualmente conhecida por Balcãs, montanhas que dividem a actual Bulgária da Roménia (I 492, II 488).

Hércules: herói, mais tarde divinizado, filho de Júpiter e de Alcmena (II 66).

Hermo: rio da Lídia na actual Turquia (hoje Gediz), que desagua no mar Egeu, no golfo de Izmir (II 137).

Híades: filhas de Atlas e irmãs das Pléiades (I 138).

Hidaspes: rio da Índia, actualmente identificado com o rio Jhelum, afluente do Indo (IV 211).

Hilas: participante na expedição dos Argonautas (III 6).

Hileu: centauro que tomou parte na batalha contra os Lápitas (II 457).

Hiperbóreos: povo fabuloso que habitaria no extremo norte da terra (III 196, 382, IV 517).

Hípanis: rio da antiga Cítia (actual Southern Buh), região correspondente a parte da Ucrânia, que desagua no mar Negro (IV 370).

Hipodamia: filha de Enómao, rei da Élide (III 7).

Histro (1): nome antigo para o rio Danúbio (II 497).

Histro (2): actual rio Dniestre, que percorre a Ucrânia e a Moldova, desaguando no mar Negro, caso não se refira ao Danúbio (III 350).

Iaco: deus cuja imagem dirige a procissão dos iniciados nos Mistérios de Elêusis. Por vezes é identificado com Baco (I 166).

Ida: cadeia montanhosa de Creta (II 84, III 450).

Idumeia: localidade no sul da Palestina, actual Israel, junto ao deserto de Negev, famosa pelas suas palmeiras (III 12).

Ínaco: pai de Io, antepassado de Perseu (III 153).

Indígetes: divindades primitivas romanas (I 498).

Indos: habitantes da Índia (II 138, IV 425).

Ino: filha de Ínaco, metamorfoseada por Juno em novilha (I 437).

Inveja: personificação (III 37).

Ísmaro: monte na antiga Trácia, hoje monte Ismaros no norte da Grécia, famoso pelo seu vinho já desde Homero (II 37).

Ítureia: região noroeste da Palestina (II 448).

Ixíon: apesar de ter assassinado o sogro, Ixíon obteve o perdão de Júpiter mas, revelando enorme ingratidão, tentou depois violentar Juno. Como punição, Júpiter amarrou Ixíon a uma roda em chamas, girando sem parar, castigo que se perpetuaria por toda a eternidade (III 38, IV 484).

Jápeto: um dos Titãs, filho de Geia, pai de Prométeu, Epitemeu e Atlas (I 279).

Japídia: norte da Dalmácia, território que actualmente abrange a Croácia, a Bósnia e a Herzegovina, o Montenegro e a Sérvia (III 476).

Jónia: região da costa sudeste da Anatólia, actualmente Turquia (II 107).

Juno: irmã e esposa de Júpiter (III 152, 532).

Júpiter: rei dos deuses, filho de Saturno, irmão e esposo de Juno (I 121, 125, 418, II 15, 419, III 36, 181, 332, IV 149).

Justiça: personificação. A Justiça foi a última dos mortais a abandonar a terra e refugiou-se no céu, tornando-se a constelação Virgem (II 474).

Lacedemónia: região do Peloponeso com capital em Esparta (II 487).

Lageu: tipo de vinho (II 93).

Laomedonte: rei de Tróia, pai de Príamo (I 502).

Lápitas: povo da Tessália que travou um famoso combate com os Centauros (II 457).

Lário: actualmente o lago Como, em Itália (II 159).

Latona: filha do Titã Ceo, amada por Júpiter, mãe de Apolo e Diana (III 6).

Leneu: o dos lagares; um dos títulos de Baco (II 4, 7, 529, III 509).

Lesbos: ilha do Mar Egeu (II 90).

Letes: o rio do esquecimento; corre no mundo subterrâneo da morte, provocando o esquecimento (IV 545).

Líber: divindade itálica da vinha, é associada a Baco (I 7).

Líbia: actual Líbia e, por extensão, África (I 241, II 106, III 249, 339).

Licáon: rei da Arcádia, pai de Calisto. Tendo a filha dado à luz um filho de Júpiter, Árcade, Juno transformou-a em urso e Júpiter colocou-a no céu como Ursa Maior (I 138).

Liceu: o monte dos lobos; monte da Arcádia no actual Peloponeso, Grécia, região de pastores e do deus Pã (I 16, III 2, 314, IV 539).

Lico: actual Kelkit, na Anatólia, Turquia (IV 367).

Licoriade: ninfa de Licoreia, uma cidade no cume do monte Parnaso, com associação ao oráculo de Apolo (IV 339).

Lieu: o que relaxa; um dos epítetos de Baco (II 229).

Ligeia: nome de ninfa (IV 336).

Lígures: habitantes da Ligúria, no norte de Itália (II 168).

Lúcifer: o astro da manhã, ou seja, o planeta Vénus. Quando é visível ao entardecer tem o nome de Héspero (III 324).

Lucina: divindade relacionada com os partos (III 60, IV 340).

Lucrino: lago junto ao golfo de Nápoles e do lago Averno, em Pozzuoli (II 161).

Maia: uma das Pléiades, mãe de Mercúrio (I 225).

Manes: espíritos dos defuntos na religião romana (I 243, IV 469, 489, 505, 545).

Mântua: cidade da Lombardia, no norte de Itália, pátria do poeta Vergílio (II 198, III 12).

Mareótico: referente do lago Mariout, no Egipto, próximo de Alexandria (II 91).

Mários: alusão a Gaio Mário (157-86 a.C.), político e general romano conhecido pela vitória contra Jugurta e pela guerra civil contra Sula (II 169).

Marsos: povo a norte do Lácio (II 167).

Marte (gr. Ares): deus da guerra, filho de Júpiter; por vezes personifica a própria guerra, a batalha, o combate (I 511, II 283, III 91, IV 70, 346).

Mássico: monte Massico, na província de Caserta, na Campânia (II 143, III 526).

Mecenas: Gaio Mecenas (70-8 a.C.), político, estadista e patrono das letras durante grande parte do principado de Augusto (I 2, II 41, III 41, IV 2).

Média: região que corresponde ao território no noroeste do actual Irão (II 126 IV 211).

Medos: habitantes da Média (II 134, 136).

Mela: rio que passa pela cidade de Brescia e desemboca no rio Oglio, afluente do Pó (IV 278).

Melampo: adivinho que curou as filhas de Preto, rei de Argos (III 550).

Melicertes: filho de Atamante e de Ino-Leucótoe (I 437).

Ménalo: cadeia de montanhas na antiga Arcádia, no centro do Peloponeso, hoje Mainalo (I 17).

Meónia: primitivo nome da Lídia, região da Ásia Menor, na actual Turquia (IV 380).

Meótico: o mar de Azov (III 350).

Metimna: cidade na ilha de Lesbos no mar Egeu (II 90).

Micenas: cidade no Nordeste do Peloponeso, pátria de Agamémnon (III 121).

Mileto: cidade junto à costa do mar Egeu, na Turquia, perto da actual cidade de Balat (III 306).

Míncio: rio de Itália, afluente do Pó (III 14).

Minerva (gr. Palas Atena): irmã de Júpiter, deusa da sabedoria e das artes, patrona da cidade de Atenas (I 18, IV 246).

Mísia: região da Ásia Menor, no Noroeste da actual Turquia, perto do mar de Mármara (I 102, IV 370).

Molorco: bosque que estabelecia o cenário para as Nemeias, jogos dedicados a Zeus na cidade da Nemeia, localizada na parte nordeste do Peloponeso (III 20).

Molosso: povo semibárbaro, que habitava no extremo noroeste da Grécia, o Epiro (III 405).

Napeias: ninfas dos vales (IV 535).

Nárico: cidade da Lócrida Opúncia, na Grécia, região costeira junto ao golfo da Eubeia (II 438).

Neptuno (gr. Posídon): deus dos mares, irmão de Júpiter e de Plutão (I 12, III 122, IV 29, 387, 394).

Nereu: filho do Ponto e de Geia. É frequentemente representado como deus do mar e pai das Nereides. À semelhança de Proteu e outras divindades marinhas, possui o dom de se metamorfosear (IV 391).

Nifate: montanha da Arménia (um rio em referências mais tardias), usada como símbolo das terras do Oriente, pacificadas entre 30 e 29 a.C. (III 30).

Niso: irmão de Egeu, rei de Mégara e pai de Cila (I 404, 407-408).

Nórica: região que corresponde a grande parte da Áustria e parte da Baviera (III 475).

Noto: vento do sul, também designado Austro (I 444).

Octaviano: ver César (I 500).

Olimpo: montanha entre a Tessália e a Macedónia, na Grécia, lendária morada dos deuses (I 96, 282, 450, III 223, IV 562).

Ópis: ninfa do mar (IV 343).

Orco: outro nome para o reino da morte (I 278, IV 502).

Orfeu: poeta de Trácia, filho de Eagro e Calíope, esposo de Eurídice (IV 454, 464, 485, 494, 545, 553).

Oritia: filha de Erecteu, rei de Atenas, irmã de Prócris, esposa de Bóreas (IV 463).

Ossa: montanha na Tessália (I 281-282).

Oto: gigante fulminado por Júpiter (I 280).

Pã: deus dos bosques e dos rebanhos (I 17, II 494, III 391).

Pafos: cidade na costa ocidental do Chipre (II 64).

Palas: epíteto da deusa grega Atena, Minerva em Roma (II 181). Ver Minerva.

Palatino: um dos montes de Roma, berço de Rómulo e Remo (I 499).

Palene: uma das três penínsulas em que se divide a Calcídica, a sul Macedónia (IV 390).

Pales: divindade (normalmente feminina), protectora dos rebanhos e manadas. A sua festa, os *Parilia*, era celebrada no dia 21 de Abril (data da fundação de Roma), onde se acendiam fogueiras que os pastores saltavam (III 1, 294).

Pancaia: terra imaginária rica em incenso, especiarias e essências aromáticas, situada no mar Vermelho, no extremo do Corno de África (II 139, IV 380).

Pangeu: montanha no norte da Grécia, na antiga Macedónia, hoje Paggai, não muito distante da cidade costeira de Cavala (IV 462).

Panopeia: ninfa, filha de Nereu (I 437).

Parnaso: montanha da Fócida, na Grécia, perto do golfo de Corinto, na qual se situa Delfos, santuário consagrado a Apolo e às Musas (II 18, III 291).

Paros: ilha do mar Egeu do arquipélago das Cíclades (III 34).

Parténope: antigo nome de Nápoles (IV 563).

Partos: habitantes da Pártia, aproximadamente parte nordeste do actual Irão (III 31, IV 211, 314).

Paz: deusa da Paz (II 425).

Peixe: *Piscis Austrinus*, constelação do hemisfério sul (IV 234).

Peletrónio: vale junto ao monte Pélion na Tessália, habitado pelos Centauros e Lápitais, que toma o seu nome do rei epónimo dos Lápitais, Peletrónio (III 115).

Peleu: marido de Tétis e pai de Aquiles (IV 287).
 Pélion: montanha na Tessália, na base de uma península a norte da Eubeia, tendo o golfo Pagasético de um lado e o mar Egeu do outro (I 281, III 94).
 Pélops: filho de Tântalo e irmão de Níobe. Casou com Hipodamia após vencer Enómao numa corrida de cavalos. Num banquete dos deuses, Tântalo ofereceu aos deuses o próprio filho como manjar. Ceres comeu o seu ombro esquerdo, mas apercebendo-se os deuses de tão repugnante acto, devolveram Pélops à vida e foi-lhe dado um ombro de marfim (III 7).
 Pelúcio: cidade situada no nordeste do delta do Nilo. Aqui designa o Egipto no seu todo (I 228).
 Peneu: rio na Tessália, correndo do monte Pindo até ao mar Egeu, e respectivo deus (IV 317, 356).
 Pesto: cidade costeira na região sul da Campânia (IV 119).
 Pisa: cidade da Élide, perto de Olímpia, na região noroeste do Peloponeso (III 180).
 Pléiades: sete filhas de Atlas e Plêione, irmãs das Híades, metamorfoseadas em aglomerado de estrelas (I 138).
 Pó: rio no norte de Itália, que desagua no mar Adriático (II 451).
 Pólux: irmão gémeo de Castor, filho de Zeus e de Leda, irmão de Helena (III 89).
 Ponto: o mar Negro e a zona envolvente (I 58, 207).
 Pótnias: cidade grega da Beócia, perto de Tebas (III 268).
 Priapo: deus da procriação e da fecundidade, dos jardins e dos vinhedos (IV 110).
 Procne: filha de Pandión, irmã de Filomela e esposa de Tereu, metamorfoseada em andorinha (IV 15).
 Prosérpina (gr. Perséfone): filha de Ceres e de Júpiter, esposa de Plutão depois de este a ter raptado (I 39, IV 487).
 Proteu: divindade do mar que podia metamorfosear-se em múltiplas formas (IV 388, 422, 429, 439, 447, 528).
 Psítia: uma casta de uva (II 93, IV 269).

Quirino: nome de Rómulo após a sua divinização (III 27).
 Quirites: sabinos originários de Cures (hoje Corese), fixados no Quirinal, que passaram a designar os cidadãos de Roma (IV 202).
 Quíron: centauro filho de Fílira e Saturno, pai de Ocíroo, mestre de Aquiles e Esculápio (III 550).
 Reso: rei da Trácia, morto por Ulisses (IV 462).
 Rética: tipo de vinho. O termo existirá ainda no cantão suíço Alto Valais (*rêze*) (II 96).
 Reto: centauro que toma parte na batalha contra os Lápitas (II 456).
 Rifeus: montanhas de localização incerta, porventura na Rússia meridional, geralmente significando um local inóspito a norte e leste (I 241, III 382, IV 518).
 Rodes: ilha e cidade no mar Egeu (II 101).
 Ródope: os Balcãs, cadeia montanhosa na antiga Trácia, hoje na Bulgária (I 332, III 351, 462, IV 461).
 Rómulo: filho de Marte e de Ília (também chamada Reia Sílvia), pai do povo romano (I 498).
 Sabeus: habitantes de Sabeia, região no sudoeste da Península Arábica, cuja capital, Saba, era célebre pelos produtos aromáticos, como incenso e mirra (I 57, II 117).
 Sabinos: povo da Itália, a nordeste de Roma (II 532, III 255).
 Sarra: antigo nome de Tiro, cidade do actual Líbano, de onde Roma importava a púrpura (II 506).
 Saturno (gr. Crono): soberano do mundo antes de Júpiter; pai de Júpiter, Juno, Neptuno e Plutão (I 336, II 173, 406, 538, III 92).
 Seres: os chineses (II 121).
 Sícion: cidade costeira do Peloponeso, perto de Corinto (II 519).
 Sila: maciço montanhoso coberto de bosques, em Itália, na região de Abruzzo (III 219).
 Sílaro: rio que separa a Campânia da Lucânia, hoje Sele (III 146).

- Silvano: divindade romana dos campos (I 20, II 494).
- Sírio: estrela principal da constelação *Canis* (IV 425).
- Sísifo: um dos mais famosos supliciados do Tártaro, cujo castigo consistia em ter de subir um pedregulho por uma encosta acima, que, prestes a atingir o cume, rola de volta para baixo (III 39).
- Taburno: monte situado na Campânia, na direcção de Benevento (II 38).
- Taígeto: cadeia montanhosa no sul do Peloponeso, na Grécia (II 487, III 44, IV 232).
- Tânagro: rio da província de Salerno (III 151).
- Tánais: rio da antiga Cítia, hoje Don, na Rússia, que desagua no mar de Azov (IV 517).
- Tarento: cidade do sul de Itália, na Calábria, hoje Taranto (II 197).
- Tártaro: nome para o mundo subterrâneo da morte (I 36, II 292, IV 482).
- Tassos: cidade localizada na ilha com o mesmo nome, no mar Egeu (II 91).
- Tégea: cidade da Arcádia, pátria de Atalanta, moderna Paleo-Episcopi (I 17).
- Tempe: vale do rio Peneu na Tessália, situado na região entre o monte Olimpo, a norte, e o monte Ossa, a sul (II 470, IV 317).
- Ténaro: promontório do Taígeto, no sul do Peloponeso, que teria uma entrada com acesso ao mundo subterrâneo (IV 467).
- Tesidas: descendentes de Teseu (II 382).
- Tétis: ninfa do mar, filha de Nereu e de Dóris, mãe de Aquiles (I 31, 398).
- Tibre: rio que atravessa o Lácio e Roma (I 499, IV 369).
- Tifeu: gigante vencido por Júpiter e esmagado sob o Etna (I 279).
- Timavo: pequeno rio da província de Trieste que desagua no mar Adriático perto da cidade de Monfalcone (III 476).
- Timbra: cidade troiana com grande culto a Apolo, situada na região de Tróia, no noroeste da Turquia (IV 323).
- Tiro: cidade do actual Líbano (III 17, 307). Ver Sarra.

- Tirreno: mar que banha a costa ocidental de Itália (II 164).
- Tirreno: habitante da Etrúria (II 193).
- Tisífone: uma das Fúrias (III 551).
- Títiro: nome de um dos pastores que protagoniza a *Bucólica I* de Vergílio (IV 566).
- Titono: irmão de Príamo, amado de Aurora, que obteve a imortalidade (I 447, III 48).
- Tmolos: montanha na Lídia, na parte ocidental da Turquia (I 56, II 98).
- Touro: constelação do hemisfério norte (I 217).
- Triptólemo: filho de Céleo e de Metanira, recebeu Ceres em sua casa quando esta procurava Prosérpina. Como recompensa pela hospitalidade, a deusa ofereceu-lhe um carro puxado por dragões e ordenou-lhe que partisse pelo mundo, semeando grãos de trigo (I 19).
- Tróia: cidade na Frígia, junto ao estreito de Dardanelos, geralmente identificada com Hissarlik, na Turquia (I 502, II 385, III 36).
- Trós: pai de Assáraco e bisavô de Anquises (III 36).
- Tule: ilha fabulosa localizada no ponto mais a norte da Europa (I 30).
- Vénus (gr. Afrodite): deusa do amor, mãe de Cupido e de Eneias, esposa de Vulcano (II 329, III 64, 97, 137, 211, 267, IV 199).
- Vésper: planeta Vénus quando é visível à tarde, depois do pôr do sol (I 251, 461, IV 186, 434, 474).
- Vesta: deusa romana do fogo doméstico e da cidade (I 498, IV 384).
- Vesúvio: vulcão localizado no golfo de Nápoles, em Itália (II 225).
- Volema: tipo de pêra (II 88).
- Volscos: povo do sul do Lácio (II 168).
- Vulcano: deus do fogo e da metalurgia, esposo de Vénus (I 295, IV 346).
- Xanto: nome de uma ninfa (IV 336).
- Zéfiro: vento de Oeste, também chamado Favónio, geralmente considerado brando e suave (I 44, 371, II 106, 330, III 134, 273, 322, IV 138, 305).